



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

ÉPOCA

23.03.20

ILUSÕES OLÍMPICAS

O QUE A HISTÓRIA
ENSINA SOBRE JOGOS
CANCELADOS

por Thales Machado

A LITERATURA DA QUARENTENA

A DOR E O SOFRIMENTO
DAS EPIDEMIAS
NOS GRANDES AUTORES

por Jerônimo Teixeira

UM BOLSONARISTA CONSCIENTE

RONALDO CAIADO EXPLICA
POR QUE FOI PESSOALMENTE
DISPERSAR OS PROTESTOS

por Naira Trindade



EPOCA.GLOBO.COM
Nº 1132

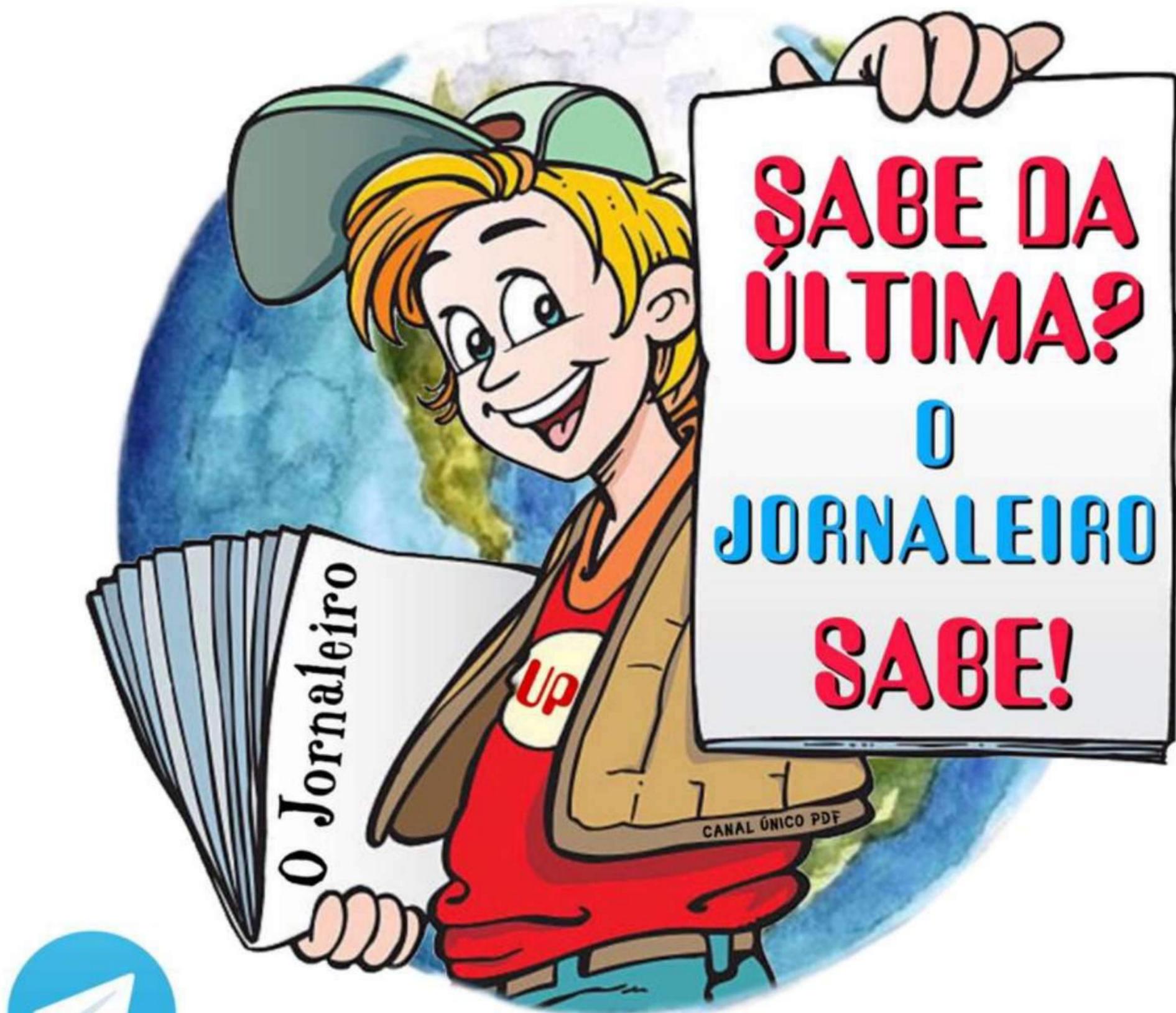
CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL
APROXIMADAMENTE 4,65%

EXEMPLAR DO ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

A BOMBA DO CORONAVÍRUS

- AS CONFUSÕES DO WHATSAPP PRESIDENCIAL DURANTE A CRISE
- O QUE PODE ACONTECER COM O GOVERNO PÓS-PANELAÇOS
- A PARADA TOTAL DA ECONOMIA, E OS CAMINHOS DA RETOMADA

Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!

Acesse nosso Canal no Telegram:

t.me/jornaiserevistas ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)

“ PARA A AIR FRANCE-KLM,

a escolha do Ceará como porta de entrada se deu por sua posição estratégica em relação à Europa e aos outros estados importantes do Brasil. Além disso, é essencial mencionar as belezas e o desenvolvimento de Fortaleza e do Estado do Ceará como um todo – as praias, o comércio e as empresas. Tudo isso impulsiona o turismo na região e o aprimoramento da oferta para o novo público que chega para conhecer.”

Jean-Marc Pouchof

Diretor-Geral Air France-KLM América do Sul



CE

www.ceara.gov.br

    /governodoceara

O GOVERNO
QUE NÃO PARA,
O GOVERNO
QUE FAZ.



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
NOVAS IDEIAS, NOVAS CONQUISTAS.

dos editores

O RECADO DAS PANELAS

Os primeiros painelaços contra Dilma Rousseff se deram em março de 2015, e tornaram-se mais frequentes e barulhentos à medida que se intensificavam a crise política, provocada pelos desdobramentos do gigantesco esquema de corrupção do petrolião, e a econômica, impulsionada pelos graves erros da administração da presidente, até culminar no impeachment, mais de um ano depois. Cinco anos após as primeiras manifestações, as panelas voltaram às janelas e varandas pelo país, na noite da quarta-feira, no primeiro protesto suprapartidário de relevo contra o governo de Jair Bolsonaro.

O painelaço atual é a tradução em barulho do descontentamento dos brasileiros com a maneira como Bolsonaro conduziu a crise do novo coronavírus até aqui. Quando deveria ter sido o primeiro a alertar sobre a gravidade do problema, minimizou. Na hora de preparar o país para o baque, tergiversou. No momento em que deveria ter se afastado do populismo, abraçou manifestantes. Em vez de reconhecer os erros acumulados, culpou os inimigos de sempre. A entrevista coletiva da quarta-feira, horas antes do painelaço, pareceu representar ao menos um ponto de inflexão do governo. Mesmo com a cena patética do presidente e de ministros todos de máscara, que manuseavam em total desconformidade com as boas regras sanitárias, Bolsonaro finalmente reconheceu a ameaça da pandemia do novo coronavírus, ainda que tenha insistido, de novo, que haveria uma certa “histeria”. Não há. O que existe, corretamente, é informação e preparação para tentar amenizar o impacto de uma pandemia mortal no país.

As primeiras mortes provocadas pelo novo coronavírus trouxeram definitivamente a concretude que faltava à doença. Não se trata mais de um vírus distante, com milhões de confinados na China, ou de algo que só acontece na Europa, onde os mortos contam-se diariamente às centenas, mas sim de uma crise que começou a matar brasileiros — e que, infelizmente, ainda vai matar muitos mais nos próximos dias, semanas e meses.

As panelas emitem o mesmo sinal a Bolsonaro, de que não se trata mais de uma crise imaginária bolada pela imprensa ou de uma perda de popularidade captada por pesquisas que o presidente faz questão de desacreditar. Os brasileiros, já acossados por um desemprego que não cede, perderam a paciência com os desvarios no enfrentamento da crise de saúde. Ainda há tempo de corrigir o rumo, e o governo, apesar de Bolsonaro, já vinha tomando algumas medidas na direção certa. O sistema de saúde precisa ser preparado para os milhares de casos que virão, com a abertura de vagas em UTIs, ampliação do número de respiradores, vitais para tratar dos casos mais graves, e a expansão tanto quanto possível da testagem de suspeitos de contaminação. A economia, agora já com o estado de calamidade aprovado pela Câmara, precisa de um impulso firme, com amparo aos trabalhadores e setores mais afetados e visão de médio prazo para uma retomada rápida quando todo esse pesadelo tiver passado.

A janela de tempo do presidente se estreitou, mas ainda há portas abertas para fazer o que precisa ser feito.

**GRANDES NOMES
JÁ PISARAM
NESTE PALCO.
É UMA HONRA TER
O NOSSO AQUI.**

agencia3

Refit. A Refinaria Patrocinadora do Teatro Rival Refit.

A cultura é a alma do povo e o Rival é um dos grandes símbolos da cultura carioca. É um orgulho para a Refit poder comemorar, juntos, mais um ano dessa grande história. 22 de março. Parabéns, Teatro Rival Refit, por seus 86 anos.

Refit. Abastecendo a alma carioca.



do leitor

escreva para
epoca@edglobo.com.br

ÉPOCA 1131



MAIS DE 1 MILHÃO DE NOVOS INVESTIDORES DA BOLSA ENFRENTAM A PRIMEIRA CRISE

O impacto causado pelo coronavírus é um teste para os novatos que apostaram em ações nos últimos dois anos

Um dia Tom Jobim disse que o Brasil não é para principiantes. A Bolsa é para principiantes com moderação.

Márcio dos Santos Barbosa,
Rio de Janeiro, RJ

A primeira vez a gente nunca esquece. Isso é antigo, mas a pura verdade. No caso da Bolsa, é claro, muita gente nunca esquecerá. Mas, também como se diz, os apressados podem comer cru, e quem não tiver os nervos no lugar e se apavorar vai perder tudo que conseguiu em alguns anos de vida. Sempre se diz que a Bolsa é uma gangorra, e em época de crises isso piora muito. Quem investe na Bolsa, então, precisa saber que esse dinheiro não é para necessidades, e sim um investimento a médio e longo prazo. Fora isso, é preciso ter paciência, porque tudo que vai volta, mesmo que demore um pouco. Eu já perdi e aprendi. E estou calmo e tranquilo, afinal de contas, empresas não pegam coronavírus, mas as pessoas sim. Por isso espero que em breve tudo volte à normalidade e que todos se conscientizem de que o principal é espantar a doença e suas ameaças para o bem do Brasil e de seu povo.

Antonio Marques, Rio de Janeiro, RJ

Muita gente, vendo suas economias praticamente sem render nada no seguro mercado das aplicações de renda fixa, acabou sucumbindo à tentação de fazer o dinheiro trabalhar para si e caiu na Bolsa, que agora atravessa uma forte desvalorização. Nesse sentido, a reportagem da revista ajuda essas pessoas a não entrarem em pânico neste momento. Uma das boas dicas é aplicar com um investidor profissional, que escolhe os melhores papéis, cobra uma taxa de administração e faz o fundamental serviço de análise da performance desses ativos, que talvez o novo investidor não tenha experiência nem tempo para conduzir. A outra leva em conta que o aplicador não estava especulando com recursos de necessidades mais imediatas, pois sinaliza que não se deve sair da Bolsa abruptamente neste momento de grandes perdas, realizando um prejuízo desnecessário. Pois pode demorar um pouco mais desta vez, mas ela vai se recuperar.

Abel Pires Rodrigues, Rio de Janeiro, RJ

**DESTRAVE
SUAS SÉRIES COM**

**vivo
FIBRA**

ASSISTA A
STRANGER THINGS

REQUER ASSINATURA DO SERVIÇO NETFLIX

A atual quarentena global que ora vivenciamos em razão do surto do coronavírus terá consequências geoeconômicas que ainda não podem ser vislumbradas. Parte desses efeitos está ocorrendo no mercado de ações globalizado em transe, e os economistas mais renomados ainda não têm ideia do que tais acontecimentos vão provocar.

José de Anchieta Nobre de Almeida,
Rio de Janeiro, RJ

O Covid-19 matou 3.200 pessoas na China até a presente data. Ao mesmo tempo, o coronavírus derrubou as principais Bolsas de Valores do mundo. Os preços das ações das petrolíferas caíram significativamente, assim como os das mineradoras, siderúrgicas, companhias aéreas e muitas outras empresas que operam commodities. O barril de petróleo chegou a ser negociado a US\$ 30. A China é o maior consumidor de minério, cobre, algodão, milho, entre

outros. Além disso, é o segundo maior consumidor de petróleo do mundo. Os países estão fechando suas fronteiras e as cidades estão com suas ruas vazias, com o comércio fechado, as escolas paradas e os eventos cancelados. Resta aguardar a vacina contra o vírus e os lucros dos laboratórios farmacêuticos.

José Carlos Saraiva da Costa,
Belo Horizonte, MG

Quando os governos capitalistas do mundo também capitalista proibirão pessoas físicas — todas incautas — de “investir” (perder dinheiro) nas Bolsas de Valores? Por que empresas não petrolíferas, por exemplo, podem “comprar” (especular) petróleo? Ainda bem que na reforma da Previdência brasileira não foi aprovado o regime de capitalização. Se houvesse a capitalização, os aposentados e pensionistas ficariam sem seus “benefícios” mensais de sobrevivência (ou de subsistência)!

Nenhum “especulador/manipulador” está interessado nos “dividendos das ações”. Estão interessadíssimos nas bolhas!

Ney José Pereira, São Paulo, SP

QUARENTENA À ITALIANA

Mesmo com medidas de bloqueio total, italianos resistem a deixar bares e feiras, mas a vida mudou

A grande dificuldade individual de cada um de nós em relação a essa pandemia do Covid-19 é saber nos situarmos diante desse momento complicado que vivemos. De acordo com a faixa etária em que estamos, temos mais ou menos condições de nos expormos nessa quarentena atual ora recomendada pelas autoridades sanitárias. Saber se adequar a esse momento peculiar da história da humanidade é a grande contribuição que devemos ter nesta atual situação.

José de Anchieta Nobre de Almeida,
Rio de Janeiro, RJ

ASSINE 100 E LEVE
300 MEGA
por 12 meses

Só **R\$ 99,99**
/mês
no Combo



Assine Vivo Fibra

NETFLIX



Melhor banda larga para assistir à Netflix, segundo o ranking ISP.



DIRETOR-GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE NEGÓCIOS Ricardo Rodrigues
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL Tiago Afonso
DIREÇÃO DE AUDIÊNCIA Ricardo Fiorotto e Silvio Dias
DIREÇÃO EDITORIAL Daniela Tófoli e Sandra Boccia

ÉPOCA

EDITOR-CHEFE Pedro Dias Leite
epocadir@edglobo.com.br

EDITORES EXECUTIVOS - INTEGRADA Maria Fernanda Delmas (*coordenadora*),
Alessandro Alvim, André Miranda e Flávia Barbosa
EDITORES Ana Clara Costa e Eduardo Salgado
COLUNISTAS Guilherme Amado, Helio Gurovitz e Monica de Bolle

ÉPOCA ON-LINE Fábio Brisolla (*editor*) e Paolla Serra
ESTAGIÁRIOS Filipe Vidon e Rodrigo Castro
COLABORADOR Larry Rohter

EDITOR DE ARTE Mateus Valadares
DESIGNERS Daniel Vides Veras, Gustavo Amaral e Christiana Lee (*colaboradora*)
SECRETARIA EDITORIAL Marco Antonio Rangel
FOTOGRAFIA | EDITOR André Sarmento
REVISÃO Araci dos Reis Galvão de França (*coordenadora*),
Kátia Regina de Almeida Silva e Mariana Rimoli Dumans
CARTAS À REDAÇÃO | EPOCA@EDGLOBO.COM.BR
ASSISTENTE EXECUTIVA Jaqueline Damasceno
REDAÇÃO | RIO DE JANEIRO | EPOCA@EDGLOBO.COM.BR
Rua Marquês de Pombal, 25, 3º andar, Cidade Nova, CEP 20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ
SUCURSAIS | BRASÍLIA | EPOCASUC_BSB@EDGLOBO.COM.BR
DIRETOR Paulo Celso Pereira
SCN, Quadra 5 – Bloco A, nº 50, s. 301, Brasília Shopping and Towers, CEP 70.715-900 – Brasília – DF
SÃO PAULO | SUCURSALSPP@EDGLOBO.COM.BR
DIRETORA Leticia Sander
Avenida Nove de Julho, 5229, 9º andar, CEP 01407-907, Itaim Bibi – São Paulo – SP

MERCADO ANUNCIANTE | SEGMENTOS — FINANCEIRO, IMOBILIÁRIO, INFRA/LOG, INDÚSTRIA/ENERGIA |
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Emiliano Morad Hansenn | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
João Carlos Meyer EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA Catarina Augusta Pedrosa dos Santos, Edvaldo da
Silva, Fábio Bastos Ferreira de Andrade, Francimaria Pacheco Santos, José Carlos Brandão,
Milton Luiz Abrantes, Selma Teixeira da Costa | SEGMENTOS — VAREJO, TELECOM, TECNOLOGIA, MÍDIA,
ELETRÔNICOS, GOVERNO SP, SERVIÇOS PÚBLICOS SOCIAIS | DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Ciro Horta
Hashimoto | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Lilian Cassamassimo Baima EXECUTIVOS
MULTIPLATAFORMA Christian Lopes Hamburg, Roberto Loz Junior, Priscila Ferreira da Silva, Michele
Cristina da Silva Rogatto, Karina Penachio Primon | SEGMENTOS — MODA, BELEZA, HIGIENE DOMÉSTICA E
PESSOAL, SHOPPING, DECORAÇÃO, SAÚDE, CIAS AÉREAS, TURISMO, AGRONEGÓCIO | DIRETORA DE NEGÓCIOS
MULTIPLATAFORMA Sandra Regina de Melo Pepe | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Olívia Cipolla
Bolonha (Moda, Beleza, Higiene Doméstica e Pessoal) | COORDENADORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
Fátima Regina Ottaviani (Decoração) | EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Caio Caprioli, Eliana
Lima Fagundes, Karina Zuccaro, Lilian de Marche Noffs, Marcelo Malzoni Barreto | SEGMENTOS -
EDUCAÇÃO, ALIMENTOS E BEBIDAS, PUERICULTURA, ENTRETENIMENTO, OUTROS - DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
Lucio Miguel Del Cielo | EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Cesar Augusto Picchi Daltozo,
Marco Guidi, Nara Moinho | RIO DE JANEIRO — DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Marcelo Lima da
Cunha Mattos | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Darlene Bastos Campos Machado (Varejo) e
Monica Monnerat Silva (Beleza, Moda, Shopping) | EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
Alessandra Fernandes, Beatriz Alves, Claudia Coutinho, Daniela Chahim, Kalinka Araújo, Marley
Trindade | GERENTES DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA (GOVERNO, SERVIÇOS PÚBLICOS SOCIAIS, ENERGIA: Luiz Manso
| EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Robert Correa (Energia), Claudia dos Santos e Marcelo
Ageda Valentin (Governo) | COORDENADOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA (PEQUENOS E MÉDIOS ANUNCIANTES):
Rubens Guedes | COORDENADOR DE NOVOS NEGÓCIOS: Fabio Paz Lago | BRASÍLIA — GERENTE DE NEGÓCIOS
MULTIPLATAFORMA: Luiz Manso | EXECUTIVA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Luciana Gomes Burnett |
CONTATO PUBLICIDADE Candida Ana Vieira | ESCRITÓRIOS REGIONAIS — DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA:
Lucio Miguel del Cielo | GERENTE MULTIPLATAFORMA Thais Éboli Haddad | CONTATO PUBLICIDADE: Juliana
Cabral | DESENVOLVIMENTO COMERCIAL | G.LAB Edward Pimenta | PROJETOS ESPECIAIS SP/RJ: Leonardo André |
EVENTOS SP: Daniela Valente | EVENTOS RJ: Claudia Lobo | OPERAÇÕES ESPECIAIS: Anderson Góes (gerente)



ÉPOCA É UMA PUBLICAÇÃO SEMANAL DA EDITORA GLOBO S.A. Avenida 9 de Julho, 5229 01407-907 São Paulo SP
Distribuidor exclusivo para todo o Brasil Dinap — Distribuidora Nacional de Publicações GRÁFICA Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteado de Lilloa Rodrigues, 700 06543-001 Tamboré, São Paulo, SP



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa — no 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS
11 3767-7226
parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR
SÃO PAULO
(11) 3736-7128 / 3767-7447
3767-7942 / 3767-7889
3736-7205 / 3767-7557

RIO DE JANEIRO
(21) 3380-5930 / 3380-5923

BRASÍLIA
(61) 3410-8953

NA INTERNET
www.assinaglobo.com.br/sac
4003-9393

ASSINATURAS
4003-9393
www.sacglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
(21) 2534-5777 / 2534-5526 / 2534-5595
venda_conteudo@edglobo.com.br

Deseja falar com a Editora Globo?
Para se corresponder com a Redação:
Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA, Caixa Postal 66260, CEP 05315-999, São Paulo, SP
Fax: (11) 3767-7003
E-mail: epoca@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO
Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA, Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP.
Fax: 11 3767-7003 –
E-mail: epoca@edglobo.com.br
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

OS EFEITOS DO VÍCIO EM JOGOS ELETRÔNICOS

Como a compulsão, já classificada como um tipo de doença pela Organização Mundial da Saúde, afeta a vida de milhões no Brasil e no restante do mundo

Tudo que se torna vício, a princípio, foi muito prazeroso. Acho que os jogos eletrônicos, on-line ou não, acabam propiciando ao ser humano a sensação de poder, dinheiro e fama. Independentemente de ser irreal ou virtual, a pessoa passa tantas horas naquele mundo que para ela as sensações são reais. Sensações essas de uma vida rica, feliz, onde ela sempre está no comando. Mesmo quando perde, tem como rapidamente reverter a situação. Daí, não se sente incentivada a largar toda essa felicidade para ir à escola, procurar trabalho, enfim, viver a vida real, que não é tão glamorosa. Conscientização e aceitação de que tudo que nos afasta da realidade é prejudicial a nossa saúde é o primeiro caminho para a busca de ajuda.

Mônica Delfraro David, Campinas, SP

NÓS RESPIRAMOS EDUCAÇÃO

Aqui na UniDomBosco, nós trabalhamos com paixão.

A paixão de quem quer ver a educação de excelência chegar para todos, produzindo um país mais justo e próspero.

Enche-nos de orgulho, lembrar que já estamos presentes em 22 estados, oferecendo mais de 90 cursos de graduação e pós-graduação, para quase 10 mil alunos. E isso é só o começo! Ainda há sonhos para sonhar, desejos para realizar e objetivos pra conquistar.



unidombosco.com.br
0800 088 5200



knysna |

Faça parte desse sonho,
seja UniDomBosco.

CENTRO UNIVERSITÁRIO
UniDOM BOSCO | **EAD**
GRUPO
SEB



Após o sucesso absoluto dos dois primeiros livros, Igor Pires retorna em mais uma coletânea inédita de textos poéticos, desta vez sobre as características das complexas fases que percorrem os relacionamentos. O livro conta ainda com as belas ilustrações de Anália Moraes.

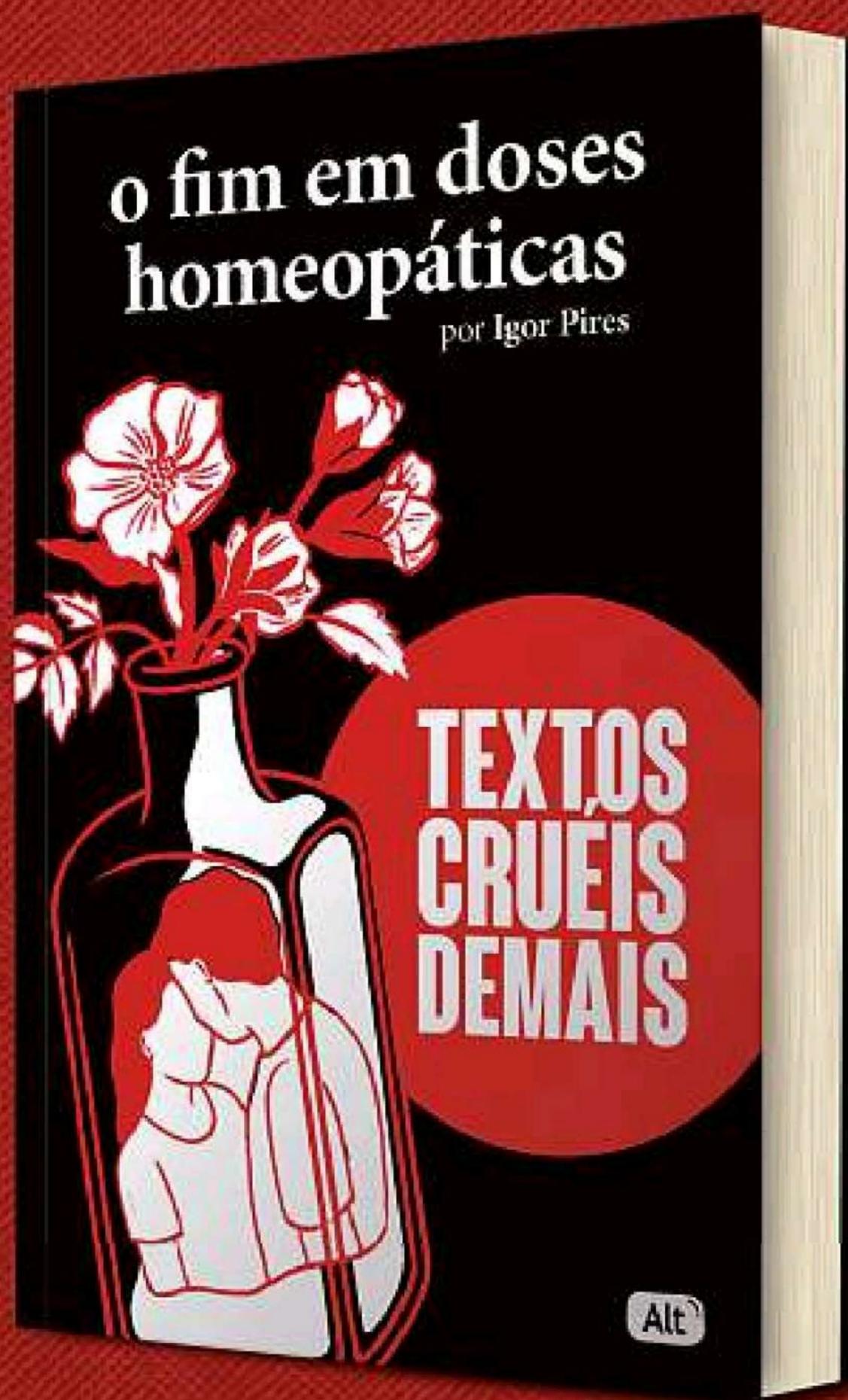
NAS LIVRARIAS E EM E-BOOK

**CONHEÇA OS DOIS
PRIMEIROS LIVROS
DA SÉRIE**



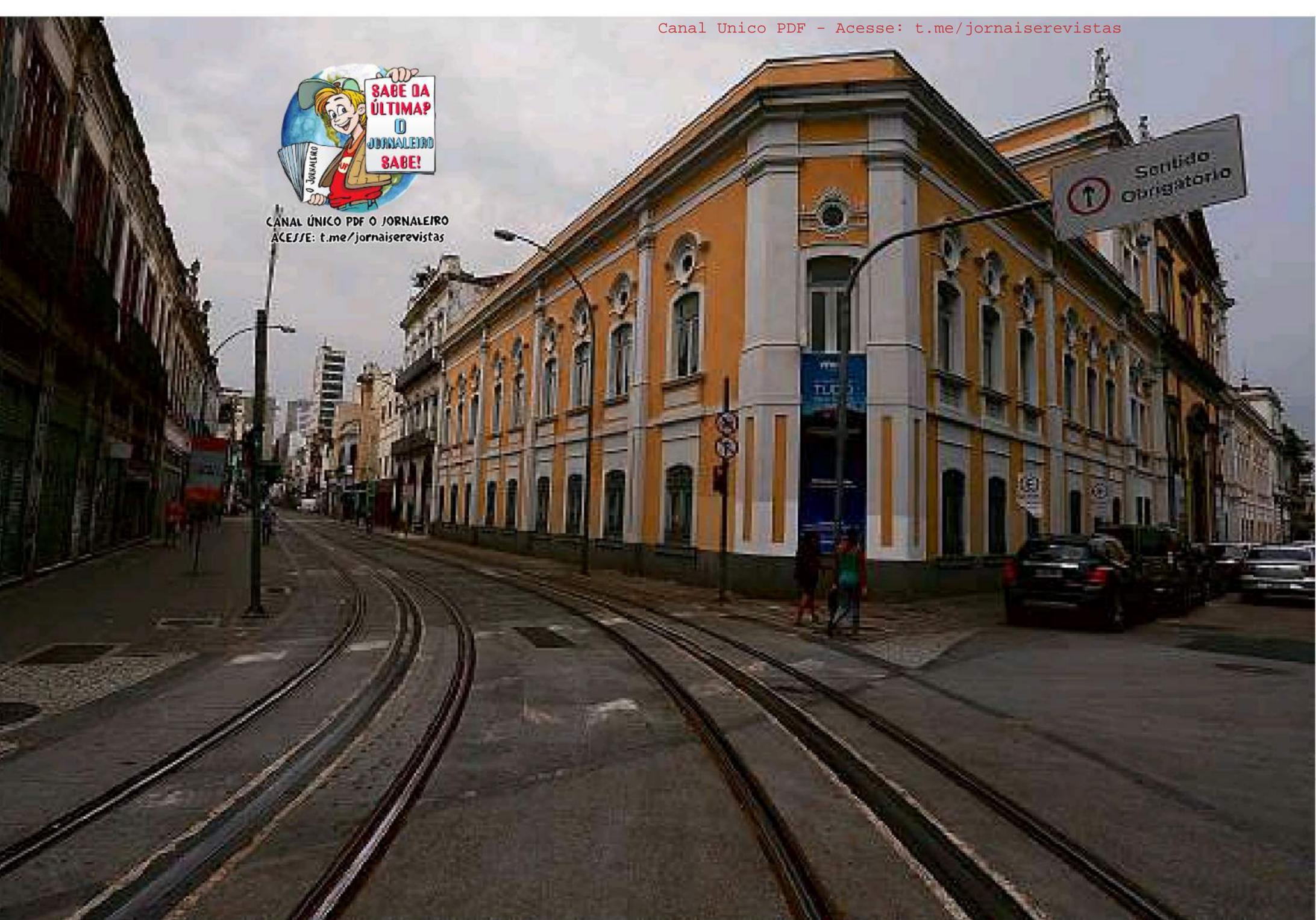
O TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE
BEST-SELLER DE POESIA

TEXTOS CRUÉIS DE MAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE





CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas



FABIANO ROCHA/AGÊNCIA O GLOBO

sumário 23.03.20

14. PERSONAGEM DA SEMANA PANELAÇO

A intensidade dos protestos contra Bolsonaro pode ser uma indicação de que muitos de seus eleitores em 2018 estão arrependidos

18. NOTÍCIAS DO PLANALTO O WHATSAPP DE BOLSONARO

Mensagens de aplicativo de Jair Bolsonaro desmentem versões do governo que tentam negar o inegável: ele desdenhou do novo coronavírus e trabalhou para que a manifestação do dia 15 ocorresse

24. ENSAIO DEMOCRACIA EM TEMPOS DE CRISE

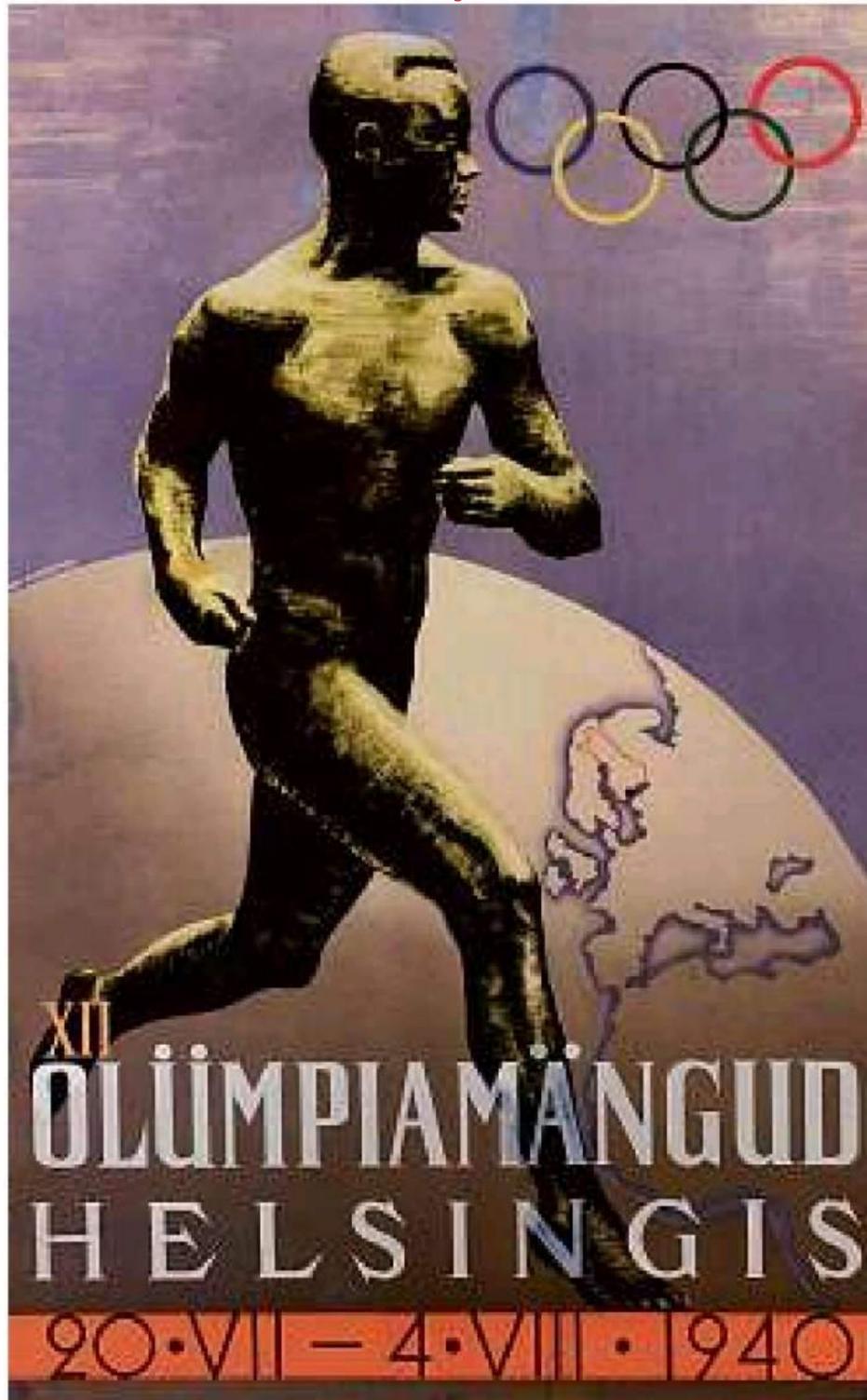
A pergunta que não quer calar: será que Bolsonaro vai continuar pelo caminho da radicalização?

28. PIB GLOBAL QUAL É O TAMANHO DA MARCHA À RÉ

Economistas dão como certa uma recessão nas principais economias mundiais e também no Brasil

34. VIVI PARA CONTAR ENFERMEIRO NA ITÁLIA

Enfermeiro que trabalha em hospital em Roma diz que equipe médica deixa que morram idosos infectados com problemas muito graves



©PATRICE CARTIER/BRIDGEMAN IMAGES

40. CONCORDAMOS EM DISCORDAR
ANTHONY WONG x NANCY BELLEI
 Médicos divergem sobre a extensão do problema do novo coronavírus e o que fazer para combatê-lo

44. A VIDA QUE ELE LEVOU A VÍTIMA NÚMERO UM
 A via-crúcis do primeiro brasileiro morto pelo novo coronavírus

48. 7 PERGUNTAS PARA... RONALDO CAIADO
 O governador bolsonarista de Goiás explica por que saiu às ruas para barrar manifestação do dia 15

52. SEGURA O PINT REINO SEM HAPPY HOUR
 Os pubs, símbolo da vida comunitária há séculos no Reino Unido, estão prestes a encarar a pior crise

56. MUITO ALÉM DA MÁSCARA AS LIÇÕES DA COREIA
 O que o Brasil e o mundo têm a aprender com a estratégia sul-coreana de combate à pandemia

JUNG YEON-JE/AFP



62. VAI OU NÃO VAI? A PERGUNTA OLÍMPICA
 Os Jogos de Tóquio, programados para este ano, seguem em dúvida — e deixam atletas e empresas inseguros

68. OS IRRACIONAIS NÃO PENSO, LOGO, EXISTO
 Momentos como os de pandemias jogam luz sobre o fato de que tomamos decisões que não fazem o menor sentido

74. REFÚGIO NOS CLÁSSICOS VOZES DOS MESTRES
 De Boccaccio a Camus, a literatura oferece um caminho para enfrentar períodos como o que estamos vivendo

COLUNISTAS
37. ALLAN SIEBER

38. MONICA DE BOLLE
 Imagine

47. HELIO GUROVITZ
 A peste volta a assombrar o Brasil e o mundo

82. LARRY ROHTER
 A pandemia tem um culpado: a China

GUILHERME AMADO
 O colunista está em férias

capa: Pablo Jacob / Agência O Globo

PERSONAGEM DA SEMANA

por Ana Clara Costa

PANELAÇO



O novo coronavírus trouxe os temores de uma doença desconhecida e o barulho das panelas guardadas em 2015

“O panelaço é nosso! A esquerda não vai roubar nossas panelas! Panela na janela!”, escreveu a bolsonarista Rosa Biaggioni, em caixa-alta, em sua página no Facebook, na tarde de 18 de março. A empresária do interior de São Paulo chamava seus amigos para um panelaço em homenagem a Jair Bolsonaro, convocado pelo próprio presidente, a ser realizado quase ao mesmo tempo que outro protesto de panelas armado por brasileiros exasperados com os rumos do governo. Os barulhos dos dois movimentos de objetivos opostos brigaram por alguns instantes naquela mesma noite, mas não deixaram dúvidas: os insatisfeitos com o presidente bateram mais forte, mais alto e em maior número de cidades.

A convocação de Bolsonaro para uma manifestação com panelas em sua homenagem e a indignação da militante (“o panelaço é nosso”) mostram uma curta memória tanto do presidente quanto de seus apoiadores — para não dizer desconhecimento — sobre a origem e o ímpeto que move o uso do utensílio como forma de expressar indignação. Para os brasileiros incautos na arte de protestar, pode parecer que as panelas viraram tamborins de queixas quando Dilma Rousseff estava no purgatório de seu segundo mandato, às vésperas do impeachment, e qualquer pronunciamento em rede nacional se tornara oportunidade para que a população sacasse caçarolas.

A economia afundava, o desemprego aumentava e as medidas econômicas para conter a crise, ao mesmo tempo que aterrorizavam o topo da pirâmide, não torna-

vam o semblante da petista mais simpático às famílias de classe média que haviam perdido renda. Em 8 de março de 2015, dia do primeiro panelaço, a sensação que se tinha ao ouvir as ruas era de que algo estava fora dos eixos. Além de panelas, escutavam-se também gritos de ordem e ódio: “Petistas filhos da puta, ladrões, corruptos”. A Lava Jato ainda engatinhava em desbaratar o esquema de corrupção do partido, mas expurgava-se já ali um sem-fim de frustrações, perdas e medos que se acumularam ao longo dos anos.

Panelaço é um fenômeno latino sem cores partidárias herdado dos espanhóis — e talvez o maior ponto de contato entre brasileiros e seus vizinhos que falam castelhano. Quando a paciência acaba, o barulho entra em cena. No Chile, dos tempos de Pinochet aos dias de hoje, panelas ladram quando a população se farta. O mesmo na Venezuela. Quando Hugo Chávez ascendeu ao poder e passou a cercear liberdades, a oposição batia panelas. Não escapava do barulho nem mesmo a embaixada brasileira no país, apoiadora do regime chavista. Mas é na Argentina que o utensílio integra mais intrinsecamente o kit de sobrevivência do cidadão que exige respeito. Um panelaço de grandes proporções derrubou o presidente Fernando de la Rúa, do partido de direita UCR, em 2000, depois de três anos de profunda recessão. Mais tarde, já no governo peronista de Cristina Kirchner, foram incontáveis os apelos da população às panelas sempre que o sangue fervia — e o sangue argentino costuma ferver mais rápido.

Manifestantes batem panela em protesto às declarações de Jair Bolsonaro sobre o novo coronavírus em São Paulo, na noite do dia 18



Em Portugal, por um brevíssimo momento do ano, as panelas indicam renovação. Ocorre que os portugueses celebram o Réveillon batendo as tampas de suas caçarolas nas janelas ou pelas ruas

Em 2008, durante uma grave crise de abastecimento provocada por um locaute agropecuário, os portenhos, notórios apreciadores da carne vermelha, bateram panelas por não encontrarem mais bons cortes à venda no açougue. Só havia “carne picada, de baixa qualidade”. Cristina criticava os manifestantes da vez, ainda que tivesse apoiado o panelaço que derrubou seu inimigo político anos antes. Segundo ela, os donos das panelas eram agora “uma facção ultradireitista”. Para fazer frente à turma, a peronista convocava seus aliados para fazer piquete em seu favor. Nunca bater panelas.

Ao longo de sua ascensão política, Bolsonaro tem se apropriado dos símbolos nacionais que encontra pela frente — a bandeira sendo o principal deles, mas também o hino e, em última instância, a camiseta verde-amarela, que coloriu os protestos pelo impeachment de Dilma. Os panelaços,

assim como qualquer tipo de protesto de rua, mais do que servir a um ideário, manifestam um sentimento objetivo, de “basta”, que não pode ser adaptado ao interesse da vez. Ao convocar panelas em seu favor, o presidente demonstrou entender que, tal como a bandeira, o utensílio também é um distintivo de união entre os seus.

A única cultura que conseguiu, com sucesso, se apropriar do símbolo sem danificá-lo é a lusitana. Em Portugal, por um brevíssimo momento do ano, as panelas indicam renovação. Ocorre que os portugueses celebram o Réveillon batendo as tampas de suas caçarolas nas janelas ou pelas ruas. O ritual, mais comum no sul do país, também é visto pelos mais antigos como forma de espantar o que aconteceu de ruim nos 12 meses anteriores e iniciar o ano seguinte brindando novos ventos. Depois, as panelas voltam a sua função original. Prover o alimento e o barulho aos políticos que fazem por merecer._____

Em abril de 2016, às vésperas do impeachment de Dilma Rousseff, manifestantes bateram panela na Avenida Paulista pedindo a saída da petista



Sinta o pulso do amanhã

medicalfair-brasil.com.br

ABIMO



A ABIMO E A MESSE DÜSSELDORF COMUNICAM
A TODAS AS PESSOAS E ENTIDADES DO SETOR

COMUNICADO - RESOLUÇÃO DIANTE DO CORONAVÍRUS COVID-19

Em razão da pandemia do coronavírus (COVID-19), a Associação Brasileira da Indústria de Artigos e Equipamentos Médicos e Odontológicos (ABIMO) e a Emme Brasil, respectivamente apoiadora e representante brasileira da Messe Düsseldorf, organizadora da Medical Fair Brasil, **comunicam a seus parceiros o adiamento do evento, que estava previsto para o início de maio deste ano.**

Essa decisão é resultado de um consenso entre todos os envolvidos, após considerarmos as **previsões da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Ministério da Saúde, do Governo Federal, do Governo Estadual e de nossos Conselhos Científico e Estratégico**, de que a epidemia no país deva permanecer ativa pelos próximos meses.

Assim, **prezando pela segurança das pessoas de toda a cadeia produtiva do setor, bem como pelos compromissos que marcas expositoras, entidades parceiras, palestrantes nacionais e internacionais confirmados e visitantes credenciados assumiram**, acreditamos que, diante dessa situação, esse é, absolutamente, o melhor caminho a seguir.

Esperamos também que todos os nossos parceiros, que tanto nos apoiaram na organização da primeira edição da Medical Fair Brasil, compreendam a preocupação e, assim como nós, mantenham-se na expectativa por dias mais apropriados para a realização de um evento dessa magnitude. Juntos, só poderíamos ser os primeiros na indústria da saúde **a priorizar o bem-estar dos brasileiros e tomar essa atitude de enfrentamento ao COVID-19.**

Colocamo-nos à disposição de todos que tenham quaisquer dúvidas sobre a realização do evento e já estamos trabalhando para logo anunciarmos a nova data. Muito em breve estaremos juntos com um único propósito: concentrar nossos esforços e nossa dedicação exclusivamente para o sucesso do maior evento da indústria mundial da saúde, agora no Brasil.



Informações:
+55 11 2365 4336
contato@emmebrasil.com.br





IRRITAÇÃO COM DESERTORES DE PROTESTOS E CRÍTICAS A MAIA: MENSAGENS REVELAM O ÂNIMO PRESIDENCIAL NOS DIAS QUE ANTECEDERAM O 15 DE MARÇO

por Juliana Dal Piva, Naira Trindade e Thais Arbex

O ZAP DA DISCÓRDIA

“**P**uto da vida.” Foi assim que o presidente Jair Bolsonaro definiu seus sentimentos, em conversa via WhatsApp, com um aliado ao se dar conta de que o novo coronavírus poderia desmobilizar seus apoiadores para as manifestações do dia 15 de março. Na quinta-feira 12, Bolsonaro fizera um pronunciamento oficial em que afirmara que os protestos em sua homenagem deveriam, “diante dos fatos recentes, ser repensados”, pois a saúde deveria ser “preservada”. A palavra “repensar” não fora pronunciada inadvertidamente. Bolsonaro não usara um termo mais contundente porque não queria que as manifestações fossem canceladas. Ao perceber, nas redes sociais, sinais de desmobilização, mostrou-se irritado, em especial com a bancada de deputados do Rio de Janeiro.

Um dos alvos de suas mensagens foi a deputada estadual Alana Passos (PSL-RJ), que divulgou em seu Instagram que a convocação pa-

ra as ruas seria “adiada” após o pronunciamento do presidente. Ao ver a postagem, Bolsonaro irritou-se e rapidamente enviou mensagens tentando reverter a situação. “Na visão dele, o pronunciamento era apenas para repensar, não um pedido de cancelamento”, disse um aliado que recebeu um de seus apelos. Bolsonaro temia uma desidratação total do evento. Por isso, imediatamente cobrou explicações da bancada fluminense e incumbiu seu primogênito, o senador Flávio Bolsonaro, de questionar os desertores — medida que foi cumprida na noite da segunda-feira 16, dia seguinte aos protestos. Flávio se reuniu com os parlamentares no Rio mesmo diante dos apelos do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, para que, em todo o país, houvesse distanciamento social.

Para impedir o total fracasso no dia 15, em razão do risco sanitário apresentado pelo novo coronavírus, e diante da pressão de Jair Bolsonaro, membros do chamado “gabinete do

Jair Bolsonaro saúda apoiadores em frente ao Palácio do Planalto, no dia 15 de março, apesar das suspeitas de coronavírus



ALAN SANTOS/AFP

ENQUANTO ESTAVA EM MIAMI, BOLSONARO ENVIOU A SEUS CONTATOS UMA MENSAGEM IRÔNICA SOBRE RODRIGO MAIA, AFIRMANDO QUE SUAS DECLARAÇÕES ERAM “DEVANEIOS”. ENTRE OS DESTINATÁRIOS ESTAVA O PRÓPRIO PRESIDENTE DA CÂMARA



DANIEL MARENCO/AGÊNCIA O GLOBO

ódio”, formado por auxiliares de Carlos Bolsonaro — alguns com cargo no Palácio do Planalto — passaram o fim de semana distribuindo no WhatsApp e nas redes sociais convocações para as ruas. Um levantamento das redes feito por um grupo de deputados federais e enviado a *ÉPOCA* apontou mais de 700 mil disparos feitos no sábado 14. Os parlamentares vão peticionar requerimentos para que a CPMI das Fake News apure se a origem das mensagens tem alguma relação com o entorno presidencial, como já se descobriu em requerimentos passados, em que uma conta nas redes sociais investigada por disparar mensagens de ódio tem como origem um IP do gabinete do deputado Eduardo Bolsonaro.

Os relatos de parlamentares sobre os últimos movimentos do presidente no WhatsApp, quando as primeiras medidas contra o novo coronavírus vinham sendo implantadas no Brasil, reforçam o já confesso ceticismo de Bolsonaro em relação à amplitude da propagação da doença. Apesar das informações sobre a disparada no número de casos na Itália, que chegou a ter mais de 400 mortes registradas por dia, o presidente inicialmente não demonstrou temor de que o problema chegasse nessa magnitude ao Brasil. Primeiro, Bolsonaro referiu-se ao novo coronavírus como “fantasia” e “histeria”.

Na quarta-feira 18, já com um choque de realidade depois de ver 17 auxiliares contaminados, além dos primeiros mortos no país, ele convocou seus ministros para uma entrevista coletiva — todos portando máscaras. Ali, resignado em relação à gravidade do problema, foi questionado por jornalistas sobre sua chancela, estímulo e presença nas manifestações do dia 15, quando a doença já se propagava no Brasil. Bolsonaro negou que tenha feito qualquer incentivo para o evento ainda que haja vídeos do presidente conclamando as pessoas para as ruas em uma escala do voo presidencial para Miami, nos Estados Unidos, feita em Boa Vista, Roraima. Foi justamente depois dessa viagem oficial, em que o presidente e sua comitiva se encontraram com Donald Trump e seus auxiliares, que se deram os primeiros registros do novo coronavírus na alta cúpula do governo, como no caso do secretário de Comunicação, Fabio Wajngarten.

Enquanto Bolsonaro estava em Miami, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), recebeu em seu WhatsApp a seguinte mensagem: “Você acredita que eu estimo isso?”. Ela fora precedida por um link para uma reportagem e por um vídeo com um trecho da declaração que o deputado havia feito durante uma palestra no Instituto Fernando

Em viagem oficial a Mar-a-Lago, na Flórida, o secretário de Comunicação, Fabio Wajngarten (à esq.), hoje infectado pelo novo coronavírus, se encontrou com o presidente americano, Donald Trump. Até agora, 17 pessoas da comitiva presidencial desenvolveram a doença

O ex-deputado Alberto Fraga (à dir.), amigo de Bolsonaro, faz uma live no Palácio do Planalto. Apoiadores do presidente costumam enviar mensagens de WhatsApp a Bolsonaro por meio do político

À direita, na reunião de bancada dos deputados bolsonaristas do Rio de Janeiro, um dia depois dos protestos, houve bronca em desertores



REPRODUÇÃO

Henrique Cardoso, em São Paulo. O emissor era o próprio presidente Jair Bolsonaro. Maia, que havia atribuído ao descompromisso do governo com a defesa da democracia as dificuldades para a realização de reformas e da retomada econômica no país, não titubeou. Escreveu acreditar, sim, que o presidente contribuía para um ambiente de insegurança. Ressaltou, entretanto, que, se dependesse do Congresso, as pautas que importam para o avanço do Brasil seguiriam em ritmo acelerado. Maia não sabia, mas havia sido apenas um dos destinatários da mensagem de Bolsonaro, que enviara o mesmo conteúdo a outros contatos de sua lista. O vídeo vinha acompanhado de um texto negrito, em tom irônico, que dizia que ali estavam o que chamou de “devaneios” de Maia.

A troca de mensagens entre Bolsonaro e Maia aconteceu em meio a mais um episódio de crise entre o Palácio do Planalto e o Congresso, a uma semana das manifestações que tiveram o Legislativo e o Judiciário como alvo. Ao participar do debate ao lado do ex-presidente tucano, Maia havia dito que pessoas próximas ao governo mantinham uma estrutura nas redes sociais para “viralizar o ódio”. O vídeo compartilhado por Bolsonaro tratava exatamente desse trecho da fala do presidente da Câmara. “Criam-se conflitos onde não existem em um país com 11 mi-

lhões de desempregados. Não podemos discutir uma coisa criada para viralizar o ódio, que é essa questão de parlamentarismo branco. Essas teses são criadas para arranjar alvos para que os presidentes da Câmara, do Senado e do Supremo sejam atacados. Isso só atrasa as soluções”, disse Maia.

O aparelho celular do presidente Jair Bolsonaro, um Galaxy Note, que opera com o sistema Android, funciona como uma espécie de central de informações verdadeiras e falsas sobre aliados, desafetos e mazelas do país. O teor de sua comunicação privada ganhou o interesse público depois que o presidente enviou a um grupo de amigos uma convocação para as manifestações do dia 15 de março, que tinham outros Poderes como alvo, num ato classificado como antidemocrático. Seu número acabou sendo trocado no dia seguinte. Como medida de segurança, Bolsonaro não voltou para todas as dezenas de grupos dos quais fazia parte — a maioria composto de correligionários, aliados políticos e apoiadores civis e militares. Mas isso não impediu que continuasse disparando mensagens a seus contatos.

O compartilhamento de vídeos pelo WhatsApp faz parte da rotina do presidente, que tem início todos os dias a partir das 4 horas



A ROTINA DE DISPARO DE MENSAGENS DE BOLSONARO COMEÇA ÀS 4 HORAS DA MANHÃ. PARA QUE A LUZ NÃO INCOMODE A PRIMEIRA-DAMA, ELE VAI AO CLOSET E COMEÇA O ENVIO. COBRA ATENÇÃO A PROJETOS, DIVULGA AÇÕES DE GOVERNO, MEMES E, COMO NO CASO DE MAIA, DEMONSTRA INCÔMODO E IRRITAÇÃO

da manhã, horário em que, geralmente, desperta. Para que a luz não incomode a primeira-dama, Michelle, Bolsonaro costuma dirigir-se ao closet em seu quarto, onde colocou uma escrivaninha, para dar início ao disparo de mensagens. Nelas, cobra atenção a projetos, divulga ações de seu governo, memes e, como no caso de Maia, demonstra incômodo e irritação. Bolsonaro escreve, mas prefere enviar áudios. Normalmente curtos de, no máximo, 30 segundos. Quando concorda com uma avaliação de um aliado enviada por mensagem, economiza nas palavras com um “ciente” ou “ok”. O silêncio, na maioria das vezes, é sinal de que Bolsonaro não compartilha daquele determinado entendimento.

Nessas mensagens, já chegou a pedir para ministros ficarem “mais calados”, “longe da imprensa”, “parar de dar entrevistas” a jornalistas. O WhatsApp do presidente não acusa o horário

em que a mensagem foi lida (o tique não fica azul, só cinza). Como medida de segurança, ele também tem o hábito de apagar mensagens depois de lê-las. Bolsonaro não acatou as recomendações do ministro Augusto Heleno de parar de usar o WhatsApp ou o Telegram depois que conversas de autoridades foram hackeadas e enviadas ao site The Intercept. O general também é um ávido usuário do aplicativo.

O ex-deputado Alberto Fraga, amigo e confidente de longa data do presidente, tem uma incumbência extra: ele recebe diariamente mensagens endereçadas a Jair Bolsonaro e as repassa ao destinatário final. Essa interlocução é célebre entre os apoiadores do presidente, que veem no político uma forma de acessar mais facilmente o poder. No início de dezembro, Fraga recebeu um vídeo de um empresário de Uberlândia, Minas Gerais, pedindo ajuda para regularizar seu restaurante na BR-365, no quilômetro 650. Na gravação, Sidelmo Ribeiro, de 42 anos, conta que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) tentou fechar o estabelecimento sob o argumento de que a construção seria irregular. Fraga repassou. Num domingo, no Palácio da Alvorada, depois de falar com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, Bolsonaro ligou para Ribeiro por videoconferência. Ficaram 19 minutos conversando sobre as instituições



PABLO JACOB/AGÊNCIA O GLOBO

Coletiva do Presidente Jair Bolsonaro e seus ministros, todos usando máscara cirúrgica. Depois do ceticismo sobre a doença, bateu o desespero

“aparelhadas pelo PT”. Bolsonaro disse ser difícil “trocar tudo”. Dias depois, o Ministério da Agricultura enviou ao Congresso uma medida provisória alterando os poderes do Incra na regularização fundiária, ainda que o texto não atendesse especificamente ao pleito de Ribeiro.

Bolsonaro já trocou o número do telefone algumas vezes desde que assumiu a Presidência da República. Em meados do ano passado, abandonou de vez os antigos aparelhos, da época em que era deputado federal. Esses dois números voltaram para as operadoras, que revenderam para outros clientes.

As ligações e mensagens ao antigo dono chegam de várias regiões do país e em qualquer hora do dia ou da noite. A maioria o chama de “capitão” ou “caro presidente”. Há seis meses, o motorista Jânio de Souza, de 42 anos, recebe diariamente dezenas de mensagens. O morador de Planaltina, cidade a 45 quilômetros de distância de Brasília, herdou o número com final 9696 usado há anos por Bolsonaro. No início, Souza se divertia com a situação. Já fingiu ser assessor do presidente, contou já ter feito pegadinha ao receber ligação de ministros e agendado reuniões que nunca ocorreram. Mas, depois, as brincadeiras foram perdendo a graça e ele passou a se incomodar com o assédio. “Não sou o presidente”, passou a respon-

der a qualquer estranho que mandasse mensagem. Ele disse que precisa limpar frequentemente o aparelho porque senão as mensagens de desconhecidos sobressaem às dele.

Outra adolescente, de 17 anos, sofre do mesmo mal. Quando se mudou de Minas Gerais para Brasília, no fim do ano passado, uma de suas primeiras providências na capital federal foi ir a uma loja comprar um chip com o prefixo 61, do Distrito Federal. O novo número do celular foi escolhido aleatoriamente. Ao ativar o telefone, passou a receber mensagens e ligações estranhas. A princípio, pensou que estavam lhe passando trotes e começou a bloquear os contatos. Um deles se apresentou como um ministro de Estado — mas ela disse a ÉPOCA não se lembrar do nome do interlocutor. Vários outros se apresentaram como políticos e jornalistas. “Esse número é do presidente Bolsonaro?” era a pergunta mais comum. Em conversa com a reportagem, a estudante do 3º ano do ensino médio, que pediu para não ser identificada, entendeu que seus nove dígitos são os mesmos que eram utilizados pelo atual presidente, Jair Bolsonaro, em seus tempos de deputado federal. Com o novo cargo, ele desativou o contato em meados do ano passado. Mas, não importa o número, os velhos hábitos do presidente continuam.

COM GUSTAVO MAIA

EM ARTIGO, PESQUISADORES
INDAGAM SE O PRÓXIMO
PASSO DE JAIR BOLSONARO SERÁ
INVESTIR NA RADICALIZAÇÃO

por Claudio Ferraz, Filipe Campante
e Rodrigo R. Soares

A DEMOCRACIA EM TEMPOS DE CRISE

Semanas recentes já vinham indicando uma trajetória de crescente radicalização por parte do presidente Bolsonaro. O apoio velado aos motins de policiais em estados governados pela oposição e o aprofundamento da militarização do governo, com novas indicações de oficiais para cargos importantes no topo da burocracia federal, mostram um apelo crescente às Forças Armadas e às polícias como base de sustentação. Somaram-se a esse contexto a divulgação e participação em manifestações contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF), sinalizando um confronto com os outros Poderes do Estado, e novas acusações levianas de fraude eleitoral em 2018, colocando antecipadamente em dúvida resultados de futuros pleitos. Acrescenta-se a isso a guerra diária contra a mídia. Em suma, um quadro de ataque aberto às instituições democráticas.

A chegada da pandemia do Covid-19 ao Brasil só agravou ainda mais esse cenário. O presidente manteve seu discurso populista, conspiratório e anticientífico, ignorando a gravidade da situação em palavras e ações, inclusive contrariando as recomendações de seu próprio ministro da Saúde. Ao mesmo tempo, a inépcia na resposta à chegada do vírus parece começar a despertar uma reação na sociedade civil e nas outras instituições. Reuniões acerca das respostas adequadas à crise aconteceram entre líderes do Legislativo e Judiciário sem a presença do presidente. Menções de impeachment cresceram em redes sociais, panelas já se fazem ouvir nas grandes cidades e o desembarque de apoiadores radicais do presidente, entre estes deputados, senadores e governadores, começa a acontecer. Até alguns empresários bolsonaristas de carteirinha parecem ter perdido a paciência.

À direita, um apoiador de Jair Bolsonaro se veste de palhaço e usa máscara em protesto em Brasília, no dia 15. O presidente esteve presente

FOTO: SERGIO LIMA/AFP



O MAIS PROVÁVEL É QUE O PRESIDENTE
 OPTE POR DIALOGAR DIRETA
 E EXCLUSIVAMENTE COM SEUS SEGUIDORES
 FIÉIS. NÃO É DIFÍCIL IMAGINAR UM CENÁRIO
 EM QUE ELE ATRIBUA AO CONGRESSO
 A CULPA PELAS MAZELAS DO PAÍS

O profundo impacto que o Covid-19 sem dúvida terá no país torna o cenário ainda mais volátil. A crise de saúde — que trará uma enxurrada de internações e mortes — mal começou. Em cima disso, a retração econômica baterá com toda a força e afetará diretamente muitos dos apoiadores do bolsonarismo nas eleições de 2018, como mostram as primeiras revisões de expectativas divulgadas por economistas. Quando a gravidade do quadro começar a se tornar óbvia, nas próximas semanas, o mais provável é que o presidente opte por dialogar direta e exclusivamente com seus seguidores fiéis. Não é difícil imaginar um cenário em que ele atribua ao Congresso a culpa pelas mazelas do país, e a instituição revide com “pautas-bomba” tal como durante a queda da ex-presidente Dilma Rousseff. Num caso ex-

tremo, há sempre o exemplo de Alberto Fujimori, que em 1992 anunciou um autogolpe de Estado com apoio militar, fechando o Congresso, suspendendo a Constituição e intervindo no Poder Judiciário.

A grande questão é qual seria a probabilidade de Bolsonaro ter sucesso nesse caso extremo. Enquanto foi fácil para Fujimori culpar o Congresso corrupto pelos problemas do Peru naquele momento e ter apoio de grande parte da população após o autogolpe, as condições no Brasil não são as mesmas. Primeiro, a despeito da militarização da cúpula do governo e do forte apoio ao presidente entre as baixas patentes e as polícias, não é óbvio que a maioria da cúpula militar brasileira viria a apoiar um possível autogolpe. Segundo, pode crescer na população o entendimento de que Bolsonaro

Abaixo, na Bolsa de Valores, operadores de mercado vivenciaram cinco circuit breakers nas últimas duas semanas, diante da incerteza

Na Avenida Paulista (à dir.), apoiadores de Bolsonaro também saíram às ruas no dia 15, em meio à epidemia de coronavírus

Abaixo, à direita, a cerimônia da formatura de cadetes da Aman, em Resende, em 2019. O presidente Bolsonaro tem se valido do apoio das baixas patentes das Forças Armadas e da polícia

RAHEL PATRASSO/REUTERS





EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO

não tem a capacidade necessária para liderar o país no meio da crise que se instala.

Crisis graves como esta são perigosas, já que a voz de autoproclamados salvadores mexe com os brios da população. Convocar estados de emergência e exceção em momentos em que o país sai de controle é algo que já aconteceu diversas vezes na história. Porém, hoje, o Covid-19 parece expor as fragilidades de Bolsonaro como líder e esvaziar seu centro de apoio, dificultando uma virada não democrática.

Em setembro de 2018, escrevemos num artigo no jornal O GLOBO em que argumentávamos o seguinte: “Com sua evidente inclinação populista e autoritária, a candida-

tura de Bolsonaro não reflete fenômeno passageiro ou desimportante. Ao contrário, captura um desencanto profundo com a democracia. Ainda que o ciclo atual termine na vitória dos partidos tradicionais, permanece inteiramente possível, na ausência de mudança de curso drástica, que a instabilidade atual culmine em ruptura em um futuro próximo”. Esse ímpeto de ruptura parece hoje mais concreto do que imaginávamos, diante das declarações do presidente e de seus auxiliares do Palácio do Planalto.

Ocorre que, paradoxalmente, o risco democrático se arrefece diante das evidências, cada vez mais claras, de que o presidente autoritário eleito tem se mostrado demasiado incompetente até mesmo para conseguir viabilizar um autogolpe._____

Claudio Ferraz é professor da Vancouver School of Economics, na Universidade de British Columbia, no Canadá, e da PUC-Rio

Filipe Campante é professor da Universidade Johns Hopkins, nos EUA

Rodrigo R. Soares é professor da Universidade Columbia, nos EUA

GABRIEL DE PAIVA/AGÊNCIA O GLOBO



O centro de São Paulo parou, assim como o de várias capitais brasileiras

FOTO: EDILSON DANTAS/
AGÊNCIA O GLOBO



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTA
ACE/JE: t.me/jornaiserevistas



QUAL É O TAMANHO DO BURACO

Para onde caminha a economia
brasileira — e como vamos sair dessa

por Cássia Almeida e Pedro Capetti

Economistas costumam usar letras para descrever gráficos com projeções e, no atual momento, estão em dúvida sobre se a mais adequada é V ou U. Quem fala em V acredita que a economia global — e a brasileira junto — vai sofrer uma grande queda e, passado o pior momento da pandemia do novo coronavírus, voltará para perto do estágio em que estava numa velocidade alta. Isso se os governos trabalharem rápido para manter as empresas vivas pelo tempo em que não terão receitas, mas continuarão tendo custos. Esses são os otimistas. Um segundo grupo defende que a trajetória futura será em forma de U. Uma recaída forte, seguida de um período que pode ser mais curto ou mais longo de estagnação, para, somente mais tarde, voltar a crescer. Independentemente da letra que se escolha, o fato é que todos concordam em um ponto: a economia está engatando para ir ladeira abaixo.

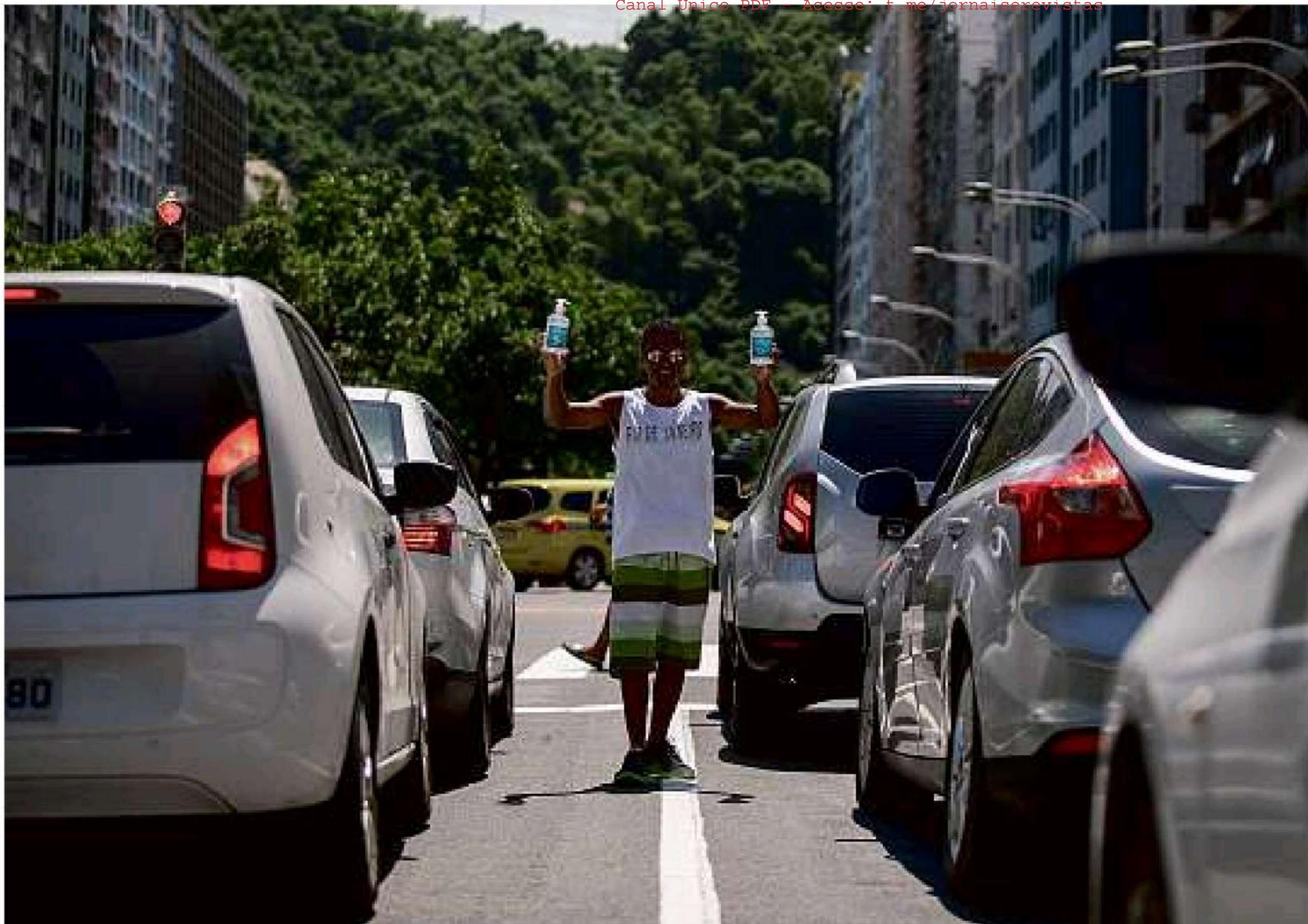
Para entender o que deverá acontecer no Brasil, é importante lembrar que os três grandes motores da economia mundial estão comprometidos. A China, a segunda maior economia do mundo e onde a doença surgiu, deverá ver o crescimento anual cair do patamar de 6% para zero, a primeira queda desse tipo em mais de quatro décadas. O primeiro semestre vai ser de recessão e não se sabe se a recuperação no segundo semestre será suficiente para fazer o PIB andar em 2020. “Os dados anunciados do primeiro bimestre já foram muito ruins, piores que as estimativas. O confinamento lá começou no fim de fevereiro. O pior momento ainda não entrou nas contas. É pouco provável conseguir devolver o PIB para um patamar positivo”, disse Otaviano Canuto, que já foi diretor do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

Os Estados Unidos, a maior economia global, já estão em ritmo de desaceleração. O setor de serviços, o mais afetado nessa crise sanitária, é bem maior no país do que na China.

No Rio de Janeiro, um dos produtos mais vendidos nos semáforos (à dir.) e estações (abaixo) é o álcool em gel

HERMES DE PAULA/AGÊNCIA O GLOBO





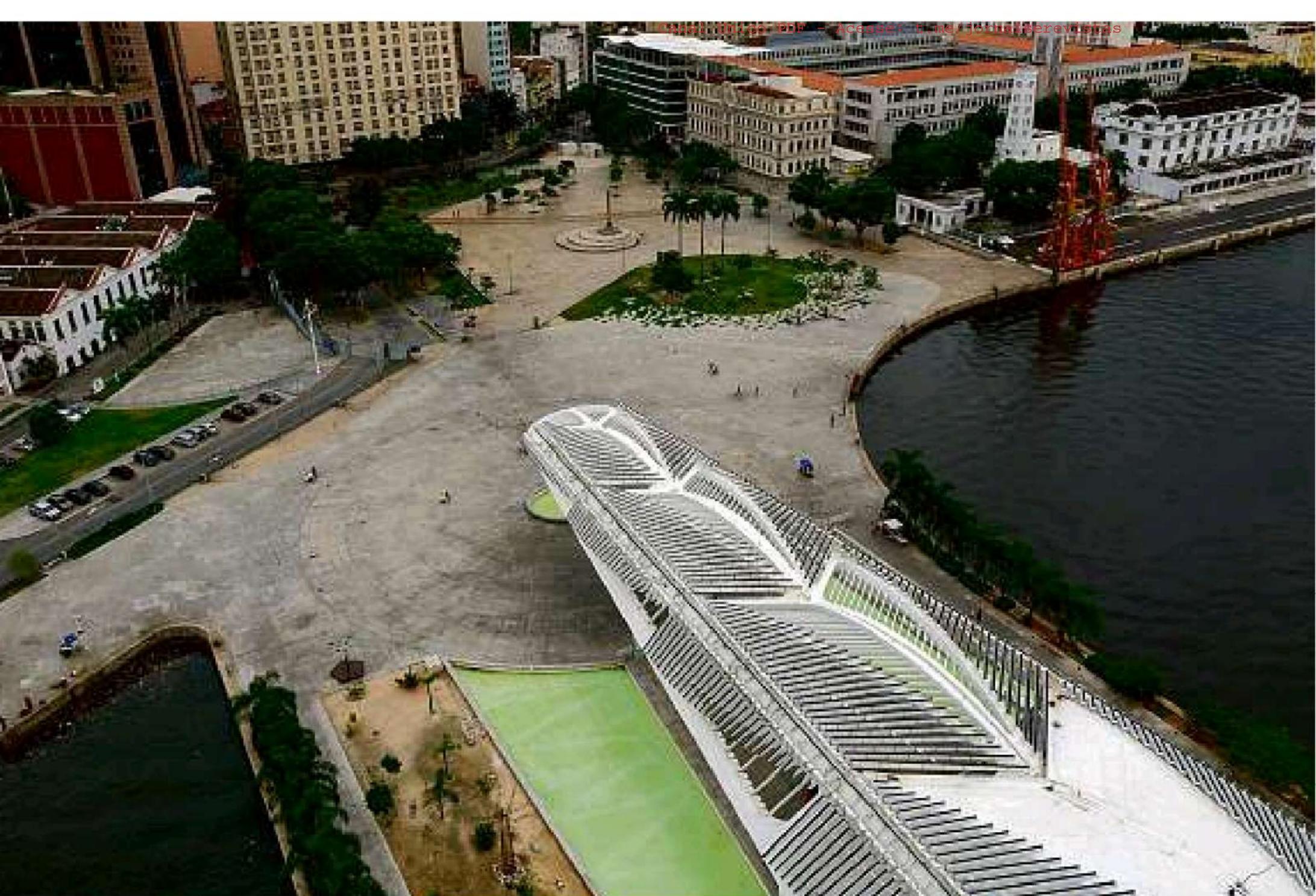
BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

A economia brasileira já não vinha bem antes do novo coronavírus, vai ficar pior e ainda há a dúvida sobre se o governo Bolsonaro vai parar de brigar com o Congresso para conseguir aprovar projetos cruciais

A parada brusca significa uma freada do consumo de US\$ 2,1 trilhões dos americanos com transporte, lazer, restaurantes e hotéis. O bloco europeu, fechado para o exterior por 30 dias, tem previsão de retração de 1% do PIB. À medida que o combate à doença aconteça, nas próximas semanas e nos próximos meses, não está descartada uma atualização da projeção, talvez para pior.

O Brasil tem uma economia fechada na comparação com os maiores PIBs globais. Importamos e exportamos pouco em relação a nosso tamanho. Mas com os principais países e blocos dando marcha à ré, a economia brasileira não teria como ficar imune — mesmo que não tivesse de lidar

com os efeitos negativos do novo coronavírus internamente. Num primeiro momento, economistas brasileiros acreditaram que seríamos pouco afetados, mas a piora nas estimativas foi extremamente rápida. Hoje é dada como praticamente inevitável uma recessão, uma péssima notícia para uma economia que já não vinha entusiasmando. No primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro, o PIB cresceu apenas 1,1%. Para 2020, mesmo antes da pandemia, havia muitas dúvidas sobre se o Planalto pararia de guerrear com o Congresso e aprovaria uma série de reformas importantes para a economia, com a PEC Emergencial e a reforma administrativa. Agora, com o novo coronavírus, as projeções pioraram muito mais. O banco



BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

americano JP Morgan já prevê retração de -1%, praticamente a mesma do banco Goldman Sachs, de -0,9%.

No momento, a paralisação da economia brasileira ainda está se aprofundando. Nas dez maiores companhias com capital aberto na Bolsa, home office virou regra para a maioria dos trabalhadores. Fusões e aquisições foram colocadas em banho-maria por, pelo menos, seis meses. Viagens estão limitadas, comércio de rua, shoppings, restaurantes, bares estão sendo obrigados a fechar nas principais cidades. Isso é um baque sem igual no comércio, setor que movimentou no ano passado quase R\$ 1 trilhão. Nos cálculos de Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BNDES e chefe da Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio (CNC), o setor de serviços, que responde por 73% da economia, será o que mais vai sofrer: “Serviços são prestados às famílias, e as pessoas estão em casa”, disse.

As empresas brasileiras voltadas para o mercado externo também estão refazendo as contas. A mineradora Vale enfrenta um novo

desafio sem ao menos ter superado a queda na produção após o desastre em Brumadinho, Minas Gerais, em janeiro do ano passado. Em 2019, 77% das receitas da empresa vieram de vendas para Ásia e Europa. “É impossível prever o impacto final que a pandemia poderá ter sobre o mercado financeiro e a economia global e, conseqüentemente, sobre nosso negócio”, disse a companhia em comunicado ao mercado na última semana. As restrições de viagens e transporte de equipamentos, resultado do surto do novo coronavírus, causou a paralisação das operações em uma mina de cobre no Canadá. A empresa estuda ainda rever planos para a paralisação de plantas de carvão em Moçambique.

Para o Brasil, o custo total dos efeitos econômicos da pandemia vai depender, primeiro, da eficácia das medidas do governo para ajudar empresas e famílias. Em segundo lugar está o comportamento do governo Bolsonaro em relação ao Congresso. Se continuar buscando atritos em vez de formar majorias para as aprovações no plenário, deverá atrasar

A movimentação caiu em aeroportos, como Congonhas, em São Paulo (à dir.), e em áreas turísticas, como o Museu do Amanhã (acima), no Rio de Janeiro

À medida que for passando a fase pior da pandemia, países voltarão a produzir, mas se seus mercados externos continuarem parados, vão ter de esperar para retomar as vendas e o crescimento

a recuperação da economia. “No Brasil, tivemos crises das quais saímos mais rápido ou mais devagar. O que me parece é que vamos sair bem devagar, uma saída bem lenta, e em parte é pela falta de harmonia na política brasileira, pois há muitos ruídos”, disse Cristiano Oliveira, economista-chefe do Fibra.

Um terceiro ponto que certamente vai influenciar será a trajetória da economia mundial. Embora o novo coronavírus esteja hoje impactando todos os cantos do planeta, cada país e região deverá sair do estágio pior da crise em momentos diferentes. Como a economia global é interconectada, a notícia de recuperações mais precoces não vai querer

dizer que estará tudo resolvido. A China, por exemplo, deverá voltar a produzir mais perto de sua capacidade antes dos demais países por ter sido o primeiro a ter o vírus e a enfrentá-lo. Mas em nada vai adiantar os chineses terem os produtos para vender se os países compradores ainda estiverem parados. “Um dos problemas que existem para fazer uma previsão hoje é que essa pandemia está ocorrendo de uma maneira defasada”, disse Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda. Como argumentou Hildete Pereira de Melo, professora de história econômica na Universidade Federal Fluminense, “vivemos uma situação sem paralelo”.

EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO





O enfermeiro Dante Baldi atua na linha de frente do combate ao novo coronavírus no maior hospital de Roma. Ele conta como é decidido quem tem chances de sobreviver e quem vai morrer e diz que nunca enfrentou nada parecido

por Dante Baldi, em depoimento a Mateus Baldi

"SE UMA PESSOA É MUITO IDOSA E GRAVE, A GENTE DEIXA MORRER"

Tenho 54 anos e trabalho há mais de 30 na Policlínica Gemelli, o maior hospital de Roma. Setores inteiros foram fechados para reabrir exclusivamente para pacientes com Covid-19. É uma coisa que se espalha cada vez mais, a cada dia são 300 mortos, e meus colegas não aguentam mais as escalas de trabalho massacrantes. A única medida que está dando certo é tomar decisões que impactem a curva do vírus. Foi colocado muito dinheiro na saúde para abrir UTI e hospitais novos, porém estamos em triagem de guerra. Se uma pessoa é muito idosa e grave, a gente deixa morrer. É preciso escolher, e não posso pegar vaga na UTI para alguém de 90 anos, com perspectiva de um ou dois anos de vida, e ignorar alguém de 60 anos, que tem perspectiva de 25. Todos os dias tenho visto isso. Ontem um senhor de 86 anos estava agonizando e acabou morrendo porque não havia lugar e possibilidade de salvá-lo. A situação dos leitos de UTI está

quase em colapso. Fechamos as salas operatórias e não há mais cirurgias que não sejam urgentes. Todas as salas estão virando UTIs.

O Gemelli fica perto de onde morei quando criança e adolescente. Nos anos 1980, a aids e as drogas, principalmente heroína, foram uma praga aqui em Roma. Comecei a trabalhar naqueles que foram os primeiros anos da epidemia de HIV. Ninguém da comunidade médica entendia do combate, havia pouquíssima experiência, e me colocaram na linha de frente. Comecei a ver meus amigos de adolescência entrar no hospital cada vez mais fracos e doentes. Vi muitos deles morrer diante de mim. Nem os médicos sabiam como enfrentar. A única coisa diferente do Covid-19 é que a aids só era transmitida por meio de fluidos corporais — sêmen, sangue —, então foi muito menos restritivo à vida cotidiana. Mas foi difícil. Em meu setor oito pessoas morriam por dia.

Paciente infectado chega à Policlínica Gemelli, onde trabalha o enfermeiro Dante Baldi

Ainda assim, nunca vi algo como está sendo o combate ao novo coronavírus.

A situação é muito difícil. As ruas estão totalmente vazias, e os transportes em escala reduzida, porque não há nem gente para ser transportada. Há um trem por hora, se muito. Os bares estão fechados e não há mais lugar para encontrar outras pessoas. Nos supermercados, apenas uma pessoa pode entrar de cada vez, com luvas e máscara. Se você é encontrado na rua sem justificativa, a polícia multa. Só permitem gente na rua por três razões: trabalhar em serviço essencial, encontrar parentes necessitados e ir ao mercado fazer compras. A gente tem de tomar cuidado com as pessoas idosas, porque são as mais fracas. Eu mesmo fico longe do meu pai. Quando fui levar compras para ele, fiquei a 3 metros de distância. Nestes dias, é melhor falar por telefone, já que temos tecnologia e podemos ver as pessoas queridas por vídeo. Tenho quatro filhos, cuidar da família nessa epidemia requer absoluto cuidado. Trabalho todos os dias, mas uso máscara e luvas. Falo com meus filhos à distância e não deixo se aproximarem. Isso está dando resultado. Essa doença não se transmite com roupas e contato físico, a não ser com as mãos, que são a coisa mais suja — já que as encostamos nas superfícies, nas catracas, nos outros. As mãos precisam ser lavadas várias vezes por dia e nunca encostadas na boca e nos olhos.

Hoje o governo adotou medidas que nunca vi serem tomadas em 54 anos de vida, bilhões de euros foram injetados na economia para sustentar a população, mas isso não vai adiantar se não agirmos com o protocolo sanitário de evitar contato com os outros. Somente ficar isolado resolve. Prevenimos a epidemia botando máscara e ficando longe uns dos outros, e se aproximando dos doentes apenas o necessário. Isso serve também para os colegas de trabalho. Até na pausa para o café estamos de máscara. Temos consciência de que essa é a única maneira de não levar o coronavírus para casa. Tive acesso aos dados de hoje (*segunda-feira, 16 de março*) e vi que houve uma leve diminuição dos mortos — 349, um pouco menos que ontem. Os novos casos também diminuíram.

A coisa mais importante que os brasileiros precisam saber é que é preciso ficar em casa e não entrar em contato com os outros. Caso encontrem alguém, fiquem a 1 metro ou 2



de distância. Estamos testando muitas pessoas, então já vimos que estamos com a taxa de mortalidade em torno de 5%. Primeiro era só com os idosos, mas o vírus está entrando em mutação e infectando crianças e jovens. Aqui já temos crianças infectadas, e o Estado não está mentindo. Estamos todos cientes do que está acontecendo. Ninguém está a salvo.

O mais importante é que o Estado mantenha a possibilidade de fazer compras e a capacidade de os supermercados estarem cheios de mercadorias. A logística do transporte de comida permanece ótima e ninguém sente falta de nada. O Estado precisa garantir cesta básica e comida para que todos sobrevivam.

É importante que os trabalhadores estejam em segurança, longe uns dos outros e usando máscara. Se vocês encontrarem alguém, não pode ter abraço e beijo. Tem de ficar longe porque cada um de nós pode ser um infectado assintomático. Vocês do Brasil devem dispensar os empregados e pagar suas diárias ou salários, porque é justo que também se cuidem. As escolas e universidades precisam ser fechadas imediatamente, e a iniciativa deve partir da população. No fundo, o vírus deixou os italianos com mais responsabilidade para que tudo aconteça da maneira certa. Em breve, como já ocorre em Madri, teremos o Exército na rua para que todos respeitem o decreto de não sair de casa.

Espero que o Brasil tenha sorte._____

Dante Baldi, na Policlínica Gemelli, o maior hospital de Roma. Vírus em mutação já infecta crianças e jovens

ALLAN SIEBER





M.B.



CANAL ÚNICO PDF O JORNAL DO JORNAL
ACESSO: t.me/jornaiserevistas
mbolle@edglobo.com.br

MONICA DE BOLLE É PESQUISADORA SÊNIOR
DO PETERSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL ECONOMICS
E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE JOHNS HOPKINS

IMAGINE

Imagine there's no heaven/It's easy if you try/
No hell below us/Above us only sky/
Imagine all the people living for today

JOHN LENNON

Serão meses muito difíceis. Poderemos perder pessoas queridas — próximas ou não. Ficaremos em isolamento, nossas vidas de pernas para o ar. Talvez tenhamos a doença, talvez não. Como muitos, sou de uma geração para a qual as grandes guerras são de interesse histórico, mas não estão no plano da vivência, da travessia. Sou de uma geração para a qual a gripe espanhola, que matou dezenas de milhões de pessoas, pertence aos livros e aos artigos científicos. Não pretendo minimizar a gripe espanhola e o sofrimento que ela causou. Mas ela foi uma gripe. O Covid-19, como tenho dito, não é.

Será duro, insisto. E todo mundo precisa de um alívio, de uma exalada forte, de um pouco de alento nesses tempos de incerteza brutal e de muita dor.

É nosso dever darmos-nos algum alívio, construído pelo exercício da imaginação.

Assim como a imaginação nos serve para construir cenários e pensar sobre a crise, como ela haverá de se manifestar e que medidas o governo deve tomar — escrevi sobre o assunto recentemente neste espaço — a imaginação também pode nos orientar para o que virá depois. E haverá um depois, isso é certo. Países não vão desaparecer, o mundo não vai desaparecer. A China não desapareceu. A Itália — quanta dor pela Itália — tampouco desaparecerá. Então, o que pode vir depois? Pode ser que o mundo se desarranje por completo, pode ser que tudo permaneça desarticulado por muito tempo. Mas prefiro imaginar saídas pela capacidade de superação das pessoas. E prefiro imaginá-las a partir de alguns sinais dados pelas respostas de política econômica mundo afora.

Logo antes de a crise estourar, um dos grandes problemas para a economia mundial era a desigualdade e suas ramificações políticas. Vimos muitos eleitores ao redor do planeta irem às urnas com raiva e desilusão, não

sem razão. Em muitos casos, da raiva e da desilusão vieram os populistas, os extremistas, os nacionalistas. Parecia que um ciclo se fechava, abrindo outro sombrio. Mas, de súbito, tudo parou. Governos eleitos pelo calor visceral que havia tomado a sociedade foram forçados a mudar de rumo. E falo de líderes autoritários, refratários à ciência, veiculadores de notícias falsas, misóginos, racistas e mercedores de tantos outros adjetivos que não cabe citá-los, porque o espaço acaba. Viram a húbri e a valentia imaginária sucumbir a uma fitinha de RNA. O vírus, em seu estado natural — fora do corpo humano —, não passa de algo que derrete ao toque de um sabonete. Entretanto, ele leva vidas como derruba mitos.

Há dez dias, ninguém imaginava que o governo de Donald Trump ofereceria cheques para sustentar a população americana. Há dez dias, ninguém imaginava que Paulo Guedes e sua turma do Estado minimalista viriam a mudar radicalmente o discurso, agora voltado para os mais pobres e para os mais vulneráveis. Considero as medidas anunciadas ainda insuficientes, mas isso já não importa mais. O Rubicão foi cruzado. Repito: o Rubicão. Os olhos do governo foram forçosamente voltados para aqueles que muita gente resiste a enxergar. Pensei em Victor Hugo.

A crise será longa, o que significa que as medidas e a visibilidade dos vulneráveis não desaparecerão. O mundo que renascerá disso, imagino, será marcado por uma construção mais atenta à solidariedade. Um mundo em que o momento presente, este agora em que talvez você esteja lendo este artigo preso dentro de sua residência, espero que cercado de pessoas queridas, passe a ser o mais importante de todos. Neste mundo, em que o presente se impõe, é muito difícil ignorar nossa própria humanidade e os gestos que dela nascem para acolher os menos afortunados.

Para enfrentar o que vem pela frente, deixo a imaginação. Deixo os versos de John Lennon:

No need for greed or hunger/A brotherhood of man/
Imagine all the people sharing all the world._____

ERA UMA VEZ

**O DIRETOR QUE
REDUZIU EM 70%
OS SEUS CUSTOS
COM COBRANÇA.**

FERNANDO
ZANARDO
Diretor Financeiro
da Marisol

“ Fizemos uma parceria com a Serasa Experian para potencializarmos os resultados na cobrança, com automatização de processos, menor custo e menos burocracia. ”



**serasa
experian™**

Saiba mais em:
serasaexperian.com.br

Histórias positivas para o seu negócio.

Médicos divergem sobre a eficácia da política do governo contra o novo coronavírus até agora, a gravidade da pandemia para a saúde pública e a necessidade de fazer testes em grande número

por Cleide Carvalho

WONG x BELLEI



MONTAGEM SOBRE FOTOS: MARIVALDO OLIVEIRA/FUTURA PRESS | ALEX REIPERT/DIVULGAÇÃO

ANTHONY WONG, 72 anos, brasileiro naturalizado
O que faz e o que fez: médico pediatra e toxicologista, é chefe do Centro de Assistência Toxicológica do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas de São Paulo e assessor da Organização Mundial da Saúde (OMS). Montou algumas das primeiras UTIs pediátricas no Brasil

NANCY BELLEI, 57 anos, paulista
O que faz e o que fez: médica infectologista clínica e consultora do Ministério da Saúde na área de doenças respiratórias virais. É professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde coordena o laboratório de pesquisa de vírus respiratórios. Tem doutorado em influenza

Alguns dizem que há muito pânico sem razão em torno da Covid-19 e que há doenças, como o sarampo, com poder de disseminação muito maior. O que acha?

ANTHONY WONG É uma pandemia de histeria e paranoia. Acredito que a mídia, em geral, foi em grande parte responsável por esse susto. Se pegarmos os dados atuais, veremos que 88% a 90% das pessoas, que têm menos de 60 anos de idade, têm uma doença muito leve, um resfriado talvez um pouquinho mais dolorido, mas nada sério se comparado à gripe por influenza. Não mais que 10% a 12% vão precisar de um atendimento hospitalar. Desses, não mais que 4% vão precisar de terapia intensiva, que são, em imensa maioria, os idosos com problemas crônicos graves. Então, devemos dar atenção especial aos acima de 60 anos e muito mais aos idosos com mais de 80 anos, faixa em que a doença é altamente crítica. Não isolando, mas cuidando deles. Mas não devemos colocar todo o resto da população na mesma situação, porque isso está parando o mundo e parando o Brasil inteiro.

NANCY BELLEI Não é uma histeria, é uma realidade. O sarampo é uma doença que tem vacina. Se há um surto, faz-se o bloqueio vacinal e controla-se a situação. Para o Covid-19 não há vacina. Temos uma pandemia de um vírus completamente novo para a humanidade, com transmissibilidade muito alta. Além disso, o isolamento social é uma catástrofe para todos os países, ainda mais para os mais pobres. Na época da gripe espanhola, um país não dependia tanto do outro. Agora é diferente. A mortalidade é mais alta entre os mais velhos, mas todos vivem mais. Existe muita gente de 80 anos que está saudável. Não dá para dizer que vai colocar na UTI só quem tem 60 anos. Temos muitos imunodeprimidos que vão melhorar e viver. Todos podem ter a doença, que para a maioria das pessoas é leve, mas para alguns grupos será necessário UTI e serão ocupados leitos que poderiam ser usados para pacientes com outras doenças. A realidade é que, socialmente e economicamente, a pandemia é um desastre.

É possível comparar as medidas tomadas para conter o novo coronavírus com as para outras doenças?

AW No mundo, a influenza atinge anualmente 650 milhões de pessoas por ano. Ela começa no fim de outubro no Hemisfério Norte e vai até março. Nos Estados Unidos, até o fim de fevereiro, foram 19 milhões de pessoas afetadas, 260 mil hospitalizações e 20 mil mortes. Deveríamos estar, sim, mais preocupados com a influenza, que vai chegar daqui a um mês. Os sintomas são mais graves, e ela mata adultos e crianças, inclusive sem comorbidades pregressas.

NB Não faz sentido comparar. O sarampo é uma doença conhecida há muito tempo, tem vacina e tem bloqueio. Ter vacina disponível é uma arma. Para o Covid-19 não há vacina e não há tratamento. O tratamento é apenas suporte de terapia intensiva. Na estimativa de São Paulo, não há ventiladores respiratórios em número suficiente. Na estimativa do Ministério da Saúde, há. Mas tudo é apenas estimativa.

Considera as medidas já tomadas pelo governo brasileiro para enfrentar a pandemia de Covid-19 adequadas?

AW Elas seguem exatamente o preconizado pela OMS (*Organização Mundial da Saúde*) e estão, de certa forma, corretas. Mas, inicialmente, as medidas foram instituídas de modo meio apressado, sem o devido preparo e sem informar a população corretamente dos reais riscos da

doença. Foram mais intervenções do ministro (*da Saúde*) Luiz Henrique Mandetta na mídia. O governo deveria usar verbas que seriam destinadas à propaganda política para dar informes exatos e equilibrados à população, procurando não incentivar o pânico. Estamos, sim, diante de uma doença séria, altamente contagiosa, mas não tão letal. Outro ponto é a fala do David Uip (*coordenador do Centro de Contingência do Coronavírus criado pelo governo de São Paulo*). Ele falou em 450 mil pessoas afetadas no estado, numa hipótese otimista, e até 4,5 milhões, praticamente 10% da população paulista, numa pessimista. Ou seja, foi grosseiramente exagerado. Ele explicou que incluía as pessoas sem sintomas. Mas, na literatura médica, pessoas assintomáticas nunca são computadas como doentes. Portanto, a definição estava errada. Por que isso é importante? Porque leva pânico à população. O governo e as autoridades sanitárias deveriam informar que quase 90% das pessoas infectadas têm uma doença leve, um resfriado comum que dura três ou quatro dias. Com o pânico, as pessoas começam a estocar alimentos e sobrecarregam os hospitais, em vez de deixar para as pessoas que realmente necessitam. Muitos exigem que seus filhos sejam atendidos prioritariamente porque os pequeninos estão com um “resfriadinho”. O Brasil tem poucos recursos de pessoal e materiais para a saúde, e deve ser esclarecido à população que precisamos dar prioridade aos idosos e aos que têm comorbidades crônicas graves. Já me chamaram de irresponsável por tentar atenuar a gravidade do surto. Mas irresponsabilidade é criar insegurança e medo na população.

NB A testagem de viajantes internacionais e o isolamento por 14 dias foram medidas bem adequadas, assim como as decisões gerais de treinamento de pessoas e reuniões com especialistas para discutir o manejo de pacientes. A decisão de deixar pessoas com sintomas leves de Covid-19 em casa, com acompanhamento domiciliar, também é correta, para evitar a transmissão hospitalar. Outra decisão acertada é antecipar a vacinação de influenza, a síndrome gripal. A postura de Mandetta de estar à disposição para responder às demandas, de chamar especialistas para discutir as medidas, também é muito adequada.

O Brasil não vai fazer teste em todos os possíveis infectados, apenas nos casos mais graves. A OMS afirma que eles devem ser feitos em grande escala. Quem está certo?

AW O exame é realmente importante para estabelecer a base da doença. Você tem o denominador, que é o número de pessoas infectadas com exame positivo. O numerador é composto dos doentes graves e dos óbitos. Quando amplia a base, tem a real dimensão do problema. Se fizer exames apenas em pessoas que apresentam sintomas ou estão em estado grave, você diminui o denominador e dá uma falsa sensação de que a doença é mais grave e prevalente do que parece.

NB A OMS tem deixado a desejar. Teve erro na comunicação do órgão, talvez por insegurança ou questões políticas. Testar, testar e testar é adequado em países ou estados que têm poucos casos, onde a epidemia está começando e é possível testar todo mundo, fazer o isolamento e vigiar os contatos de quem foi contaminado. Talvez em algum estado do Brasil, onde é possível testar todo mundo, a recomendação faça sentido, mas apenas com vigilância de altíssima qualidade. Mas para países grandes, como o Brasil, não se pode recomendar o mesmo se não há testes suficientes à venda. De quem o Brasil vai comprar? Parte dos reagentes é importada e

está em falta. A OMS deveria estabelecer níveis para os testes, e não soltar uma frase como essa. O teste é muito mais caro e difícil de produzir do que as máscaras recomendadas, e já não há máscaras disponíveis para todo mundo. A máscara necessária é a de proteção para aerossol, conhecida pela marca N95, mas a OMS recomendou uma mais barata já imaginando que não teria oferta do produto disponível. Os profissionais de saúde estão à frente do atendimento e não são como soldados, que há como substituir. Não será possível repor quando eles ficam doentes.

É favorável à suspensão geral das aulas?

AW Essa é uma medida extremamente controversa. Acho exagerada. Por vários motivos. Em primeiro lugar, porque o lugar mais seguro para a criança hoje é a sala de aula. Sabemos que nas crianças o Covid-19 é extremamente leve, praticamente não perceptível. Não estou falando de portador do vírus, estou falando em criança com a doença mesmo. Na escola, ela pode pegar e apresentar imunidade. Com isso, espalha a imunidade na comunidade. É a chamada imunização em rebanho. Em segundo lugar, ela vai pegar de uma forma ou de outra, talvez menos se estiver em casa. Mas veja o que acontece se ficar em casa. Ficar confinado ninguém aguenta. Ela vai acabar indo para o shopping, outro lugar fechado, onde provavelmente a circulação de vírus é maior. Ou vai visitar parentes, espalhando mais vírus. Os adolescentes têm energia, vão procurar uma atividade. Vão para bares, encontrar-se com amigos, inclusive de outras escolas. Aí realmente, se não estiver infectado, vai acabar se infectando. Para as crianças, os pré-adolescentes e jovens até os 20 anos não haverá problemas mais sérios. Nenhum deles terá a doença grave. Outro problema é que suspender aulas requer planejamento muito cuidadoso da estratégia e de suas consequências. No caso do Brasil em geral, não temos condições de fazer aulas on-line. Vai ser um ano perdido não só para a economia, mas para a escolaridade. Pode fazer uma diferença enorme, principalmente para os alunos que estão se preparando para o vestibular no fim deste ano.

NB Não sou a favor. Não tenho acesso aos dados de transmissão comunitária em São Paulo ou no Brasil, não sabemos qualquer dado de quantas pessoas foram infectadas dessa forma. Mas para suspender aulas, da creche à universidade, falta evidência robusta que dê sustentação à decisão. Não dá para transportar conhecimento de influenza para Covid-19. No caso de influenza, as crianças se infectam muito, adoecem e são o sustentáculo da transmissão para o restante da sociedade. Mesmo assim, o fechamento de escolas é muito debatido. O impacto de fechar escolas para crianças de até 10 anos de idade, por dois meses, é baixo. No caso de influenza, diminuiu entre 10% e 20% a transmissão. E os outros 80%? Fechar escolas gera um impacto muito pequeno para o transtorno que causa. Vejo com preocupação a suspensão precoce das aulas.

Dizem que as crianças são menos afetadas, são assintomáticas e transmitem para os adultos. Porém, não há estudos que demonstrem isso. Considero o fechamento das escolas um preço muito alto. Os pais têm de trabalhar e muitas crianças se alimentam na escola. Para fechar escolas, tinha de fechar ao mesmo tempo cinema, teatro, academias, shoppings, missas, festas, baladas. Tinha de fechar tudo. Foi anunciada a suspensão de aulas por 15 dias, mas a experiência com a influenza mostra uma necessidade de fechar por, no mínimo, dois meses. Por que não fazer tudo de uma vez? Vamos suspender as aulas agora e voltar no pico da epidemia?_____



A PRIMEIRA VÍTIMA

A VIA-CRÚCIS DO EX-PORTEIRO MORADOR DE SÃO PAULO, DE 62 ANOS, QUE MORREU INFECTADO PELO CORONAVÍRUS

por Thiago Herdy

A primeira vítima fatal da Covid-19 no Brasil entrou no carro com o irmão na noite do sábado 14 para ir ao hospital, a pouco mais de 500 metros de casa, porque não se sentia bem. Queixava-se de tosse, dores no corpo e dos efeitos do inchaço nas pernas decorrente de uma trombose que o acompanhava havia pelo menos dois anos.

Problemas de vista, decorrentes de uma diabetes, já tinham afastado o porteiro aposentado de 62 anos do trabalho em um prédio residencial no bairro da Bela Vista, na região central de São Paulo, havia pelo menos um ano e meio. Ele também tinha hipertensão e hiperplasia prostática — aumento benigno da próstata, que causa infecção urinária. Homem de origem humilde, vivia com os pais — idosos de 82 e 83 anos — duas irmãs e um irmão, com idades próximas à dele.

Buscou atendimento em uma unidade da Prevent Senior — plano de saúde privado com atendimento em unidades próprias e especializado no atendimento a idosos, a preços mais baixos que os oferecidos pelos planos médios. Três quartos de seus quase 500 mil clientes têm mais de 61 anos.

Logo na chegada ao hospital, relatou quatro dias de desconforto respiratório. Na

madrugada do domingo, foi internado na UTI e entubado. A família foi avisada sobre a gravidade de seu estado de saúde durante o dia. Sua morte foi atestada às 11h25 da segunda-feira 16, marcando-o como o primeiro registro oficial de morte decorrente do novo coronavírus no Brasil.

Ao receber do hospital uma declaração de óbito para fins funerários, uma irmã que mora na mesma rua da vítima esperava encontrar como causa da morte as várias doenças que acometiam o irmão havia anos. Mas tomou um susto quando leu o texto: “Síndrome do desconforto respiratório/pneumonia — provável Covid-19”. “Saí para providenciar o enterro de meu irmão, mas antes perguntei o que era aquilo. O infectologista ficou de me ligar para dizer se havia confirmação. Mas não me ligaram nem falaram nada”, contou a mulher, de 53 anos, que trabalha como auxiliar veterinária.

Pela televisão, viu ser anunciada a morte de uma pessoa com as características de seu irmão como a primeira vítima da doença. Sem informações, considerou a postura do hospital “uma falta de respeito, comigo e com toda a família”. Tomando como base notícias de jornal, decidiu que seus pais não

FAMILIARES DO PRIMEIRO BRASILEIRO MORTO PELA PANDEMIA, QUASE TODOS IDOSOS, TEMEM TER SIDO CONTAMINADOS. ALGUNS DELES JÁ ESTÃO HOSPITALIZADOS

iriam ao enterro do filho, por causa do risco de também estarem infectados, já que moravam na mesma residência.

Motivos para preocupação não faltavam. Cinco dos seis moradores da casa — além dos pais, outros dois irmãos — apresentavam os sintomas da doença, como dores pelo corpo, tosse ou febre. No dia anterior à morte do filho, o pai, de 83 anos, havia procurado a mesma unidade da Prevent Senior por sentir dificuldades para respirar. Relatara que um de seus filhos estava internado no mesmo hospital. E pedira para fazer o teste do novo coronavírus. Mas foi ignorado, segundo a filha. “Falaram que não tinha mais. E que só era possível fazer em outra rede particular, pagando R\$ 250. Você acha que a gente ia pagar, não é?”, desabafou a filha.

Na terça-feira 17, dia seguinte à morte, o irmão mais novo da vítima contou em entrevista a O GLOBO que, passadas mais de 24 horas do primeiro registro fatal da doença no Brasil, nenhum dos moradores da casa havia sido contatado ou submetido a testes para detecção do vírus. Inclusive ele, que, por não ser beneficiário do Prevent Senior, buscara atendimento em unidades de atendimento do SUS, sem sucesso.

No pronto-socorro do Hospital do Servidor Público, da rede municipal, na Zona Sul de São Paulo, ele pediu para fazer um exame do novo coronavírus, mas disseram que não tinha. “Dá uma suadeira. Você sua, sua, parece que está morrendo, mas depois passa. Depois vem uma fraqueza danada. A gente está tomando vitamina”, contou.

No dia seguinte à publicação da reportagem, uma ambulância do Samu foi acionada para buscá-lo em casa. Segundo familiares, na quarta-feira 18 ele foi internado no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

No mesmo dia, a irmã que mora na mesma rua e não apresenta sintomas foi à sede da Prevent Senior para exigir que internassem seus pais, que apresentavam sintomas da doença e nem sequer haviam sido testa-

EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO



dos. “Falei que ia chamar imprensa, polícia, advogado. ‘Vocês precisam buscar meu pai e minha mãe porque eles estão ruins, vocês nunca deram uma assistência, não estão fazendo nada.’ Na televisão deu que eles estão monitorando e dando assistência, não é? Tudo mentira, fiquei sabendo do corona depois que enterrei meu irmão”, disse.

A pressão surtiu efeito. Uma ambulância da Prevent Senior buscou os dois idosos de mais de 80 anos em casa. Eles estão internados na mesma unidade em que faleceu o filho. Outra irmã, que também morava na casa, foi atendida pelo Samu e internada no Hospital do Servidor Público Municipal. Na noite de terça-feira, em meio a tudo isso, a matriarca tentava entender a razão da tragédia que acometera a família.

“A coisa mais triste do mundo é perder um filho, não poder ir ao enterro, não poder fazer nada. É muito difícil, difícil, difícil. Até a gente não aguentar mais”, desabafou a mulher, ao telefone, horas antes de ser internada.

Ela ainda se queixava de dores no corpo e boca seca. “No dia em que meu filho saiu daqui para ir ao pronto-socorro, falei com ele que pegasse na mão de Deus e fosse. Diante de Deus, *(a gente)* é nada.” _____

O porteiro foi internado no Hospital Santa Maggiore, da rede Prevent Senior, em São Paulo



H.G.

hgurovitz@edglobo.com.br
@gurovitz

HELIO GUROVITZ É JORNALISTA
E BLOGUEIRO DO PORTAL G1

A PESTE VOLTA A ASSOMBRAR O BRASIL E O MUNDO

A tosse seca arranha a garganta. A coriza não para. Sinto uma leve dor de cabeça. Será? Não sei. A temperatura se mantém normal. Decido que não vale a pena encarar um hospital e fico em casa, numa quarentena autoimposta. Sobre a mesa ainda está o romance que citei aqui faz duas semanas ao tratar das pandemias: *A peste*, de Albert Camus. É uma edição antiga da Gallimard, comprada por minha mãe quando o autor ainda era vivo, tão lida e relida que as páginas caem. Irresistível. Em minutos esqueço o resfriado e mergulho na epidemia fictícia de peste bubônica que acomete a cidade de Orã, na Argélia, entre abril e janeiro de um ano qualquer na década de 1940. Qual os personagens do romance, qual italianos, franceses, chineses e demais povos submetidos ao isolamento compulsório, partilho voluntariamente o sabor do “exílio na minha própria casa” — a definição de Camus para o sentimento que toma conta dos habitantes de Orã, postos em quarentena não pelo coronavírus, mas pelo bacilo.

“A primeira coisa que a peste trouxe a nossos cidadãos foi o exílio”, escreve o narrador lá pelas tantas. “Não havia mais destinos individuais, mas uma história coletiva, a peste e os sentimentos partilhados por todos. O maior era a separação, o exílio, com tudo que isso comportava de medo e revolta”, relata noutro trecho. “Sempre chegava o momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegariam. Sabíamos que nossa separação estava destinada a durar e que deveríamos tentar nos acertar com o tempo. A partir daí, voltávamos à condição de prisioneiros, estávamos reduzidos a nosso passado.”

Não é difícil entender por que Camus voltou à lista de best-sellers. As semelhanças com o cenário atual atordoam.

Autoridades vacilam para impôr medidas draconianas de isolamento. Em três dias, os hospitais estão abarrotados. Tratamentos se revelam ineficazes. Médicos ficam exasperados. Todos se mantêm afastados uns dos outros para evitar contágio. As ruas ficam vazias com o toque

de recolher. A inflação dispara, o contrabando floresce. Outra estatística sobe vertiginosamente, com “eficácia matemática e soberana”, o número semanal de mortos — 16, 24, 28, 32, 302, 321, 345... A certa altura, a contagem se torna diária — 92, 107, 120... Enterros noturnos em vala comum, sem caixão nem separação entre homens e mulheres, são o modo que os cemitérios encontram para dar conta do volume. “É no momento da tristeza que nos habituamos à verdade, ou melhor, ao silêncio”, prega o sacerdote que vê no flagelo um recado divino, mas um dia também tombará vítima dele.

Camus nunca negou o espírito político em sua obra-prima. Fez da peste bubônica a metáfora do nazismo. Da luta contra ela, o espírito da Resistência a que pertenceu. O narrador-médico sabe que não há paz nem armistício “para a mulher amputada de seu filho ou o homem que enterra seu amigo”. Sabe que, sem liberdade, a pátria verdadeira está “além dos muros da cidade sufocada”. “Há nesta terra os flagelos e as vítimas — e é preciso, tanto quanto possível, recusar ficar com o flagelo”, afirma outro combatente, um ateu que também tombará. Falar a verdade perante os ignorantes lhe cobra um preço alto. “Sempre chega uma hora em que quem ousa dizer que dois mais dois são quatro é punido com a morte.”

Há na quarentena corrupção e contrabando, mercadores de mentiras e falsas curas. Há quem fique satisfeito com a profusão de cadáveres e se aproveite do flagelo para lucrar. Há o homem feliz com a tragédia, que vai à loucura quando tudo acaba — aquele cujo “único crime real foi ter aprovado em seu coração o que faz morrer as crianças”. “O vício mais desesperador”, diz o narrador, “é a ignorância que crê tudo saber e que se autoriza, portanto, a matar.” É o vício que hoje assombra o Brasil e o mundo nos escalões mais altos do poder, prova da profecia de Camus nas linhas finais: “O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca. Chegará o dia em que, para infelicidade e aprendizado dos homens, a peste despertará seus ratos e os enviará para morrer numa cidade feliz”. E eis-nos, mais uma vez, exilados em nossas próprias casas.

A PESTE

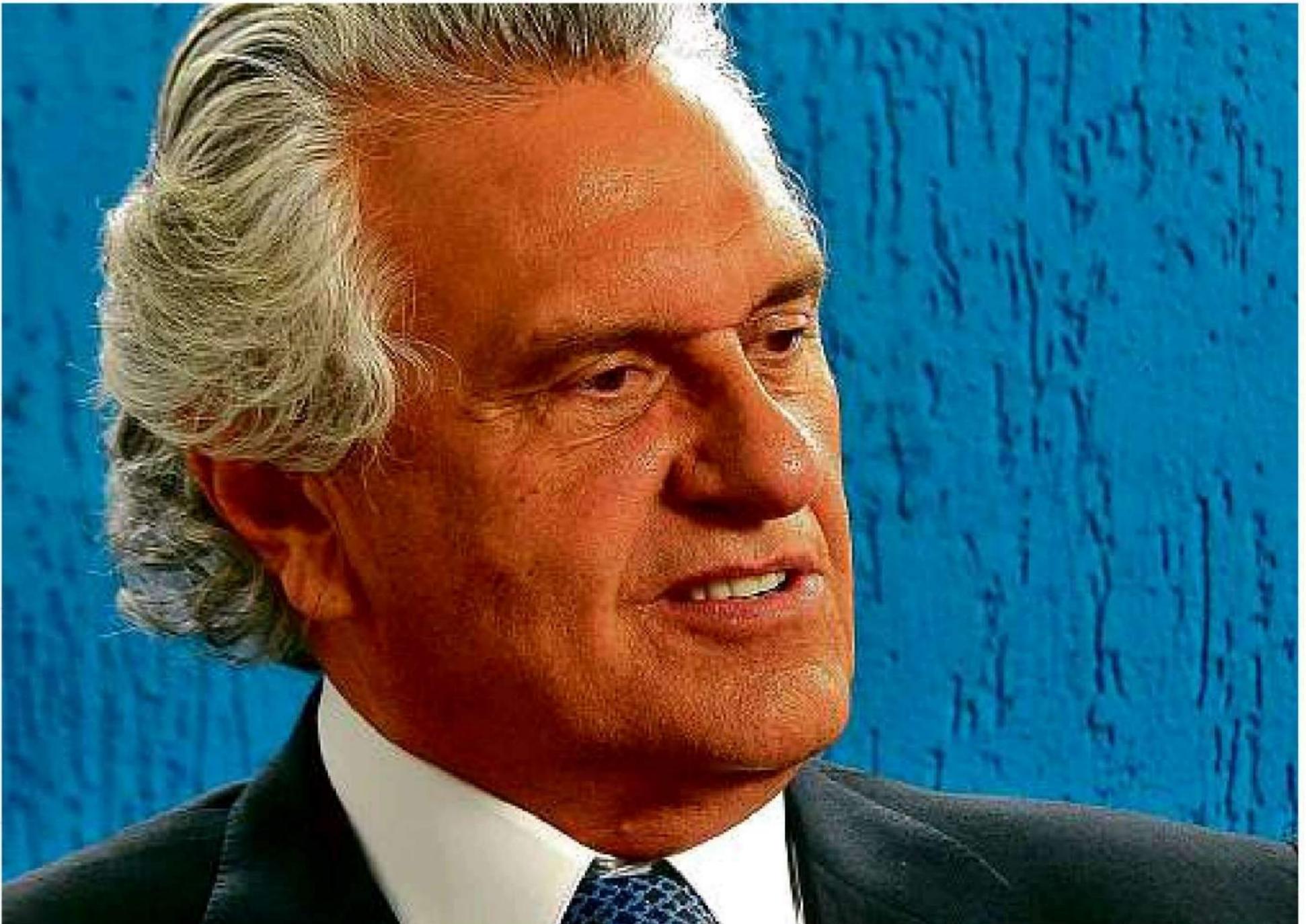
Albert Camus, Record
2017 | 288 páginas | R\$ 50

Ronaldo Caiado, governador de Goiás
e aliado próximo de Jair Bolsonaro,
explica por que foi pessoalmente desmobilizar
as manifestações pró-governo no domingo
e evita criticar o presidente

por Naira Trindade

7 PERGUNTAS PARA

CAIADO



1. O senhor foi até as manifestações pedir para que as pessoas deixassem a aglomeração, mas acabou vaiado. Esse comportamento o assustou?

Eu fui bem direto por um motivo simples: não posso ter dois pesos e duas medidas. Se eu estava interrompendo todos os eventos em Goiás, mandei fechar e desmobilizar toda e qualquer aglomeração de pessoas. Como, depois de um decreto ter sido baixado, pode haver um carro de som convocando as pessoas para a rua? Ninguém está imune às regras. Em meu estado, as regras são para serem cumpridas. Não faço concessão. Não posso admitir que um cidadão saia num carro de som dizendo que as pessoas têm de ir para as ruas, senão não estão defendendo a democracia. Como um governador de estado não posso admitir isso. Como iria bloquear outro evento depois?

2. Os governadores estão tomando o protagonismo em medidas para conter o vírus. O presidente Jair Bolsonaro falou em histeria e criticou as ações dizendo tratar-se de medidas muito drásticas. O que o senhor acha?

Em termos de posições duras e restritivas, eu diria que estou em primeiro lugar, porque minha posição neste momento é de médico. Quero concluir meu mandato com o menor número de óbitos possível. Se der conta de ter o menor pico de contaminação dos goianos, me sentirei realizado em minha gestão. Essa é minha determinação e está claro a todos os meus secretários, gestores e servidores. Todos já sabem que tenho restrições extremamente limitadoras ao trânsito de quem quer que seja, diminuição de todas as atividades mesmo. Como médico, não posso deixar de valorizar a ciência e os dados embasados por colegas que estão concluindo que a única maneira que temos é essa. Então, esse é o caminho que vou seguir. Vou bloquear o máximo possível de aglomeração de pessoas com risco de contaminação.

3. O senhor chegou a pedir antecipadamente que o presidente adiasse ou cancelasse as manifestações?

O presidente foi para os Estados Unidos e não falei mais com ele nesse intervalo. Mas eu já havia decretado a calamidade na área da saúde pública.

- 4. Os primeiros brasileiros repatriados da China foram recebidos pelo senhor em Anápolis, quando ainda não tínhamos casos do novo coronavírus no Brasil. Como acha que enfrentaremos essa pandemia?**

Todos nós sabíamos que isso chegaria. Tem gente que achou que era história da carochinha, mas a verdade é que, no momento em que tivemos aquela ação toda articulada com a chegada dos que estavam na China, com todos os controles sanitários e protocolos, sabíamos que chegaria ao Brasil. E já me preparei.

- 5. Hoje, o senhor é um dos governadores mais próximos ao presidente Jair Bolsonaro, inclusive já foi elogiado durante discursos. O que achou da ida dele às manifestações?**

Vou te dizer uma coisa: sou muito vivido, tenho seis mandatos no Congresso Nacional e agora sou governador. Posso dizer que nestes últimos dias nós precisamos fazer uma reflexão. Se nós formos trabalhar em poder condenar os atos A ou B e não nos esforçarmos agora no sentido de buscarmos dentro da legislação federal, dentro da legislação estadual e dentro da liderança que nós exercemos, vou estar entrando numa seara que deixa de ser médica para ser política. Não vou entrar no campo político agora. Meu campo político está aposentado, de lado. Minha ação é 100% de médico, com autoridade de governador. Tenho o juramento de médico e a autoridade de governador, e uso a medicina e imponho a autoridade com a prerrogativa que tenho. Se eu entrar nessa discussão do que o presidente disse, do que Rodrigo (*Maia*) disse, o que Davi Alcolumbre (*presidente do Senado*) falou ou o Supremo falou, nesta hora que estou num ritmo tão acelerado do ponto de vista de saúde pública, vou estar entrando numa seara que é acessória. Não vai resgatar mais nada. Isso já é fato consumado, leite derramado. Não volta mais. Tenho de ter serenidade de atuar no meu foco. Terminou coronavírus, aí vamos voltar para a discussão política. Se for chamado pelo presidente, irei lá tranquilamente e vou colocar as coisas que estou fazendo em Goiás.

- 6. O ministro Luiz Henrique Mandetta (da Saúde) disse que podemos esperar por 90 dias de situações difíceis. Qual a expectativa do senhor?**

Meu calouro está otimista (*Mandetta, também médico ortopedista, trabalhou com Caiado*). Eu diria que minha previsão é de 90 a 120 dias difíceis.

- 7. Mandetta teve de se explicar ao presidente por ter aparecido ao lado de autoridades em reuniões. Como o senhor avalia a atuação de Mandetta?**

Minha proximidade com Mandetta é muito grande. É meu amigo-irmão. Ele está trabalhando de uma maneira ímpar. Nunca tive dúvidas sobre ele. Quando chegou à Câmara, por indicação de líderes, eu já botei ele na Comissão de Seguridade Social e Família e sempre disse que seria ministro. Ele é bem acima do nível, preparado, estudioso. Ele é o homem que tem capacidade de argumentar e debater com a Organização Mundial da Saúde. Ele é a pessoa que tem condição de nos representar.

Quando se trata de informação você prefere velocidade ou credibilidade?



O Valor PRO oferece os dois e muito mais.

Com notícias dos bastidores do mercado, ferramentas analíticas e informações completas sobre finanças e negócios, o **Valor PRO** é um serviço de informações em tempo real que une toda a velocidade que o mercado exige à credibilidade do **Valor Econômico**.

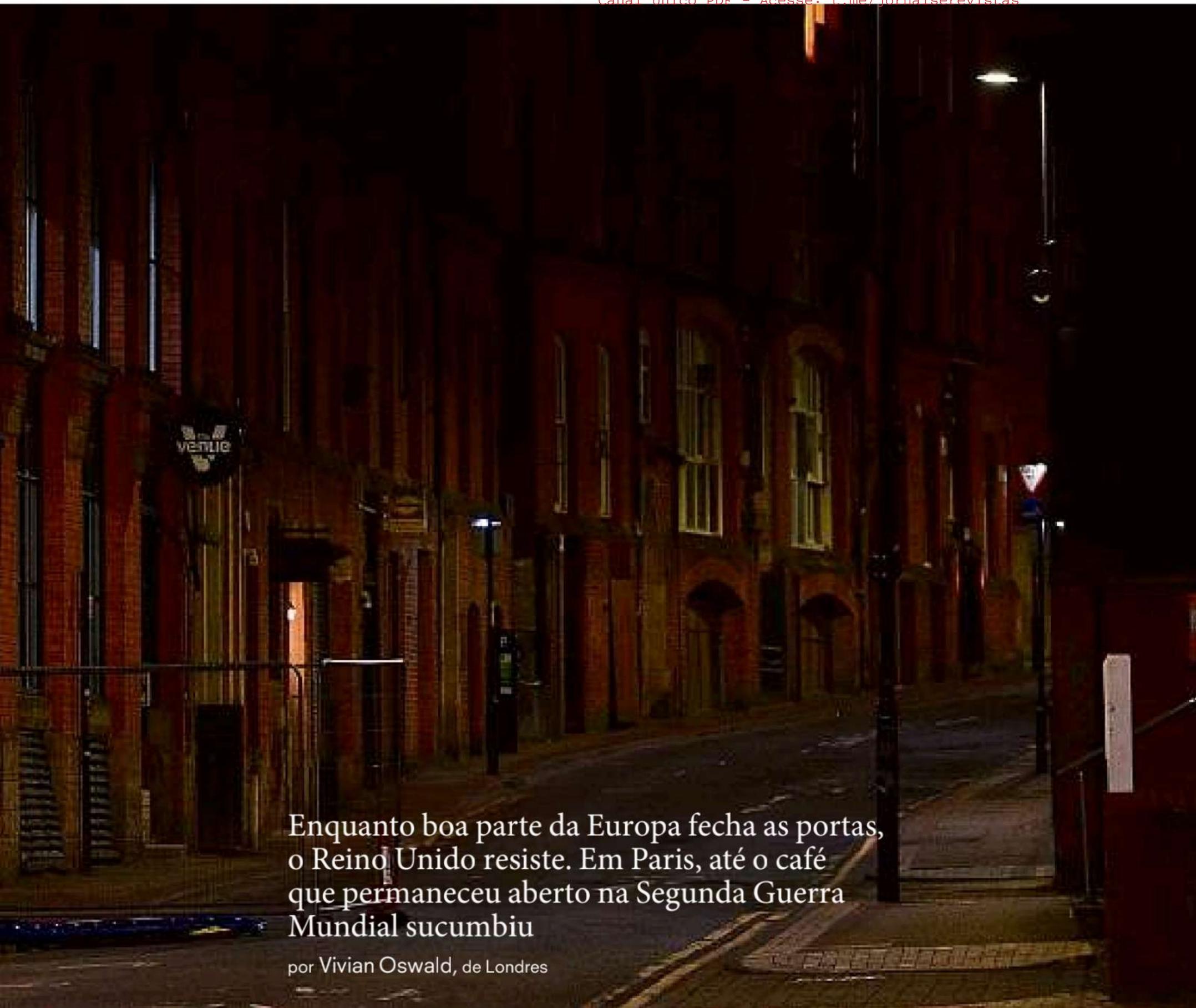
SOLICITE UMA DEMONSTRAÇÃO.
valorpro.com.br | 0800-003-1232

Valor PRO

Versátil como o mercado.
Confiável como o Valor.



OS PUBS CONTRA A PANDESMIA



Enquanto boa parte da Europa fecha as portas, o Reino Unido resiste. Em Paris, até o café que permaneceu aberto na Segunda Guerra Mundial sucumbiu

por Vivian Oswald, de Londres

Em Manchester, no Reino Unido, ruas vazias em frente aos pubs nas comemorações do dia de São Patrício, festa tradicional irlandesa também celebrada no Reino Unido

“**N**ão invente desculpa para ir ao pub, guarde a desculpa para quando voltar de lá.” Esse é apenas um dos tantos ditados criados em torno da cultura das “public houses”, os bons e velhos pubs britânicos, uma paixão nacional. Suas origens remontam a quase 2 mil anos atrás, quando da ocupação dos romanos. Eles trouxeram o conceito das tabernas, que, dizem, inspiraram essa verdadeira instituição britânica espalhada por suas ilhas ainda na Idade Média. Um em cada quatro adultos vai ao pub pelo menos uma vez por semana. Pode-se dizer que o expediente acabou no centro de Londres pelo burburinho animado dos frequentadores assíduos com suas “pints” (a medida britânica por excelência para os co-

pos de cerveja, de 568 mililitros) no final da tarde, já do lado de fora do estabelecimento. Chova ou faça sol. Diz-se que não há vilarejo que não tenha o seu. É ali que as pessoas comemoram os bons momentos da vida e lamentam os maus, assistem aos campeonatos de futebol e rúgbi ou simplesmente esquecem os problemas cotidianos.

Mas a rotina dos pubs, como a do restante da economia do Reino Unido e da Europa, mudou radicalmente nos últimos dias. O primeiro-ministro, Boris Johnson, custou, mas recomendou que as pessoas evitem lugares fechados. Diferentemente do que aconteceu em outros países europeus, Johnson não chegou a proibir que estabelecimentos ficassem abertos. Mas o governo se sente cada vez mais

pressionado pela população e poderá determinar o confinamento amplo muito em breve diante do agravamento da situação do novo coronavírus na Europa, que se tornou o epicentro da epidemia e superou a China em número de infectados e mortes. Especialistas, a classe política e os ingleses desconfiam da falta de celeridade das autoridades para cortar o contato social de uma vez por todas, considerando que, mesmo os países que se valeram dessa estratégia no continente não conseguiram conter a escalada do vírus. As escolas britânicas permaneciam abertas até o dia 18 — e só então o governo anunciou que as aulas seriam suspensas na sexta-feira 20, como já haviam feito a Escócia e o País de Gales. A Universidade de Oxford, em razão dos nove casos confirmados na cidade, suspendeu as aulas presenciais. Em Cambridge, foi acionado o “modo vermelho”, em que as aulas acontecerão apenas on-line e os testes estão adiados até segunda ordem.

Na semana passada, 229 cientistas enviaram à residência do premiê uma carta aberta em defesa de ações mais rigorosas para evitar a contaminação. Eles são contra a chamada “imunização de rebanho”, que estaria na base do plano de Johnson. A ideia é que, após 60% da população estar contaminada com o vírus, a maioria das pessoas se tornaria “vacinada” contra a doença. “Nós ainda temos chance/tempo para conter (*a disseminação*). Ou vamos apenas ficar rangendo os dentes enquanto esperamos que 250 mil pessoas morram?”, perguntou pelo Twitter Willem van Schaik, professor de infectologia da Universidade de Birmingham, um dos signatários da missiva.

Para o professor Mike Tildesley, da Universidade de Warwick, a estratégia do governo tem sido mal interpretada porque a tal imunidade de rebanho é uma consequência do contato entre as pessoas ao longo do tempo. Ele afirmou que o mais importante agora é tentar calibrar as medidas draconianas necessárias para trancar a população em casa com os estágios de contaminação. “Não adianta deixar todo mundo preso em casa agora se vai ser necessário manter as pessoas em quarentena por muitas semanas, talvez meses”, disse a ÉPOCA. Mas os próprios cidadãos começam a desconfiar da demora para que se imponha o isolamento como em outros países e já têm optado por trabalhar de casa e deixar de frequentar locais públicos. É por is-

so que, antes mesmo da determinação para que os pubs fechem suas portas, os proprietários do segmento já veem a crise do novo coronavírus como uma pá de cal na luta que travam há anos por sobrevivência. A especulação imobiliária britânica e os altos custos desses pequenos negócios, em geral familiares, levou 13 mil pubs a sumir do mapa entre 2001 e 2018. Depois de muitas campanhas, entre elas a que restringiu por lei a possibilidade de demolição desses estabelecimentos, em geral prédios da era vitoriana ou anteriores, conseguiu-se conter o movimento.

Pela primeira vez em quase uma década, houve um leve aumento de 0,8% no número de pubs abertos no Reino Unido. Em janeiro de 2020, eram 39.142 estabelecimentos em todo o país. Era o primeiro suspiro depois de muito tempo, segundo o cofundador da organização Protect Pubs, James Watson. “Quem se dedica a esse setor não quer ficar rico. Os custos são muito altos. As pessoas fazem isso por amor. Estamos há anos nos dedicando à causa de preservar os pubs, que são notadamente um símbolo da cultura britânica dentro e fora do país”, disse. Oito anos atrás, o The Seven Stars, em Dinton, estava prestes a sair do ramo. Foi o esforço da comunidade do vilarejo, que comprou o edifício histórico e colocou dois cidadãos locais para tocar os negócios, que manteve o pub aberto até hoje, ganhando sucessivos prêmios.

RICHARD POHLE/POOL/AFP

CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson (abaixo, à esq), em coletiva de imprensa em 16 de março, anunciando medidas econômicas para combater a crise. O fechamento de estabelecimentos ainda não foi adotado, a despeito de o continente ter se tornado o epicentro da epidemia

Em Paris, o Café de Flore (abaixo), reduto de intelectuais ao longo de todo o século XX, nunca havia fechado as portas — nem mesmo durante a Segunda Guerra Mundial. Com o decreto de recolhimento na França, parou de funcionar

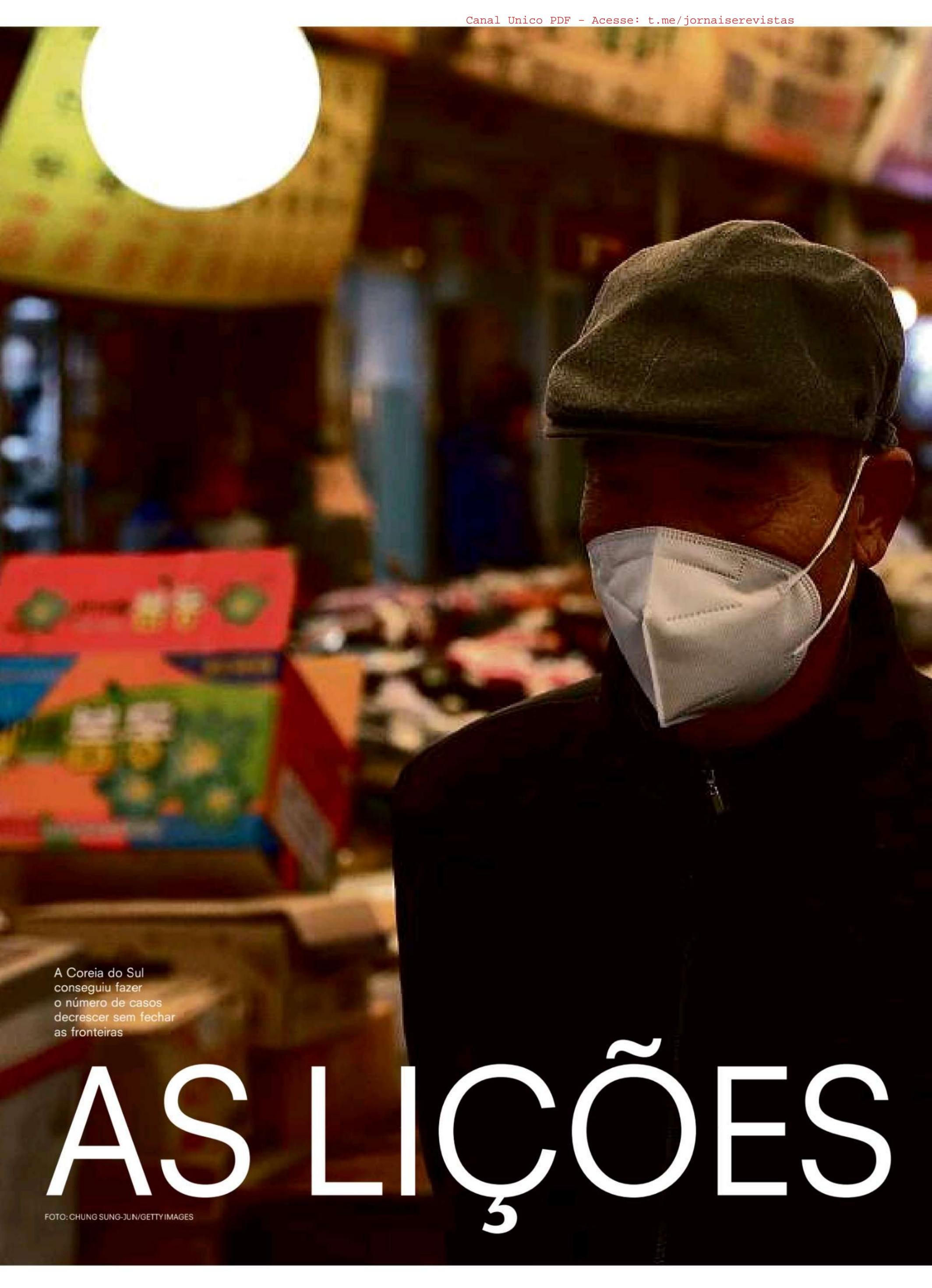
Na Itália, na Espanha, na França e na Bélgica, países oficialmente em confinamento total, bares e restaurantes já não funcionam. Na segunda-feira passada, foi a vez da França de anunciar o fechamento de todo e qualquer comércio que não fosse considerado indispensável, bares e restaurantes inclusive. A imagem do tradicional Café de Flore, em Saint-Germain-des-Près, um dos símbolos parisienses, até segunda ordem ficará na memória dos velhos frequentadores e nas fotos dos turistas que se dispõem a pagar os preços salgados para comer um croissant e tomar um café no endereço que foi ponto de encontro da inteligência local na época de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre e jamais fechou suas portas — nem mesmo durante a Segunda Guerra Mundial. O badalado café já não deverá ostentar as mesas lotadas do lado de fora no início da primavera. Nem ele

nem a famosa Brasserie Lipp, também em Saint-Germain-des-Près.

Entre os estrelados do *Guia Michelin*, o Guy Savoy, em Paris, fechou as portas e postou em suas redes uma mensagem de “até logo”. O chef francês que dá nome ao restaurante também gravou um vídeo pedindo resiliência e prestando solidariedade às famílias atingidas pelo vírus. O italiano Massimo Bottura, da Osteria Francescana, em Modena, ao fechar seus seis estabelecimentos, também resolveu burlar o confinamento publicando em suas redes sociais vídeos de receitas clássicas e fáceis de realizar, sob a hashtag #kitchenquarantine. No último episódio, em 17 de março, ensinou a fazer um molho bechamel para o prato “mac and cheese” (macarrão ao molho de queijo). Para aplacar os dias tristes vividos pelo povo italiano, Bottura recomenda, em tom esperançoso, ao menos que se agrade o paladar._____

EDWARD BERTHELOT/GETTY IMAGES





A Coreia do Sul conseguiu fazer o número de casos decrescer sem fechar as fronteiras

AS LIÇÕES

FOTO: CHUNG SUNG-JUN/GETTY IMAGES

COMO A RECEITA COREANA
DE COMBATE À PROPAGAÇÃO
DO VÍRUS COMEÇOU MAL,
FOI AJUSTADA E SE TORNOU MODELO
PARA O MUNDO DEMOCRÁTICO

por Thiago Mattos Moreira, de Seul

DA COREIA



CHUNG SUNG-JUN/GETTY IMAGES

É cedo pela manhã e um ônibus passa por Myeong-dong, distrito de Seul famoso por estar sempre lotado, tanto de turistas quanto de locais, por causa das populares lojas de cosméticos. Isso era antes de a pandemia do coronavírus abater o país. As ruas agora estão semidesertas. Quando o relógio marca 9 horas da manhã, os celulares dos passageiros disparam um estridente alarme em uníssono. O barulho de tantos aparelhos ao mesmo tempo já quase não surpreende ninguém.

São mensagens de emergência enviadas pelo governo. Em geral, informam infecções recentes do Covid-19 de acordo com o bairro de residência de cada cidadão. Trazem também um link onde é possível visualizar a trajetória dos novos pacientes pela cidade. Com a ajuda de dados de geolocalização dos celulares, mostram por onde cada novo infectado andou, as linhas de metrô que tomou, onde almoçou, por quais ruas transitou até o momento da confirmação da infecção. Em seguida, os passageiros do ôni-

bus recebem a lista dos números de identidade das pessoas que podem comprar máscaras naquele dia em farmácias locais.

É possível ouvir um suspiro resignado por debaixo dos filtros de pano que cobrem os rostos de quase todos os passageiros naquele momento que já se tornou um ritual diário. A cena é um resumo de duas decisões do governo sul-coreano que têm sido destacadas internacionalmente. Ao informar a trajetória dos infectados, o governo consegue avisar quem pode ter passado nos mesmos lugares e contraído o vírus. Como incentiva até mesmo quem não tem sintomas a usar máscara, consegue diminuir a disseminação.

A apreensão em torno do novo coronavírus, que já registrou mais de 8 mil contaminações no país, ainda é forte, mas o pânico generalizado de algumas semanas atrás parece ter lentamente sucumbido à rotina de contenção sanitária. Com um alívio cauteloso, os sul-coreanos testemunharam em poucas semanas o número de casos confirmados por dia passar dos três dígitos para apenas

NA CHINA, MILHARES LOTARAM OS HOSPITAIS À PROCURA DE TESTES, O QUE ELEVOU O NÚMERO DE INFECTADOS. PARA EVITAR ISSO, OS COREANOS INVENTARAM UM DRIVE-THRU. AS PESSOAS SÃO TESTADAS SEM SAIR DO PRÓPRIO CARRO



SEONGJOON CHO/BLOOMBERG VIA GETTY IMAGES



POOL/AFP VIA GETTY IMAGES

Equipes de trabalhadores desinfetam vagões de metrô em Seul (à esq.)

Soldados medem a temperatura no Aeroporto Internacional de Incheon (acima)

Lee Man-hee (à dir.), líder do culto Shincheonji. Uma fiel espalhou a doença por boa parte do país

algumas dezenas, além de apresentar a menor taxa de mortalidade de todos os países atingidos pela pandemia — 0,7% em comparação aos 3,6% da Itália, por exemplo. Para alguns especialistas, trata-se de um modelo a ser seguido ou, pelo menos, para inspirar países como o Brasil.

O prognóstico, contudo, nem sempre foi tão animador. O início da infecção na Coreia do Sul teve contornos dramáticos. O culto religioso Shincheonji, uma seita sul-coreana de influência neopentecostal com mais de 215 mil seguidores, foi o primeiro e maior foco da doença. Tudo começou na congregação da cidade de Daegu — por ironia, um lugar comumente referido como o mais conservador e até mesmo xenofóbico do país. Uma integrante foi infectada e acabou sendo responsável por dois terços dos casos no país.

O poder de contágio dessa senhora de 61 anos, segundo o governo sul-coreano, tem relação com os hábitos da seita. Sua congregação compartilhava locais fechados, com pouco espaço para circulação, além de punições severas para ausências nos cultos mesmo em ca-

so de sintomas de doença. Em fevereiro, a Coreia do Sul, que acompanhava a proliferação do vírus com comedido preocupação, despontou como o segundo maior foco da doença no mundo, atrás apenas da China, deixando para trás Taiwan, Hong Kong e Macau, lugares que tinham registrado casos antes.

A pressão política sobre os governantes por não terem antecipado o desastre foi gigantesca. Não foram poucos os que chegaram a pedir o impeachment do atual presidente, de centro-esquerda, Moon Jae-in, alegando incompetência na gestão da crise. O governo teve de rever totalmente sua estratégia em face da comoção popular. O ponto principal da resposta foi a reconfiguração do programa de testes para o vírus, que passou a selecionar mais pessoas *per capita* para monitoramento do que qualquer outro país no mundo. Até meados de março foram feitos cerca de 275 mil testes, o que dá uma média de 5 mil para cada grupo de 1 milhão de habitantes. Para efeito de comparação, na Itália a proporção é de um pouco mais de 2 mil testes por milhão

e nos Estados Unidos de míseros 125. Usando outro indicador, a Coreia do Sul chega a fazer 15 mil testes diários, 50% a mais que o Japão, cuja população é mais que o dobro da coreana. Burocracia e hesitações políticas relacionadas à Olimpíada têm atrasado a resposta japonesa à proliferação da doença.

Para incentivar a participação de todos, na Coreia do Sul os testes são gratuitos para qualquer pessoa encaminhada por um médico ou com sintomas após contato recente com um caso confirmado ou depois de retornar de viagem da China, da Itália ou de outro país de grande incidência do vírus. Para quem simplesmente se preocupa com o risco de infecção e quer fazer o teste, o custo é de 160 mil won (US\$ 135), preço relativamente acessível para a realidade econômica do país. O serviço só é possível graças ao sistema universal de cobertura de saúde oferecido pelo Estado, que ganhou significativa experiência na atuação em emergências epidemiológicas nas crises de coronavírus anteriores — conhecidos pelas siglas Mers e Sars.

A mudança de hábitos da sociedade no combate ao novo vírus também tem sido surpreendente. A Coreia do Sul é um país conhecido — e criticado — mundialmente por ter jornadas de trabalho extensas e abusivas. No ranking dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o clube dos países ricos, os sul-coreanos estão no grupo dos três que trabalham mais horas, 50% a mais que a média da Alemanha. Agora, de forma voluntária, empresas grandes e pequenas estão não apenas cancelando grandes reuniões e eventos, mas também incentivando o home office, antes encarado como uma utopia estrangeira.

A inventividade das políticas públicas na área da saúde também tem sido digna de nota. Os testes “drive-thru”, desenvolvidos na cidade de Goyang, ao norte de Seul, não apenas se tornaram virais nas redes sociais, mas também se transformaram em exemplo de boas práticas no restante do país e no mundo. As pessoas podem realizar o teste para o vírus de dentro de seus carros, o que reduz o risco de infecção em ambientes hospitalares, como aconteceu na China. O presidente americano Donald Trump gostou tanto da ideia que prometeu colocá-la em prática nos Estados Unidos nas próximas semanas.



ATÉ MESMO QUEM NÃO ESTÁ COM OS SINTOMAS É INCENTIVADO A USAR MÁSCARAS, CUJA DISTRIBUIÇÃO É REGULADA PELO GOVERNO. PELO CELULAR, TODOS FICAM SABENDO OS PERCURSOS DAQUELES QUE TESTARAM POSITIVO

Até o momento, as medidas preventivas adotadas na Coreia do Sul não envolveram bloqueios de estradas nem ostensivas restrições ao movimento de seus cidadãos, como fizeram a União Europeia e os Estados Unidos. Os sul-coreanos introduziram apenas “procedimentos especiais de imigração” para países fortemente afetados, como a China, exigindo que os viajantes passem por verificações de temperatura, forneçam informações de contato e preencham questionários de saúde. “Rastrear, testar e tratar” tem sido o mantra dos agentes públicos de saúde do país até o momento — uma postura saudada por analistas como alternativa às medidas autoritárias de contenção recentemente observadas e propostas em outros países.

Apesar do sucesso da Coreia do Sul — pelo menos até agora —, há dúvidas sobre até que ponto esse modelo pode ser “exportado”. Os sul-coreanos têm um senso de coletividade pouco comum no Ocidente. Isso explica o hábito de usar máscara protetivas, a familiaridade com práticas de distanciamento social e a divulgação de dados sobre a trajetória dos infectados. Os detalhados mapeamentos de contaminados não teriam sido obtidos e divulgados de modo tão rápido sem o uso extensivo de câmeras de vigilância e acesso a informações privadas como tran-

sações de cartão de crédito e geolocalização de smartphones — medidas que ganharam apoio legal após o surto de Mers de 2015.

Ainda que essas informações estejam ajudando, parte dos sul-coreanos vê efeitos colaterais negativos nessas medidas invasivas. As mensagens de monitoramento de infectados não apresentam nenhum nome, mas não é difícil identificar os perfis pela trajetória apresentada, pela idade e pelo gênero. Em um caso extremo, internautas chegaram a identificar e expor um homem que tem um relacionamento extraconjugal. É possível encontrar facilmente relatos de indivíduos que começaram a evitar espaços LGBT e motéis com medo de serem expostos publicamente em caso de contaminação. O medo de ser responsabilizado por seus pares pela disseminação do vírus também tem gerado ansiedade e representado sofrimento. Uma equipe da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nacional de Seul apontou recentemente, em uma pesquisa que entrevistou 1.000 coreanos, que mais gente temia a represália social de ter se contaminado e espalhado o vírus do que os sintomas e consequências da doença.

Na esfera econômica, a superexposição de informações também tem causado danos. Estabelecimentos comerciais citados na trajetória dos infectados têm tido sérios danos comerciais e até mesmo fechado as portas, a despeito do anunciado comprometimento do governo em apoiar pequenos e médios negócios neste momento de crise. Se a Coreia do Sul, de fato, continuará triunfando contra a ameaça do coronavírus, é preciso ver nas próximas semanas e meses. Existem analistas que acreditam que a redução de casos no país esteja mais relacionada com o recorte concentrado de testes entre os membros do culto Shincheonji (hoje, virtualmente todos os membros da organização religiosa se encontram testados) do que com uma real redução da contaminação do vírus — até mesmo um aumento do número de casos em Seul nos próximos dias é visto como possibilidade. O mérito inegável da Coreia do Sul, contudo, reside em sua rapidez e principalmente em sua flexibilidade para a resolução de problemas. Talvez a maior lição para os governantes brasileiros seja uma só: a humildade de aprender com os erros no desenrolar da crise.

Paciente com o Covid-19 é transferido por médicos em Seul (à esq.)

Local de testes drive-thru (abaixo), ideia sul-coreana que será implementada nos Estados Unidos



A Olimpíada de 1940 estava marcada antes para Tóquio, e depois foi transferida para Helsinque, mas jamais foi realizada

Abaixo, o cartaz dos Jogos de 1916, os primeiros a ser cancelados, por causa da Primeira Guerra Mundial

A HISTÓRIA MOSTRA COMO O CANCELAMENTO DA MAIOR COMPETIÇÃO ESPORTIVA DO PLANETA, AMEAÇA QUE AGORA PAIRA SOBRE TÓQUIO-2020, ATRAPALHA OS PLANOS DOS ATLETAS E DERRUBA HERÓIS QUE PODERIAM TER SIDO

por Thales Machado

O DESAFIO OLÍMPICO DOS JOGOS

A corredora holandesa Fanny Blankers-Koen estreou nos Jogos Olímpicos na edição de Berlim, em 1936, aos 18 anos. Muito jovem, aproveitou para pegar experiência para as próximas edições, quando esperava ganhar ao menos uma medalha de ouro. Na preparação para os Jogos de Tóquio, em 1940, ela fez por onde: bateu o recorde mundial nos 100 metros, correndo a distância em 11 segundos. A Olimpíada, porém, pela segunda vez na história, foi cancelada.

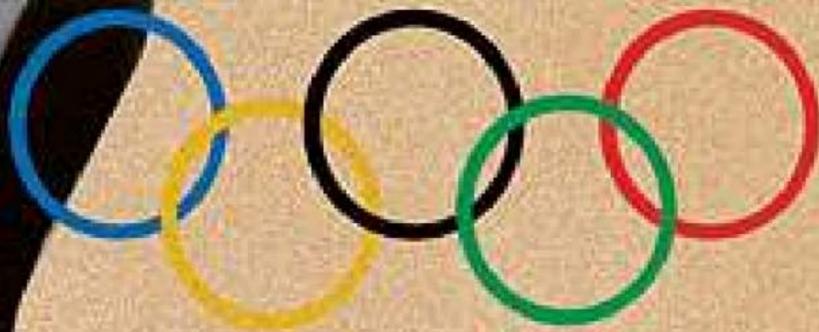
Enquanto a Segunda Guerra Mundial, motivo do cancelamento, acontecia, Blankers-Koen tocou sua vida. Casou-se em 1940 com seu treinador e em 1941 teve o primeiro filho. Pensava-se que seria o fim de sua carreira no atletismo. Mas ela começou a treinar novamente meses depois de dar à luz e bateu nada menos que seis recordes mundiais entre 1942 e 1944, nos 80 metros com obstáculos, 100 metros livres, salto em distância e revezamento 4 por 100 metros. A Olimpíada de 1944, porém, marcada para Londres, também não aconteceu — o mundo seguia em guerra.

Três anos depois do fim do conflito e após um hiato de 12 anos, os Jogos Olímpicos finalmente voltaram a acontecer, na capital inglesa, em 1948. Blankers-Koen, já com 30 anos de idade, era considerada velha para competir. Mesmo assim, conseguiu a classificação logo após o nascimento do segundo filho, mas chegou à competição como azarão e muito criticada: o mundo machista do esporte na





XII



OLYMPIC

TOKYO

1964

primeira metade do século XX não aceitava que uma mãe com dois filhos pequenos deixasse o país para competir e, provavelmente, perder. A holandesa calou os críticos: conquistou quatro medalhas de ouro em Londres (100 metros, 200 metros, 80 metros com barreiras e revezamento 4 por 100 metros), tornando-se a principal atleta daquela edição. Ganhou o sugestivo apelido de “The Flying Housewife”, “A Dona de Casa Voadora”, em tradução literal, e se tornou uma lenda olímpica e inspiração para muitas mulheres.

A história de Blankers-Koen é só uma em meio a tantas marcadas pelos cancelamentos da principal competição esportiva mundial, que deixou de ser realizada por apenas três vezes na história (em 1916, por causa da Primeira Guerra Mundial; e em 1940 e 1944, por causa da Segunda). Agora, os Jogos estão mais uma vez sob ameaça, devido ao surto do Covid-19 que aterroriza o mundo e cancelou ou suspendeu todo tipo de evento esportivo nas últimas semanas. A Olimpíada não acontecer, a opção mais radical, é, por enquanto, apenas uma possibilidade. No entanto o adiamento para o fim do ano ou para 2021 já é cogitado por parte da comunidade olímpica.

Na quarta-feira 18 o Comitê Olímpico Espanhol (COE) pediu que o Comitê Olímpico Internacional (COI) decida logo e atrase os Jogos. Alejandro Blanco, presidente do COE, justificou dizendo que os atletas espanhóis não têm como chegar a Tóquio em condições justas devido ao surto da doença que já fez mais de 11 mil vítimas no país. Um dia antes, o COI se reunira e manteve, como faz desde o começo da crise sanitária, o cronograma dos Jogos, cujo início está previsto para 24 de julho.

Enquanto seletivas, competições classificatórias e eventos-teste de Tóquio-2020 são cancelados ou suspensos, a Olimpíada segue resistindo. Esporte mais popular do planeta,

EM MAIS DE 100 ANOS DE HISTÓRIA, EM APENAS TRÊS EDIÇÕES NÃO HOUE OLIMPIADA — 1916, 1940 E 1944, SEMPRE POR CAUSA DE GUERRAS. É A PRIMEIRA VEZ QUE UM VÍRUS AMEAÇA OS JOGOS

o futebol suspendeu grandes torneios de clubes, como a Libertadores e a Liga dos Campeões, e adiou competições importantes para 2021 — a Eurocopa e a Copa América, por exemplo, cuja decisão estava marcada para 12 de julho, 12 dias antes da abertura dos Jogos de Tóquio.

Cancelar ou adiar uma edição dos Jogos Olímpicos, historicamente, não é mesmo tarefa fácil. Quando a Primeira Guerra Mundial começou, em 1914, a Alemanha seguiu o cronograma de preparativos em Berlim para sediar o evento em 1916. Ninguém esperava que o conflito armado duraria tanto. A decisão de, pela primeira vez desde 1896, cancelar os Jogos só saiu no ano do

Abaixo, Maria Lenk havia batido dois recordes mundiais em 1939, mas o cancelamento dos Jogos de 1940 acabou com seu sonho olímpico

BETTMANN ARCHIVE





ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

Acima, John Woodruff, ouro em uma das disputas mais emocionantes, em 1936, foi de campeão olímpico a herói de guerra

evento, quando tudo estava praticamente pronto em meio a uma Grande Guerra.

“Pierre de Coubertin (*o fundador dos Jogos na era moderna e secretário-geral do COI na época*) acreditava que o poder do movimento olímpico era tal que os alemães, que queriam os Jogos desde seu renascimento, reduziriam sua conduta beligerante no período”, escreveram os historiadores John Findling e Kimberly Pelle, especializados na história do movimento olímpico, esclarecendo o erro crasso de avaliação do COI.

Mais de duas décadas depois, a resistência quanto ao cancelamento da edição de 1940 foi tamanha que duas guerras tiveram de acontecer para que os Jogos fossem suspensos. Escolhida como sede quatro anos antes da abertura, Tóquio venceu a eleição e se tornaria a primeira cidade fora do Ocidente a receber as competições. Mas eclodiu em 1937 a Segunda Guerra Sino-Japonesa, disputa entre o Império Japonês e a China, que resistia às tentativas de ocupação de seu território pelo Exército nipônico, o que já começou a causar turbulências na preparação olímpica da capital japonesa. Já em 1938, o Legislativo japonês questionava a realização do evento em meio ao conflito. Os arquivos do *New York Times* da época mencionam “atitudes indecisas” em relação aos Jogos por parte dos organizadores. Ainda assim, e com o objetivo de usar a Olimpíada para fazer propaganda política como Hitler tinha feito na edição anterior, em Berlim, os japoneses insistiram na capacidade de seguir o planejado. A intenção não foi suficiente e a desistência foi anunciada ainda em 1938.

Com dois anos de folga para a abertura, o COI decidiu trocar a sede em vez de cancelar os Jogos. Deu a Helsinque, capital da Finlândia e vice-colocada na eleição que escolhera Tóquio, o direito de receber a chama olímpica. O começo da Segunda Guerra Mundial, porém, atrapalhou os planos. Quando a União Soviética invadiu a Finlândia, no primeiro ano da guerra, em 1939, o COI decidiu suspender indefinidamente os Jogos Olímpicos até o fim dos conflitos. Assim, a edição de 1944, marcada para Londres, também não aconteceu.

Os maiores prejudicados, claro, foram os atletas, impedidos de disputar a principal competição de suas carreiras, muitas vezes em seu auge esportivo, a idade perfeita para competir. Um dos casos mais simbólicos é o de John



GETTYIMAGES

A primeira atleta à direita na foto acima é Fanny Blankers-Koen. Ela ficou conhecida como "A dona de casa voadora", por ganhar o ouro quando já tinha mais de 30 anos e dois filhos

Woodruff, corredor negro americano que, com apenas 21 anos, conquistou a medalha de ouro nos 800 metros rasos na Olimpíada de Berlim, em 1936, em uma das corridas mais emocionantes da história dos Jogos Olímpicos.

"Eu estava ganhando para mim e estava ganhando para o país. Eu primeiro, depois o país. Definitivamente, foi um sentimento especial ganhar a medalha de ouro e ser negro. Destruímos sua teoria da raça superior (*de Hitler*) sempre que começamos a ganhar essas medalhas de ouro. Por isso, fiquei muito orgulhoso dessa conquista e feliz por mim como indivíduo, por minha raça e por meu país", disse o atleta em depoimento ao Museu do Holocausto de Washington, nos Estados Unidos.

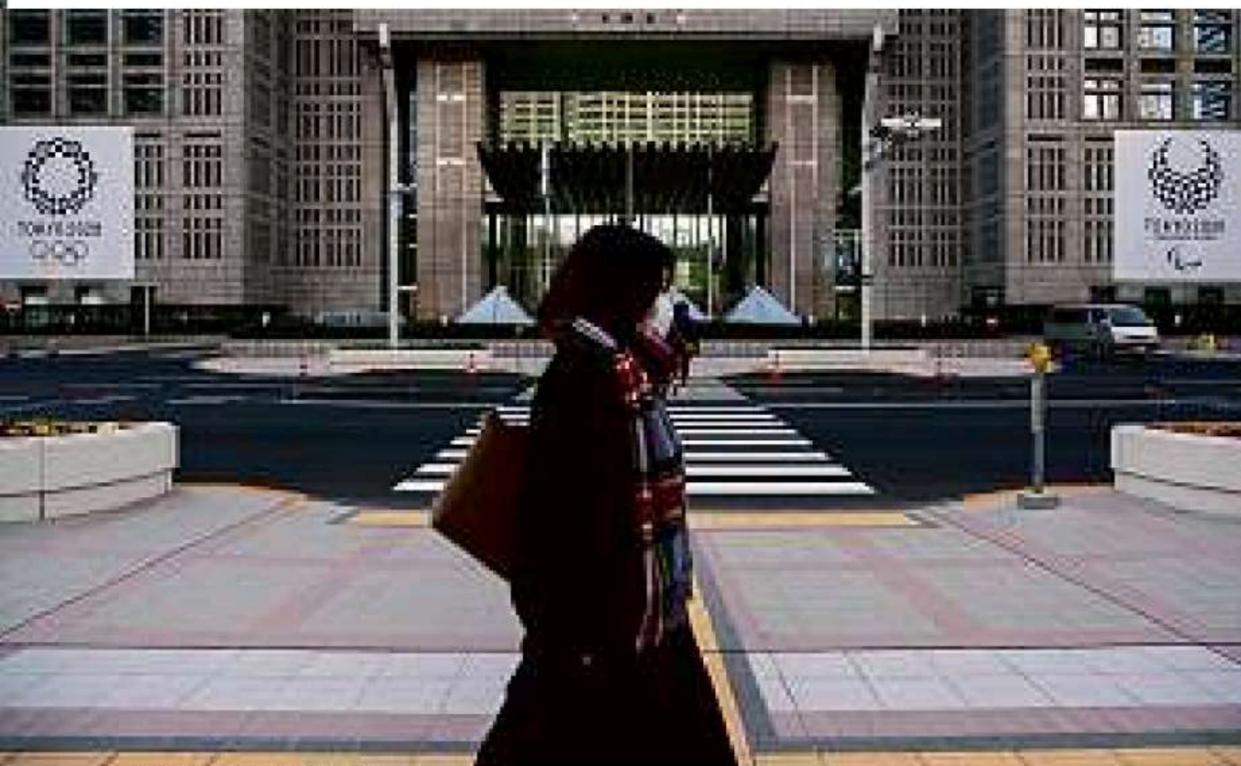
De volta a seu país como um atleta aclamado, Woodruff decidiu estudar história e sociologia, por seu interesse nos livros e pelo que tinha vivido na Alemanha. Ele poderia ter se tornado professor universitário e bicampeão olímpico, mas a guerra atuou duas vezes em sua vida. Além do cancelamento dos Jogos, foi convocado para o serviço militar e atuou na Segunda Guerra Mundial até 1945, quando foi dispensado. Em vez de retor-

nar ao esporte, voltou para o Exército em outro conflito, a Guerra da Coreia (1950-1953), saindo em 1957 como tenente-coronel. Virou herói do esporte e herói de guerra.

Um dado mostra a complexidade de um atleta se manter em alto nível durante um período tão longo. Entre Berlim 1938 e Londres 1948, só dois atletas conseguiram conquistar o título olímpico duas vezes seguidas. Um deles foi a húngara Ilona Elek, ouro na esgrima na Alemanha, aos 29 anos de idade, antes da Segunda Guerra Mundial, e bicampeã na Inglaterra, aos 41, após os conflitos que deixaram 6 milhões de judeus mortos. Um detalhe importante: Elek era judia e só não foi enviada para um campo de concentração porque, além de ter algum prestígio no país pela glória conquistada, a mãe, que morrera quando ela tinha apenas 11 anos, não era judia, só o pai. Em vez de serem mandadas ao campo de concentração, ela e a irmã, também esgrimista, foram proibidas de competir por seis anos, o que não atrapalhou sua chegada novamente ao topo 12 anos depois.

Já o remador britânico Jack Beresford estava na Olimpíada de 1948 como membro do

OS ATLETAS QUE ESTÃO EM SEU AUGE
AGORA TEMEM QUE OS QUATRO ANOS ATÉ
A PRÓXIMA COMPETIÇÃO, SE A ATUAL FOR
CANCELADA, SEJAM À DISTÂNCIA ENTRE
A GLÓRIA DE UM OURO E O ESQUECIMENTO



ATHIT PERAWONGMETHA/REUTERS

Por enquanto, os organizadores mantêm a realização dos Jogos de Tóquio, marcados para começar em 24 de julho

comitê organizador de Londres. Era uma volta aos Jogos, não mais como atleta, quando foi muito bem-sucedido. Beresford ganhou três medalhas de ouro e duas de prata em cinco participações consecutivas em Olimpíadas: 1920, 1924, 1928, 1932 e 1936. O feito foi um recorde no remo por 64 anos, até Sydney, na Austrália, em 2000, quando o também britânico Steve Redgrave conseguiu uma medalha pela sexta edição de Jogos Olímpicos consecutiva. Beresford poderia ter ganho a sexta medalha em 1940, e quem sabe a sétima em 1944. Se conseguisse, se tornaria o maior vencedor de medalhas consecutivas em todos os esportes até hoje.

Como no caso de Beresford, tentar adivinhar o que aconteceria nas Olimpíadas de 1940 e 1944, os chamados Jogos Olímpicos Perdidos, é, claro, um exercício de imaginação baseado em dados dos desempenhos dos atletas naquela época. Difícil prever como eles reagiriam no momento da competição, já que a imprevisibilidade faz parte e é a graça do esporte. Por isso, é complicado entender qual seria o desempenho da delegação brasi-

leira. Se na edição anterior à interrupção o Brasil saiu da Olimpíada sem nenhuma medalha pela última vez, na posterior conquistou um bronze no basquete masculino.

Certo é, porém, que a história das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos poderia ser diferente. A nadadora brasileira Maria Lenk quebrou, em 1939, na preparação para os Jogos de Tóquio, dois recordes mundiais na piscina do Clube de Regatas Guanabara, no Rio de Janeiro, dos 200 e dos 400 metros rasos. Era a grande favorita nas provas e se tornaria a primeira brasileira campeã olímpica, mas seus planos foram destruídos com o cancelamento do evento. Aposentou-se em 1942, distante do pódio olímpico. A primeira medalha — e logo de ouro — para uma mulher brasileira só saiu mais de meio século depois, nos Jogos de Atlanta, em 1996, com a dupla Jacqueline e Sandra, do vôlei de praia. Em esportes individuais, uma campeã olímpica brasileira só surgiu em Pequim, em 2008, com Maurren Maggi, no atletismo. Maria Lenk nunca escondeu sua frustração.

Esse é o medo de muitos atletas, brasileiros e estrangeiros, com o cancelamento dos Jogos pela pandemia. Uma das melhores ginastas do país na atualidade, Rebeca Andrade, finalista no individual geral nos Jogos do Rio, em 2016, ainda está lutando para garantir uma vaga em Tóquio, nove meses depois de passar por uma cirurgia.

Com competições classificatórias adiadas e a incerteza quanto à realização e a data dos Jogos, ela não esconde a preocupação. “Vou fazer tudo que for preciso para me proteger, mas vou viajar para todas as competições que puder. Nem que eu tenha de competir de máscara”, disse, antes de embarcar para Baku, no Azerbaijão, onde disputaria mais uma etapa da Copa do Mundo de Ginástica.

A competição, que já estava em andamento, foi cancelada devido à escalada da pandemia, e os atletas voltaram para o Brasil no último dia 15. Andrade e outros quatro ginastas brasileiros, por precaução, estão em quarentena em um hotel no Rio de Janeiro.

Por que os desdobramentos da pandemia do novo coronavírus levam tantas pessoas a tomar decisões insensatas — da política à economia

por David Cohen

MARCHE DA INSENSATEZ

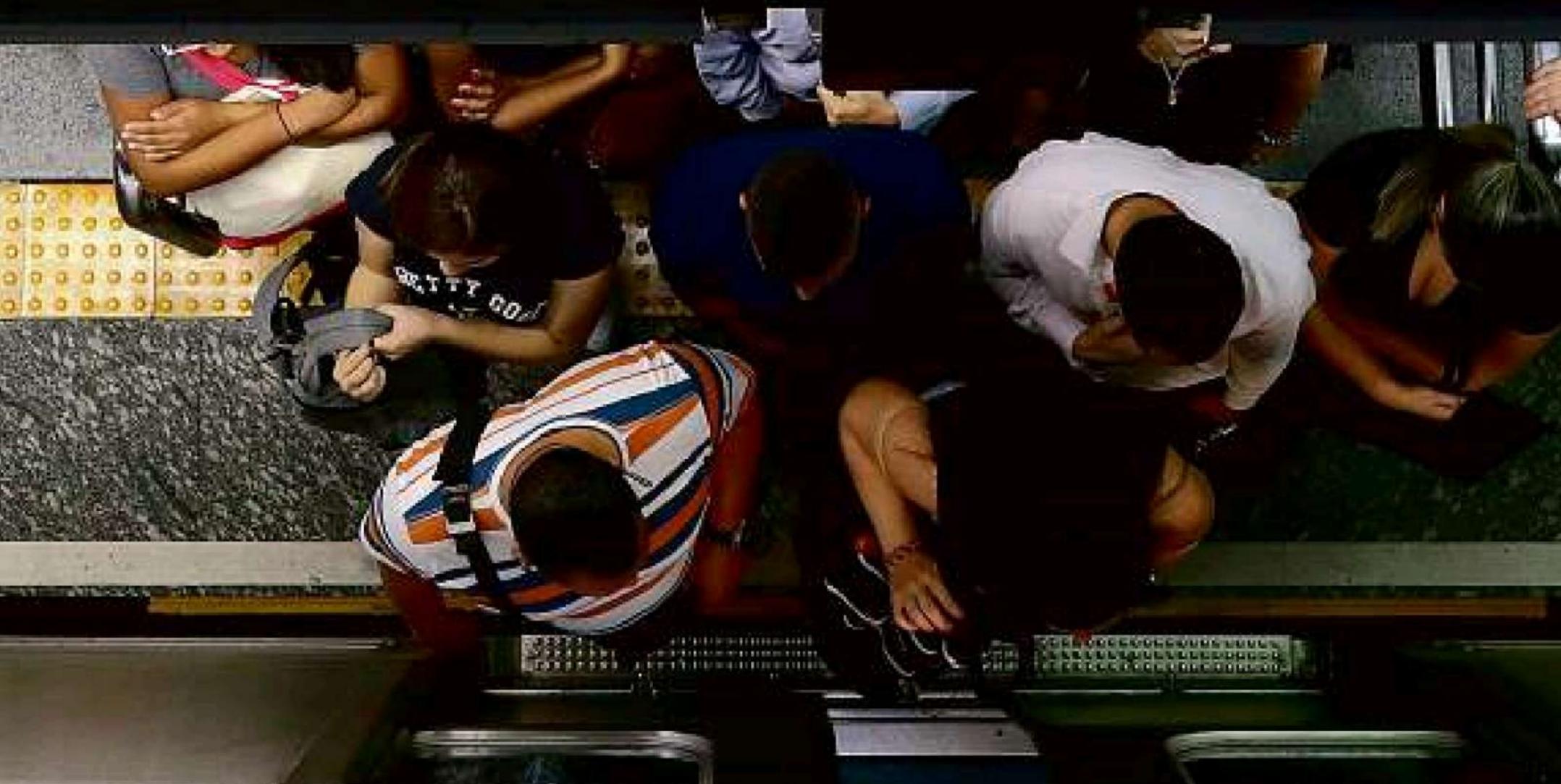
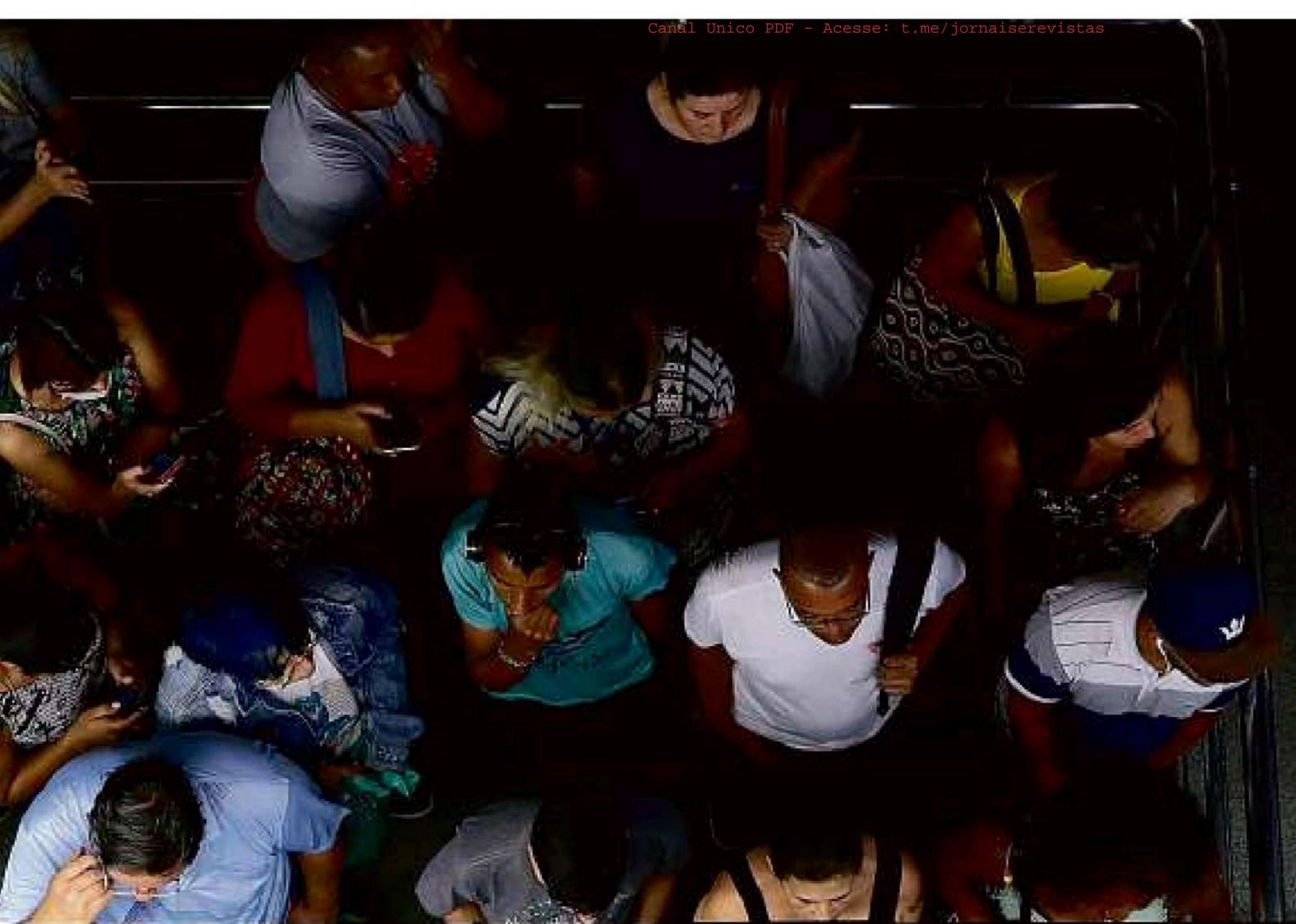
Não parece ter sido um primor de racionalidade a decisão do presidente Jair Bolsonaro de encontrar e cumprimentar dezenas de pessoas que participavam dos atos pró-governo no domingo 15, três dias depois de ter feito seu programa nas redes sociais com máscara de proteção contra o Covid-19. Tampouco parecem muito racionais as declarações de que as medidas, em boa parte tomadas por seu próprio governo, compõem uma reação histórica para prevenir uma pandemia que a seu ver não é lá tudo isso.

Por outro lado, uma parte dos críticos a essas atitudes incorre em deslizes semelhantes. Muitos casamentos e festas infantis, para ficar em apenas dois exemplos, ocorreram nos últimos dias. A quantidade de pes-

soas que espirra e tosse na cara dos outros ainda assombra. Na segunda-feira 16, em meio às medidas de restrição de comparecimento a escolas e locais de trabalho no Rio de Janeiro, chamaram a atenção as aglomerações nas praias. Não era ignorância da ameaça — houve até carros de bombeiros circulando na orla para pedir às pessoas que voltassem para casa. Em São Paulo e outras capitais, os bares continuaram lotados.

Em algumas regiões, os cidadãos saíram às compras para fazer estoque para a quarentena, uma espécie de profecia autorrealizável: o temor de que falem produtos leva à falta de produtos. Mais ou menos como a desvalorização das ações no mercado financeiro, multiplicada pela venda de ativos por

O metrô de São Paulo ficou cheio quando todos já sabiam que era preciso evitar aglomerações



causa do medo da desvalorização. Dá para classificar esses comportamentos como irracionais? Mais ou menos. Todos eles seguem uma lógica, ainda que não seja a lógica mais desejável. E uma primeira explicação para isso pode ser encontrada no clássico *Discurso do método*, uma das obras fundadoras do pensamento ocidental moderno, do matemático e filósofo francês René Descartes, um dos pais do movimento racionalista do século XVII.

Segundo Descartes, o bom senso é a coisa mais bem repartida do mundo: “A faculdade de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é exatamente o que chamamos de bom senso ou razão, é naturalmente igual em todas as pessoas”. Para ele, a diversidade de nossas opiniões não provém de uns serem mais razoáveis que outros, mas do simples fato de que conduzimos nossos pensamentos por diferentes vias e não consideramos as mesmas coisas.

Tomando o presidente Bolsonaro como exemplo, segundo relatos de pessoas próximas, ele parece acreditar na ideia de que o vírus tenha sido uma invenção chinesa para derrubar a economia mundial e baixar os preços das commodities que o país importa, além de lhe permitir comprar ativos de empresas estrangeiras a preços módicos. Outra de suas reações é dizer que a crise interessa a seus inimigos políticos, porque um baque na economia dificultaria sua reeleição.

Esses raciocínios pertencem à classe das teorias da conspiração — que constituem não uma falta, mas um excesso de racionalidade. Trata-se de encontrar razões e evidências muito além de onde elas existam. Há dúvidas sobre se vivemos um período de proliferação das teorias da conspiração ou se elas sempre existiram nesse mesmo nível, apenas estão agora mais visíveis graças às redes sociais. Uma recente pesquisa nos Estados Unidos apontou que metade da população acredita em pelo menos uma das inúmeras teorias que pipocam por aí — como a de que as vacinas provocam autismo, que o pouso dos astronautas americanos na Lua foi encenado em Hollywood ou que a Terra é plana (e há um conluio de governos para nos fazer acreditar que ela não é o centro do Universo).

Teorias da conspiração se apoiam em nossa necessidade mental de atribuir uma estrutura ao Universo e em nossa estupenda

O presidente Bolsonaro, dizem pessoas próximas, acredita que a China fez o coronavírus para ter benefício econômico. Costuma ser difícil demover quem acredita em teorias conspiratórias



MÁRCIA FOLETTO/AGÊNCIA O GLOBO

capacidade de reconhecer padrões. Um bom exemplo dessa capacidade é este aqui: 1-1-0-1-1-0-0-0-1-0-0-1. Você reconheceu algum padrão? A maioria das pessoas reconhece ou se sente frustrada quando não encontra nenhum. Pois esses algarismos representam apenas um cara ou coroa que acabei de fazer com uma moeda, zero para cara, um para coroa.

Evolucionistas afirmam que nossa capacidade de discernir padrões foi aprimorada por uma necessidade de sobrevivência ao longo de centenas de milhares de anos. É melhor interpretar o movimento nas folhas caídas no chão como a aproximação de um felino e eventualmente estar errado do que não percebê-lo e nunca mais ter a possibilidade de se enganar.

A capacidade de encontrar padrões nos permitiu desenvolver a noção de causalidade, mãe da ciência. É nossa maior arma, mas nos é útil até certo ponto. Quando passa do limite, nos leva a acreditar em horóscopos ou em alienígenas que teriam feito

A corrida aos supermercados para estocar comida não faz sentido do ponto de vista do bem-estar da comunidade como um todo, mas...

Turismo em tempo de coronavírus? (ao lado)



RICARDO MORAES/REUTERS

desenhos em formações rochosas. Ou, modernamente, em teorias da conspiração.

Claro, um dos principais motivos para acreditarmos em teorias da conspiração é que algumas delas se revelam verdadeiras ou ao menos parcialmente verdadeiras. O escândalo de Watergate, nos anos 1970 nos Estados Unidos, ou a ideia de que o presidente eleito Tancredo Neves estava à beira da morte antes de tomar posse foram inicialmente tratados como teorias da conspiração. Um estudo de 2015 concluiu que as pessoas que não acreditavam em teorias da conspiração também tinham mais probabilidade de não acreditar nas conspirações verdadeiras. Não se trata, portanto, de uma escolha entre ser cético ou crédulo. A questão é calibrar nossa confiança.

Com um certo cuidado para não adotar a fácil explicação de que a solução é educar o povo, há, sim, evidências de que pessoas mais afeitas ao pensamento analítico são menos propensas a acreditar em qualquer teoria. Não quer dizer que as pessoas tenham de ser treinadas em ciências. Mas é

bom que saibam reconhecer as características de um discurso científico.

Uma das principais, conforme estabeleceu o filósofo britânico Karl Popper, é que teses científicas têm de ser passíveis de negação. Elas só têm valor se pudermos pensar em uma experiência capaz de provar que estão erradas. Teorias da conspiração, ao contrário, nunca podem ser efetivamente negadas. A cada observação que as contradiga, seus proponentes agregam uma nova volta de raciocínio para mantê-las de pé.

A capacidade de encontrar os padrões e razões mais diversos para justificar comportamentos é um dos elementos que explicam reações duvidosas em momentos de crise. A outra é que nossa racionalidade não é assim tão boa quanto cremos.

Apenas uma geração depois de Descartes e seu movimento racionalista, o filósofo britânico David Hume já apresentava objeções à importância exagerada concedida à razão. Descartes, com seu famoso “Penso, logo existo”, acreditava ser possível apreender a realidade



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTA
ACE/FE: t.me/jornaiserevistas



SERGIO MORAES/REUTERS

com base no raciocínio. Para Hume, assim como para alguns de seus contemporâneos depois chamados de empiricistas, só a experiência pode ser a fonte de nossas informações sobre a realidade. Na filosofia de Hume, as paixões motivam a ação, enquanto a razão e o entendimento estão a serviço da paixão.

Modernamente, a neurociência não apenas deu razão a Hume, como potencializou seus argumentos. No livro *O erro de Descartes* o neurocientista português António Damásio mostra que as emoções funcionam como um filtro das informações, sem o qual a razão se torna inútil.

Um embate semelhante tem acontecido na ciência econômica, nas últimas décadas. Curiosamente, o filósofo Adam Smith, amigo e seguidor de Hume, deu origem à noção de que o mercado — o conjunto das interações humanas — funciona harmoniosamente porque cada indivíduo persegue seus próprios objetivos. Essa ideia ganhou força com a filosofia utilitarista, dos também britânicos Jeremy

Bentham e John Stuart Mill, cuja essência é promover ações que maximizem a felicidade e o bem-estar dos indivíduos afetados.

Uma premissa dessas teorias é, obviamente, que as pessoas saibam o que lhes faz bem. Que suas ações sejam guiadas de acordo com seus interesses e que, ao atingi-los, as pessoas se sintam melhor do que antes. Daí derivou a noção de um indivíduo, depois apelidado de *Homo economicus*, que baseia suas ações na racionalidade, em busca de interesses que lhe são caros — e claros.

O edifício dessas teorias começou a sofrer ataques por volta da década de 1950, quando o economista e psicólogo americano Herbert Simon explicitou o conceito de racionalidade limitada. Segundo ele, mesmo num mercado perfeito, em que as informações estão distribuídas uniformemente, as decisões são imperfeitas, porque o cérebro humano é incapaz de processar os dados com a velocidade e a acurácia necessárias. Ou seja: ninguém se comporta como o *Homo economicus* porque as pessoas não têm capacidade

Praias e bares continuaram cheios como se o coronavírus não estivesse entre nós

A ideia de que sempre fazemos escolhas racionais em busca do bem-estar caiu por terra porque somos suscetíveis a vieses, como acreditar em mentiras que são repetidas muitas vezes



FABIO MOTTA/AGÊNCIA O GLOBO

para absorver e avaliar um número tão grande de informações.

Na esteira de Simon surgiu um campo inteiro, a economia comportamental. Seus mais ilustres representantes são os israelenses Daniel Kahneman e Amos Tversky, ganhadores do Nobel com estudos pioneiros sobre os vieses de raciocínio, desvios de pensamento que tornam nosso cérebro menos que perfeito.

A busca de uma estrutura para o Universo, por exemplo, é um viés de raciocínio. Outro é a prova social, conforme estudado pelo psicólogo americano Stanley Milgram em 1961. Em seu engenhoso experimento, Milgram colocou uma pessoa numa esquina olhando para cima. Nessa situação, apenas 4% dos transeuntes paravam para olhar o que estava acontecendo lá em cima — que era nada. Conforme o grupo de observadores do nada crescia, porém, o número de transeuntes que paravam aumentava. Com um grupo de 15 voluntários, cerca de 40% dos passantes se juntavam na observação. Diversos estudos posteriores atingiram a conclusão

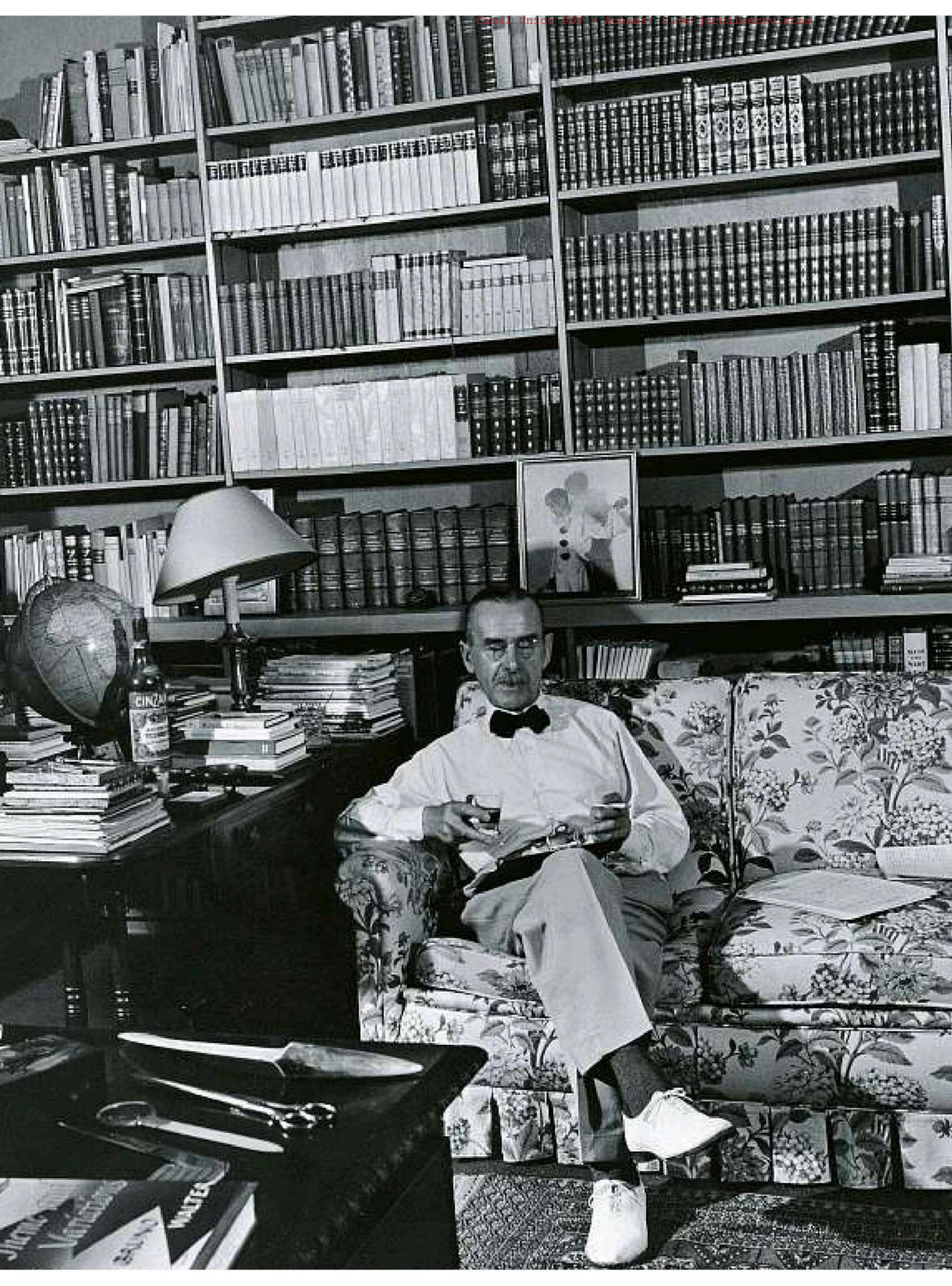
de que a prova social — fazer o que os demais membros do grupo estão fazendo — é uma técnica de persuasão mais eficaz do que a prova baseada em evidências.

Um terceiro viés é o viés da confirmação, nossa tendência a prestar mais atenção ou deliberadamente buscar informações que confirmem nossas crenças já estabelecidas. Repare que o viés de confirmação funciona da maneira oposta ao método científico — que recomenda a busca de provas contrárias a sua teoria, na esperança de que ela sobreviva.

Um quarto viés é o da familiaridade. Ele vai na linha da famosa frase de Joseph Goebbels, o ministro da propaganda de Adolf Hitler, segundo a qual “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. Experimentos têm mostrado que afirmações repetidas algumas vezes levam as pessoas a classificá-las como verdade mais vezes do que a princípio.

Outro viés é o de atribuir importância ao que nos chama mais a atenção. Um exemplo clássico é que temos mais medo de andar de avião do que de andar de carro, porque temos lembranças mais fortes do noticiário de quedas de avião, embora estatisticamente seja mais seguro viajar pelos ares do que pelas estradas. Uma consequência dramática desse viés foi que, no ano seguinte ao ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, morreram cerca de 1.600 pessoas a mais do que a média nas estradas, graças ao medo de pegar avião.

Há, enfim, uma lista quase interminável de vieses de raciocínio. Pode-se inferir até que haja na economia comportamental um viés de encontrar vieses. Um exemplo é o efeito bumerangue, segundo o qual as pessoas, confrontadas com evidências contrárias a suas crenças, se tornam ainda mais resistentes a mudar de ideia. Com base nesse fenômeno, foram escritos vários artigos sugerindo que, para convencer alguém a abandonar uma teoria da conspiração, seria mais eficaz primeiro ganhar sua confiança, “entrar no grupo”, estabelecer um terreno comum de simpatias e só depois minar, com muito cuidado e delicadeza, a base de suas paranoias. Embora esses conselhos talvez sejam válidos, em 2017 uma série de pesquisas com mais de 10 mil participantes estabeleceu que as pessoas recuam, sim, de suas ideias quando confrontadas com evidências contrárias ou quando lhes são apontadas inconsistências lógicas.



DE BOCCACCIO A CAMUS E GARCÍA MÁRQUEZ, A LITERATURA OFERECE UMA VIAGEM A OUTROS TEMPOS EM QUE HOMENS E MULHERES ENFRENTARAM O MEDO E O SOFRIMENTO COM GRANDES EPIDEMIAS

por Jerônimo Teixeira

AS CRÔNICAS DA PESTE

Se o coronavírus representa um perigo maior para os pacientes acima dos 60 anos, a peste negra matava muitos jovens. Talvez até se possa contar o casal adolescente mais célebre da literatura entre as vítimas da doença. Sim, o fim trágico de Romeu e Julieta foi, de forma indireta, precipitado pela peste. Em Verona, Frei João fora encarregado de levar a Romeu, exilado em Mântua, uma carta em que se revelava o estratagema com que Julieta escaparia ao indesejado casamento com Páris, que a família lhe impunha: uma droga poderosa faria a moça entrar em um coma severo, semelhante à morte. Antes da viagem, porém, o bom frade é detido em meio a seu trabalho de caridade: a porta da casa onde atendia doentes foi selada pelas patrulhas sanitárias — procedimento que se adotava para isolar o mal por volta de 1595, quando William Shakespeare

escreveu *Romeu e Julieta*. A carta nunca chega ao jovem apaixonado, e segue-se o triste e conhecido final: Romeu bebe veneno ao ver o corpo inanimado de Julieta na cripta dos Capuletos; Julieta desperta ao lado do amado morto e usa o punhal dele para também se suicidar. A peste nunca ocupou o centro dos dramas de Shakespeare, mas alusões ao mal seriam inescapáveis. Em uma carreira de dramaturgo, ator e sócio de companhia teatral que se estende da década de 1590 aos primeiros anos da década de 1610, Shakespeare viu várias temporadas suspensas por causa de surtos da doença que, em sua expansão pandêmica no século XIV, teria extirpado mais de 100 milhões de vidas. Hoje, quando por todo o mundo também se cancelam peças teatrais — e shows, festas, eventos esportivos — para limitar o contágio do Covid-19, a leitura de

Thomas Mann, autor de *A montanha mágica*, que retratava o “mal do século”, a tuberculose, e de *Morte em Veneza*, sobre a epidemia de cólera na cidade italiana



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTA
ACE/E: t.me/jornaiserevistas

O RETRATO MAIS EXPRESSIVO QUE JÁ SE FEZ DE UMA EPIDEMIA AINDA SE ENCONTRA NAS PÁGINAS INICIAIS DE DECAMERON, DO FLORENTINO BOCCACCIO. ELE PERDEU O PAI PARA A PESTE. A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DA DOENÇA ERAM OS CHAMADOS “BUBÕES” (INFLAMAÇÕES NOS GÂNGLIOS; DAÍ O NOME “PESTE BUBÔNICA”), QUE EM ALGUNS CASOS “ATINGIAM O TAMANHO DE UMA MAÇÃ”



BOB PETERSON/THE LIFE IMAGES COLLECTION/GETTY IMAGES

obras literárias que no passado trataram de grandes epidemias pode nos dar alguma perspectiva sobre a presente ameaça viral.

Composto provavelmente entre os séculos IX e VIII a.C., a *Ilíada*, poema épico de Homero, começa com a peste devastando o acampamento dos gregos em cerco à cidade inimiga de Troia. Desde sempre o caráter de maldição divina aparece de algum modo associado às epidemias: é o deus Apolo que, com arco e flecha, faz a moléstia cair primeiro sobre mulas e cães, depois sobre os helesos. O poema homérico, tão detalhista na descrição de batalhas ou dos adereços do escudo de Aquiles, nada diz sobre a doença e seus sintomas. O retrato mais expressivo que já se fez de uma epidemia provavelmente ainda se encontra nas páginas iniciais de *Decameron*, do italiano Giovanni Boccaccio. Essa coletânea de contos tende a ser colocada

com muita ligeireza na prateleira dos livros eróticos, quando na verdade nem todos os seus relatos são povoados por padres fesceninos. E a moldura histórica com que Boccaccio enquadra seus contos diz respeito mais à morte do que ao amor: contar histórias foi o aprazível modo como dez jovens florentinos — sete donzelas e três rapazes — resolveram passar o tempo na idílica propriedade rural onde buscaram refúgio quando a peste, vinda do Oriente, chegou a Florença, em 1348.

Estima-se que um quinto da população da cidade morreu então. O florentino Boccaccio viu a devastação de perto e perdeu o pai para a peste. A principal característica da doença, informa o prefácio do *Decameron*, eram os chamados “bubões” (inflamações nos gânglios; daí o nome “peste bubônica”), que em alguns casos “atingiam o tamanho de uma maçã”. Desse inchaço nas

Philip Roth, em *Nêmesis*, descreve a epidemia de poliomeélite em Newark, reduto judeu no entorno de Nova York



LOOMIS DEAN/THE LIFE PICTURE COLLECTION/GETTY IMAGES

virilhas e axilas, a doença progredia para o resto do corpo, em “manchas negras ou lívidas” que constituíam “indício inegável de morte próxima”, em geral depois de três excruciantes dias. Os médicos nada sabiam nem das causas da doença, nem dos meios para tratá-la. Era frequente que só se soubesse da morte de um vizinho quando seu corpo começava a feder, e os mais pobres morriam à míngua, na rua. As cerimônias fúnebres eram apressadas e superficiais: jogava-se o cadáver na cova mais próxima. A observação arguta de Boccaccio documenta a erosão que a epidemia causou nos laços sociais mais básicos. Por medo de contágio, evitavam-se os doentes, que não raro agonizavam sozinhos, sem ter quem os amparasse. Algumas pessoas fechavam-se em suas casas, vivendo de provisões frugais à espera do fim da epidemia; outras entregavam-se à

bebida, à diversão e ao “comportamento animalesco”. Extinguira-se “a veneranda autoridade das leis divinas e humanas”, lamenta Boccaccio, e por isso tornara-se “lícito para cada um fazer o que bem entendesse”.

O quadro dramático de Florença no século XIV se repetiria em Londres no século XVII, a julgar por *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe, mais conhecido como autor de *Robinson Crusoe*. Publicado em 1719, o livro é um relato sobre o último grande surto da peste em Londres, em 1665, tal como testemunhado por um sobrevivente. É difícil decidir se essa é uma obra de ficção ou um relato documental. Nascido em 1660, Defoe seria muito pequeno para ter observado a degradação que a epidemia provocou na cidade com o nível de detalhe que sua narrativa apresenta, mas pode ter

Albert Camus, que escreveu *A peste* em 1947, descreveu um bacilo que dizimou uma cidade argelina — e que jamais foi exterminado

reproduzido o que ouviu de testemunhas mais velhas — um tio seu, como o narrador da história, trabalhava então em Londres na confecção de selas. De todo modo, é um relato vívido do horror da peste, ainda que às vezes um tanto fastidioso no registro do número de mortes em cada paróquia de Londres. Residente em um dos últimos bairros atingidos pela doença, o narrador acompanha a progressão da morte com uma curiosidade às vezes compadecida — como quando narra o caso da senhora que enlouquece ao perder a filha única, de 19 anos —, às vezes mórbida — ele faz questão, por exemplo, de testemunhar o sepultamento de pilhas de cadáveres em uma vala comum. O leitor aprende que em 1665 persistia ainda o procedimento — mencionado cerca de 70 anos

antes em *Romeu e Julieta* —, de lacrar as casas onde havia doentes, pintando uma cruz vermelha na porta. Defoe conta casos de famílias desesperadas que quebravam paredes para fugir a esse isolamento compulsório.

Comparando *Um diário...* ao *Decameron*, não se nota avanço significativo no conhecimento científico da doença. Defoe, muito de passagem, menciona os ratos: as autoridades londrinas incluíram os roedores na campanha de extermínio a cães e gatos que, supunham, carregariam a doença de uma casa para outra. Não se suspeitava o papel da pulga do rato na disseminação da moléstia, cujo agente, a bactéria *Yersinia pestis*, só seria descoberto no final do século XIX. Albert Camus escreveu outro clássico das

À direita, Giovanni Boccaccio, em gravura de Achille Deveria, escreveu *Decameron*, uma das mais minuciosas crônicas da peste bubônica, que varreu a Europa e a Ásia no século XIV

Abaixo, o colombiano Gabriel García Márquez, ganhador do Nobel, que escreveu o romance *O amor nos tempos do cólera* como relato quase jornalístico da doença tão recorrente quanto mortal em países subdesenvolvidos

A PESTE, DE CAMUS, COMEÇA COM UMA ESTRANHA ERUPÇÃO DE RATOS AGONIZANTES NA ARGÉLIA. EM SEGUÍDA, TODOS ADOECEM, E A EPIDEMIA SEGUE SEU CICLO MORTAL, ATÉ DESAPARECER, MAS NÃO DE TODO: O MÉDICO RIEUX SABE QUE O BACILO "NÃO MORRE NEM DESAPARECE NUNCA", PERMANECENDO ADORMECIDO POR ANOS ATÉ UM NOVO SURTO

BETTMANN ARCHIVE





epidemias, já com conhecimento científico das causas do mal. *A peste*, romance de 1947, começa com uma estranha erupção de ratos agonizantes em Orã, na Argélia (país onde o autor nasceu, filho de pais franceses). Em seguida, as pessoas adoecem, e a epidemia segue seu ciclo mortal, até desaparecer, mas — e este é o ponto-chave do romance — não de todo: o médico Rieux sabe que o bacilo “não morre nem desaparece nunca”, permanecendo adormecido por anos até um novo surto. Ao fundo do drama médico, há alusões a uma ferida nacional então ainda muito recente na França, o colaboracionismo de muitos cidadãos do país durante a ocupação nazista, e também uma reflexão moral sobre como se portar diante não apenas da doença, mas da opressão, do terror, do mal. O romance foi recebido com incompreensão e até alguma hostilidade pela crítica, em um contexto no qual se exigia do intelectual o alinhamento claro com esta ou aquela ideologia (a tal “polarização” não é tão recente quanto se pensa). “Camus era um homem apolítico”, define o historiador inglês Tony Judt no livro *O peso da responsabilidade*. Isso não quer dizer que ele fosse descompromissado com as questões de seu tempo, ao contrário: apenas não sentia o apelo do que Judt chamou de “encantos do engajamento”.

Com suas evocações medievais de paisagens povoadas por esqueletos — como o quadro *O triunfo da morte*, de Bruegel —, a peste parece ter se consolidado como a mais “literária” das doenças epidêmicas. A tuberculose, que matou artistas e escritores das mais variadas estirpes — de Casimiro de Abreu a Franz Kafka —, já carregou a aura romântica do “mal do século” (no caso, século XIX), mas não serve para grandes painéis de degeneração social (embora o sanatório para tuberculosos tenha fornecido a Thomas Mann o cenário ideal para representar os dilemas morais e intelectuais da Europa do início do século XX em *A montanha mágica*).

Um sucedâneo da peste na história da renhida luta entre a humanidade e os agentes patogênicos também ganhou sua dose de celebridade literária: o cólera. Doença associada a más condições sanitárias, o cólera grassava em Veneza quando Thomas Mann (ele de novo) passou férias na cidade, em companhia da mulher, em 1911. Lá, o escritor alemão ficou fascinado com a beleza de um



No século XVII, a Grande Praga (em gravura à dir.) eliminou o que se estima ser quase 20% da população de Londres

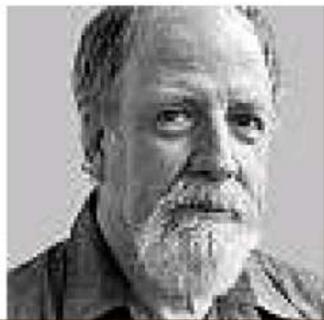
menino polonês, Wladyslaw Moes. *Morte em Veneza*, publicado no ano seguinte, transfigura esses dados biográficos: o escritor alemão Gustav von Aschenbach passa, sozinho, as férias em Veneza, onde é seduzido pela beleza de Tadzio, um polonês de 14 anos hospedado com a família, no mesmo hotel. O cólera é uma presença atmosférica ao longo do livro, um mal elusivo que se denuncia aqui pelas emanações pestilentas dos canais de Veneza, ali pelo cheiro do detergente com que as autoridades locais tentam inutilmente conter o surto. Os habitantes locais sonégam informações aos turistas, mas Aschenbach afinal ouve a verdade de um agente de viagens inglês. O escritor tenta deixar a cidade, mas, retido por uma confusão com sua bagagem, acaba ficando, intoxicado pelos ares decadentes de Veneza e encantado pela beleza ideal de Tadzio.

Esteta enraizado no humanismo europeu, Aschenbach se deixa arrebatado pela ilusão de rejuvenescimento representada por Tadzio, e talvez a Europa, então às vésperas de uma guerra cruenta, estivesse se perdendo com ele. Thomas Mann, um tanto mais lúcido, deixou Veneza quando soube do cólera. A doença reaparece em *O amor nos tempos do cólera*, romance do colombiano Gabriel García Márquez lançado em 1985. De volta à Colômbia depois de realizar estudos em Paris, o médico Juvenal Urbino empenha-se em corrigir as condições sanitárias que tornaram o cólera endêmico em sua cidade natal (não nomeada no livro). Parece que só Urbino, em toda a cidade, “tinha a consciência da ameaça mortal que era a água de beber”. Seu pai, também médico, morrera da doença quando tentava debelar uma epidemia, ao tempo em que Juvenal estava na Europa. Aqui, as características sociais da doença — sua associação com a miséria e com a desídia das autoridades urbanas — é bem mais enfatizada. A descrição dos cemitérios que “transbordavam” de cadáveres durante a epidemia lembra descrições igualmente tétricas no *Decameron* e em *Um diário do ano da peste*.

Nos anos 80 do século passado, a epidemia de HIV parecia barrar o ímpeto da revolução sexual da década de 1960, e a aids se impôs como a peste pós-moderna. Entre outras obras, a peça *Anjos na América*, de

Tony Kushner, e o romance *As horas*, de Michael Cunningham, dedicaram-se ao tema. No século XXI, veríamos um grande escritor sair de cena com uma história centrada sobre a já um tanto esquecida epidemia de poliomielite. A ação de *Nêmesis*, do americano Philip Roth, transcorre em Newark, cidade natal do autor, em 1944 — a primeira vacina contra a pólio só seria desenvolvida por Jonas Salk 11 anos depois; e a vacina de Albert Sabin, mais eficiente, começaria a ser empregada em 1961. O herói do livro é o professor de educação física Eugene “Bucky” Cantor. Impedido de servir às Forças Armadas na Segunda Guerra Mundial por problemas de visão, Bucky resigna-se a treinar as crianças na escola do bairro judaico onde sempre viveu. Quando um surto de poliomielite começa a afligir seus alunos, ele toma uma decisão cujas consequências evocarão as ideias trágicas de destino e predestinação que tais doenças carregam desde que Apolo alvejou soldados gregos com as setas da peste. O livro foi publicado em 2010, e dois anos depois Roth anunciava sua aposentadoria: não escreveria mais ficção. Morreu em 2018, aos 85 anos. *Nêmesis* não tem a estatura de obras anteriores como *O teatro de Sabbath* ou *A marca humana*, mas representa um belo ponto final para a obra do escritor.

Parecerá talvez mórbido buscar os livros indicados aqui para eventuais dias de ociosidade na prática hoje recomendada — e já imperativa em países como Itália e Espanha — do “distanciamento social”. Quem, em meio a uma pandemia global, quer saber das covas coletivas das vítimas de peste de que fala Defoe, ou ler a descrição que Thomas Mann faz da agonia provocada pelo “cólera seco”, ou acompanhar os personagens de Philip Roth ao pulmão metálico que os socorre quando a pólio compromete a respiração? O leitor que se dispuser à empreitada, no entanto, talvez encontre o consolo de saber que não estamos sozinhos, que outros homens e mulheres, antes de nós, enfrentaram o medo e o sofrimento da doença. Os dez jovens que Boccaccio nos apresenta em *Decameron* ensinam ainda o valor de compartilhar histórias nos momentos de dor. E provam que é possível resguardar instantes de alegria mesmo quando a peste nos confronta com a precariedade da vida humana._____



L.R.

epoca@edglobo.com.br

LARRY ROHTER, JORNALISTA E ESCRITOR, É EX-CORRESPONDENTE DO *NEW YORK TIMES* NO BRASIL E AUTOR DE *RONDON, UMA BIOGRAFIA*

A PANDEMIA TEM UM CULPADO: A CHINA

Só se fala do coronavírus, mas já estou pensando na próxima pandemia e em como lidar com ela. Isso porque, num mundo cada vez mais interligado, pode ter certeza que haverá outra. E de onde virá? Não sabemos, mas podemos especular, olhando para as origens das anteriores: a gripe de 1958 veio da China, a gripe de 1968 veio da China, em 2002 o Sars veio da China, a gripe suína de 2009 provavelmente veio da China, e agora o Covid-19 veio da China.

Não podemos solucionar o problema de pandemias sem a participação do regime autoritário que governa 20% da humanidade.

Só que o Partido Comunista, que acha que não precisa prestar contas a ninguém, tem adotado uma postura beligerante — veja o que aconteceu quando Eduardo Bolsonaro ousou dizer algumas verdades nuas e cruas — e não coopera com o resto do mundo. No mês passado, reclamei da resistência dos chineses em colaborar com a OMS e as demais agências especializadas. Agora a situação mudou, mas não muito: dados começaram a fluir, mas, como sempre na China, parecem maquiados, não são confiáveis, e a presença de estudiosos independentes continua severamente restrita. Mesmo assim, o diretor da OMS tem proferido elogios pelas parcas informações, com medo de ofender os chineses e ter a porta fechada novamente.

Como é praxe nas ditaduras, a reação oficial à crise, inicialmente muito lenta, pulou de 8 a 80. Depois de fingir durante dois meses que nada estava errado, o governo decretou uma série de medidas drásticas: milhões em quarentena obrigatória, a construção de novos hospitais em apenas dez dias e censura ainda mais ferrenha da internet, borrando qualquer crítica do descaso inicial e impossibilitando a troca de informações entre populares e governantes. Como o presidente da Câmara Europeia de Comércio em Pequim declarou ao *New York Times*, “a caixa de ferramentas dos chineses parece ter nada mais que martelos”.

Pior ainda, defensores do regime têm sustentado que as críticas ao país e à maneira como a crise foi enfrentada lá são racistas. Não são. Ninguém está reprovando Taiwan, Hong Kong ou Cingapura — a maioria de seus cidadãos também têm ascendência chinesa — pelas políticas de seus governos.

Não, o alvo é apenas a República Popular da China (RPC) — que de “república” ou “popular” não tem nada.

Há várias outras incoerências na resposta da RPC que devem preocupar a todos nós. Depois de condenar medidas de outros países para evitar que o vírus se alastre — evacuação de estrangeiros de Wuhan, proibições à entrada de chineses — como alarmismo indevido, a China tomou as mesmas providências assim que o número de casos lá começou a cair. Ao mesmo tempo, lançou uma campanha para semear dúvidas sobre as origens do vírus: um porta-voz da chancelaria declarou que na verdade ninguém tem certeza de onde veio o vírus, e no dia 12 outro, usando um aplicativo bloqueado na China, tuitou que “talvez tenha sido o Exército Americano que trouxe o vírus a Wuhan” e que Washington “nos deve uma explicação!”.

Mas, enquanto Donald Trump e Jair Bolsonaro sofrem críticas duras (e justificadas) por terem atrapalhado a resposta de seus governos, a televisão estatal chinesa (não existe outra) mostra famílias em quarentena, em cenas claramente encenadas, aplaudindo de suas janelas o máximo líder, o infalível Xi Jinping — o principal responsável pela propagação mundial da doença. E, com a crise aparentemente começando a minguar, o aparelho de propaganda passou, inclusive, a exigir o agradecimento do resto do mundo à China, que “sozinha, com sua própria força, barrou decididamente a epidemia”. É muita cara de pau.

Na verdade, se existe racismo, é por parte dos próprios chineses. Em 1982, fui direto do Rio de Janeiro para ser correspondente em Pequim e senti na pele a xenofobia e o desprezo que infectam a sociedade chinesa. Brasil e Estados Unidos são países pluralistas, uma “geleia geral”, para roubar a frase genial de Gilberto Gil, de várias raças, etnias, povos e religiões. A China não: de seu 1,4 bilhão de habitantes, 92% são da etnia han, ensinados a pensar que, como detentores de uma civilização de 5 mil anos, são superiores aos demais. Na rua, os poucos negros foram rotineiramente chamados de “macacos”, os japoneses de “bárbaros peludos” e os brancos de “yangguidz”, ou “demônios-fantasmas de além-mar”.

A China tem o direito de se governar do jeito que quiser. Mas não pode, de jeito nenhum, brincar com a saúde do resto do mundo só para proteger os interesses de uma elite que acha que todo mundo que não é han é inferior. Aí está o grande perigo. O Covid-19 vai passar. A prepotência da RPC, não.—

MULHERES NA LIDERANÇA 2020

Empresas que apostam em um ambiente mais favorável para a mulher e sua carreira merecem um prêmio. A SUA PODE ESTAR ENTRE ELAS.

Vem aí uma nova edição da premiação que destaca as companhias com as melhores práticas e políticas corporativas para a equidade de gênero e a liderança feminina no Brasil.

A pesquisa, realizada pelo **Instituto Ipsos**, é uma iniciativa da **WILL (Women in Leadership in Latin America)** em parceria com **O Globo**, **Valor Econômico**, **Marie Claire** e **Época Negócios**.

Inscreva a sua empresa até 27/04 em www.latamwill.org



Pesquisa:



Realização:



Apoio metodológico:



V O L V O

O carro que protege a sua família, agora ajuda a proteger o futuro dela.

Volvo XC40, agora com motor Plug-in Hybrid.
Com carregamento via plug-in, 262hp de potência no Modo Power
e zero emissões de poluentes no Modo Pure.
Projetado para você, por um futuro mais sustentável para todos.

Volvo XC40 Plug-in Hybrid | Our Idea of Luxury.



Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)